

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA**

LUCAS BLANK FANO

**MIGRAR, MORAR E TRABALHAR: HISTÓRIAS DE VIDA EM UMA VILA
OPERÁRIA DE TOLEDO-PR (1970-1990)**

MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

LUCAS BLANK FANO

**MIGRAR, MORAR E TRABALHAR: HISTÓRIAS DE VIDA EM UMA VILA
OPERÁRIA DE TOLEDO-PR (1970-1990)**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História, nível Mestrado, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon.
Orientador: Profª. Dra. Aparecida Darc de Souza.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON - PR.

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

F214m Fano, Lucas Blank
Migrar, morar e trabalhar: histórias de vida em uma vila operária de Toledo-PR (1970-1990). / Lucas Blank Fano.— Marechal Cândido Rondon, 2017.
106 f.

Orientadora: Profª. Drª. Aparecida Darc de Souza

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2017
Programa de Pós-Graduação em História

1. Trabalho. 2. Habitação. I. Souza, Aparecida Darc de. II. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. III. Título.

CDD 20.ed. 331.098162
CIP-NBR 12899



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Campus de Marechal Cândido Rondon - CNPJ 78680337/0003-46

Rua Pernambuco, 1777 - Centro - Cx. P. 91 - http://www.unioeste.br

Fone: (45) 3284-7878 - Fax: (45) 3284-7879 - CEP 85960-000

Marechal Cândido Rondon - PR.



PARANÁ

GOVERNO DO ESTADO

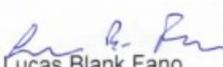
Programa de Pós-Graduação em História

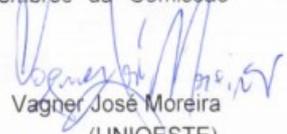
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE LUCAS BLANK FANO, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

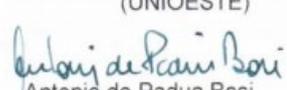
Ao(s) 30 dia(s) do mês de novembro de 2017 às 14h00min, no(a) nas dependências da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon – UNIOESTE, sala de aula do mestrado (nº 60), realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) Lucas Blank Fano, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Fernando Mendonça Heck, Aparecida Darc de Souza, Vagner José Moreira, Antonio de Padua Bosi. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Aparecida Darc de Souza, orientador(a) do(a) candidato(a). Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) candidato(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado, intitulada: "Migrar, morar e trabalhar: Histórias de vida em uma Vila Operária de Toledo-Pr (1970 – 1990)". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Fernando Mendonça Heck, Vagner José Moreira, Antonio de Padua Bosi. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. E, para constar, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - Campus de Marechal Cândido Rondon, lavra a presente ata, e assina juntamente com os membros da Comissão Examinadora e o(a) candidato(a).


Orientador(a) - Aparecida Darc de Souza
(UNIOESTE)


Fernando Mendonça Heck
(IFSP)


Lucas Blank Fano
Candidato(a)


Vagner José Moreira
(UNIOESTE)


Antonio de Padua Bosi
(UNIOESTE)


Prof. Dr. Marcelo Antônio Both da Silva
Coordenador do Programa de
Pós-Graduação em História
Mestrado e Doutorado
Portaria nº 6213/2016-GRE

AGRADECIMENTOS

Esse é o resultado de um trabalho coletivo. Há pessoas que devo agradecer pela ajuda durante o trajeto de pesquisa e escrita desta dissertação.

Agradeço a Guilherme Dotti Grando por ter proporcionado de várias maneiras condições para que eu concluísse o trabalho. Ele foi (e é), principalmente, um grande amigo.

Agradeço a minha orientadora, Aparecida Souza, pela leitura atenta e pela paciência que demonstrou durante todo o caminho trilhado.

Agradeço a Antonio Bosi por compartilhar sua vasta experiência de pesquisa, auxiliando inclusive na realização de algumas entrevistas.

Agradeço a Gustavo Schneider pela ajuda fundamental na coleta de informações que se mostraram de suma importância para o trabalho.

Agradeço a Daniela Henrichsen por todo carinho e apoio durante os momentos mais difíceis.

Agradeço a todos os colegas do PPGH da UNIOESTE – estudantes e professores - pelas proveitosas discussões que certamente auxiliaram em meu amadurecimento como historiador.

Por fim, agradeço a CAPES pela bolsa de estudos que possibilitou a realização de grande parte deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho objetivou compreender a experiência social dos trabalhadores empregados no frigorífico da Sadia, entre as décadas de 1970 e 1990, e que também foram moradores de uma vila operária da empresa em Toledo, região Oeste do Paraná. Essas experiências foram analisadas por meio de um corpus oral. As pessoas entrevistadas durante a pesquisa são migrantes vindos do campo e que buscavam melhores condições de trabalho e vida na cidade. Especificamente, nos interessou analisar os sentidos e os significados do trabalho e da moradia presentes na memória dos trabalhadores e como essa relação se desenvolveu no período pesquisado.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Moradia; Vila operária.

RESUMEN

Migrar, vivir y trabajar: historias de vida en una villa obrera de Toledo – PR (1970-1990)

Este trabajo tiene el objetivo de comprender la experiencia social de los trabajadores empeñados en el frigorífico de Sadia, entre las décadas de 1970 y 1990, y que también fueron habitantes de una villa obrera de la empresa en Toledo, región de Oeste de Paraná. Las principales fuentes utilizadas son entrevistas. Las personas entrevistadas durante este trabajo fueron migrantes llegados del campo que buscaban mejores condiciones de trabajo y vida en la ciudad. Específicamente, nos interesa analizar los sentidos y significados del trabajo y de la vivienda presente en la memoria de los trabajadores y cómo esta relación se ha desarrollado en el período estudiado.

PALABRAS-CLAVE: Trabajo; Vivienda; Villa obrera.

LISTA DE IMAGENS

<u>IMAGEM 01: Área que compreendia o antigo "Pouso Frio"</u>	<u>50</u>
<u>IMAGEM 02: A vila e o frigorífico</u>	<u>50</u>
<u>IMAGEM 03: Planta da vila operária</u>	<u>71</u>
<u>IMAGEM 04: O frigorífico e a vila</u>	<u>76</u>
<u>IMAGEM 05: Foto da frente uma das casas da vila</u>	<u>79</u>
<u>IMAGEM 06: Foto do lado de uma das casas da vila</u>	<u>79</u>
<u>IMAGEM 07: Foto do interior de uma das casas da vila</u>	<u>80</u>
<u>IMAGEM 08: Horta da escola Walter Fontana</u>	<u>82</u>
<u>IMAGEM 09: Desfile de 07 de setembro da escola Walter Fontana</u>	<u>91</u>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: DO CAMPO PARA A CIDADE: EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR.....	15
1.1 MIGRAR: APROXIMAÇÕES E ABORDAGENS.....	16
1.2 DESTINO: CIDADE DE TOLEDO	22
1.3 OS CAMINHOS	25
1.4 E A VIDA? MELHOROU?	37
CAPÍTULO 2: ENTRE A CIDADE IMAGINADA E A CIDADE VIVIDA: A QUESTÃO DA MORADIA EM TOLEDO	41
2.1 TOLEDO: A RELAÇÃO ENTRE A CIDADE E A INDÚSTRIA	41
2.2 AS “DUAS” TOLEDO: CIDADE DIVIDIDA	48
2.3 A LUTA PELA MORADIA	60
CAPÍTULO 3: DE VILA OPERÁRIA A BNH: DISCIPLINARIZAÇÃO E A VIVÊNCIA DOS TRABALHADORES	67
3.1 A VILA DOS OPERÁRIOS: CONTROVÉRSIAS	68
3.2 A VILA DOS OPERÁRIOS DA SADIA: ESPAÇOS DE VIVÊNCIA	75
3.3 CONTRADIÇÕES ENTRE VIVER E TRABALHAR	84
3.4. EMPREGADOS E PATRÕES: PATERNALISMO, CONTROLE E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO DE TRABALHO	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102

INTRODUÇÃO

O itinerário desta pesquisa iniciou ainda na graduação, mais precisamente no Trabalho de Conclusão de Curso¹ realizado no ano de 2014 sobre a questão da moradia para os trabalhadores de uma vila operária em Marechal Cândido Rondon - PR. Dessa pesquisa inicial emergiu uma questão que resultou na elaboração de um projeto de mestrado, que tinha como objetivo perceber se o fato dos trabalhadores viverem em moradias constituídas pelas empresas representava menor autonomia de trabalho e de vida com relação aos trabalhadores das mesmas empresas que moram em outros locais da cidade.

Para desenvolver a proposta desta dissertação, delimitamos para o estudo a cidade de Toledo -PR no período de 1970-1990. O município de Toledo teve sua emancipação político-administrativa em 1952, mas começou a ser constituído em 1946, a partir de um projeto de colonização colocado em prática pela antiga Companhia Madeireira e Colonizadora Rio Paraná S.A. (MARIPÁ). Até a década de 1960, principalmente, muitos agricultores provenientes de Santa Catarina e Rio Grande do Sul migraram para o local em busca de novas terras para o cultivo (SCHREINER, 1997).

No entanto, é nas duas décadas seguintes (1970 e 1980) que Toledo recebeu grande contingente de migrantes, vindos de diversas regiões do Brasil, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Alguns anos antes, mais precisamente em 1964, uma grande empresa frigorífica instalou-se na cidade: a Frigobrás/Sadia. No final dos anos 1980, a indústria empregava mais de 4.300 trabalhadores, tornando-se o maior frigorífico da América Latina (SCHREINER, 1997).

Além da Frigobrás/Sadia, fizeram parte do processo de industrialização de Toledo (iniciado em meados da década de 1950) mais 254 pequenas e médias indústrias, que se instalaram no município ao longo da década de 1980 (SCHREINER, 1997). É nessa década que a população urbana superava a rural: em 1980, 42.994 pessoas já moravam na cidade, enquanto que 38.288 moravam no campo (NERI, 2012).

O impacto das indústrias, principalmente da Frigobrás/Sadia, na formação urbana de Toledo é nítido. Uma pesquisa realizada pelo IBGE no ano de 2000 mostra que, em 1996, o

¹ FANO, Lucas. B. **Uma vila, um frigorífico e algumas histórias**: trabalho, moradia e experiências de trabalhadores em Marechal Cândido Rondon (1969-1992). 86f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

total de habitantes do município era de 90.417, sendo que a maior parte desses, 76.125 pessoas, havia se instalado na área urbana, enquanto 14.292 permaneciam no campo (NERI, 2012). Isso demonstra que, conforme Toledo ampliava as suas atividades comerciais e industriais durante as décadas de 1970 e 1980, cada vez mais pessoas chegavam para morar na cidade.

Ao redor do frigorífico, formou-se uma grande área urbana habitada por famílias de trabalhadores e operários. São exemplos a antiga Vila Brasil (hoje chamada Vila Operária), a Vila Pioneira, o bairro Boa Esperança e a Vila Paulista.

Durante alguns meses, andamos pelo entorno do frigorífico da Sadia, nos locais de moradia dos trabalhadores, à procura de pessoas que tivessem trabalhado no frigorífico da Sadia entre os anos 1970 e 1990. Querimos saber se por ali havia casas construídas pela empresa, buscavamos rastrear a criação da vila operária da Sadia. Almejavamos retomar a história da vila a partir da memória dos trabalhadores.

Por sugestão de uma colega que havia morado grande parte de sua vida em Toledo e pesquisava áreas no entorno do frigorífico que tivessem sido ocupadas pelos trabalhadores desde a década de 1970, chegamos à dona Amélia. Ela era moradora da conhecida Grande Pioneira – ou Vila Pioneira – há 45 anos.

Profunda conhecedora da história do lugar, Amélia afirmou em quatro entrevistas que aquela área teria sido construída para os funcionários da Sadia e que o terreno pertencera à Sadia e que restavam poucos moradores de sua época no lugar. Com sua ajuda, conseguimos entrevistar alguns deles². Esse grupo de trabalhadores se tornou o núcleo fundamental de referência da pesquisa para entender a questão da moradia para os trabalhadores que foram operários da Sadia.

Durante as conversas, foi possível estabelecer a hipótese de que aquela era (ou havia sido) uma vila operária. Apareceram muitas características semelhantes com o que eu havia lido sobre, mas também havia características distintas. Essas diferenças provocaram uma mudança no curso da pesquisa, porque obrigou-nos a indagar: houve naquela região da cidade uma vila operária de fato?

Quando pensamos em uma vila operária, nos vem à cabeça um aglomerado de casas iguais e enfileiradas. Em uma primeira olhada, dificilmente iremos notar que aquele lugar,

² Entre os primeiros moradores, pela ordem em que foram feitas as entrevistas, estão: Amélia; Augusta e Fernando; Joaquim e Elenir; Miguel; Ivan. Para preservar a identidade das pessoas entrevistadas utilizaremos pseudônimos.

que hoje se confunde com o restante da Grande Pioneira, tenha algum dia sido uma dessas vilas, já que todas as casas – com exceção de uma – ou já não existem ou passaram por muitas reformas. No entanto, em uma observação mais atenta, conseguimos isolar a estrutura inicial das casas.

Buscamos a partir daí outras fontes que pudessem nos ajudar a contar a história do lugar. Um dos empecilhos foi o nome. Os trabalhadores entrevistados não tinham um nome específico para aquela área. Amélia em uma entrevista havia mencionado “BNH Habitasul”. Habitasul é o nome da imobiliária contratada pela Companhia Habitacional de Toledo, que foi responsável pela construção das casas.

Descobrimos que por algum tempo essa imobiliária, que tem sede no Rio Grande do Sul, tinha uma filial em Toledo, e que não existe mais. Nas outras imobiliárias da cidade ninguém havia ouvido falar nela.

Fomos então para os arquivos da Câmara Municipal de Toledo em busca de projetos de lei que de alguma forma vinculassem a Sadia ou a imobiliária com a vila operária; também foi uma procura sem sucesso. Além da inexistência de documentos formais, os funcionários da Câmara também desconversaram acerca de qualquer participação da Sadia com a área em questão. No entanto, achamos uma planta da área, feita por um engenheiro civil e datada de 1977, que batia com as informações recebidas dos primeiros moradores da área quanto ao tempo de existência do lugar, à quantidade de casa e à delimitação do espaço por meio do cruzamento das ruas.

No livro autobiográfico de Attilio Fontana - História da minha vida (1980) -, fundador da Sadia e proprietário no período da instalação de uma filial em Toledo, existe também uma passagem em que ele se refere a uma vila operária nos arredores do frigorífico.

A questão da existência ou não de uma vila operária da Sadia em Toledo terminou de ser resolvida em um cartório de registros de imóveis. Rastreando a área a partir do histórico de um dos lotes, percebemos que a Sadia realmente foi proprietária da área até pouco antes de começar sua construção.

Mesmo tendo se desvinculado formalmente do lugar, a memória dos trabalhadores entrevistados vinculava o espaço à empresa, sem exceção. Isso era um indício de que, mesmo informalmente, a Sadia continuou a exercer influência na moradia dos trabalhadores.

Resolvemos, dessa forma, não abandonar o conceito de vila operária, que consideramos adequado para a melhor compreensão da realidade histórica e do conjunto de relações sociais que se desenvolveram ali.

Em contextos espaciais e temporais diferentes, algumas pesquisas sobre as vilas operárias ocuparam-se de temas semelhantes. O principal deles sobre a “transformação” de trabalhadores rurais – pequenos proprietários, arrendatários ou meeiros – em operários. Expropriados de seus locais de origem, essas pessoas migraram para a cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida.

A pesquisa de Lopes (1988), em Pernambuco, abrange o recorte de final do século XIX até meados do século XX, com os trabalhadores que moraram na vila operária da Fábrica de Tecidos Paulista. Blay (1985), em São Paulo, investigou desde as primeiras décadas do século XX até a segunda metade dele, com os trabalhadores que moraram em seis vilas operárias ainda existentes da data de sua pesquisa (final da década de 1970 e início de 80).

Os dois autores encontraram um perfil de trabalhador parecido. Embora com abordagens distintas, viram por trás do empreendimento das vilas operárias a necessidade do industrial em mobilizar a mão de obra em potencial: migrantes vindos do campo, de diversas regiões do Brasil, em busca de trabalho na cidade. Ao mesmo tempo, Lopes (1988) também identificou um paradoxo: mesmo com a tentativa de imobilizar a mão-de-obra a rotatividade do trabalho e da moradia continuava grande.

Lopes (1988) chamou atenção para a luta pela apropriação, por parte dos trabalhadores, dos espaços existentes na vila operária: desde os roçados cedidos pela empresa até movimentos organizados de reivindicação. Blay (1985), por sua vez, chamou mais atenção para a interiorização da dominação pelos trabalhadores, que, segundo ela, se limitavam a reproduzir a lógica burguesa de pensar e agir. A grande culpada seria a vila operária. A partir da propriedade da moradia do operário, o industrial exerceria uma dominação maior que sufocaria a possibilidade de resistência operária ou mesmo a mera apropriação dos espaços da vila para que pudessem viver a partir de seus próprios valores.

Distantes espacial e temporalmente das pesquisas de Lopes e Blay, alguns trabalhos vinculados à História Social no Oeste do Paraná também mencionam as vilas operárias como empreendimentos que surgiram em contextos específicos do avanço capitalista na região.

Os trabalhos de Pereira, F. G. (2014) e Grandó (2017) evidenciam inclusive um mesmo perfil de trabalhadores no oeste paranaense desde 1970: pessoas migrantes, expropriadas do campo e que buscavam no trabalho agroindustrial a na moradia nas vilas operárias certa estabilidade para produzirem sua vida social.

Os dois mencionam as vilas como necessárias para fixar a mão de obra perto do trabalho em Marechal Cândido Rondon e Cascavel. Também, mencionam a construção de

uma identidade de classe na fábrica (GRANDO, 2017) ou na vila (PEREIRA, F. G., 2014), além da apropriação das casas e outros espaços para a vivência a partir de seus próprios valores (PEREIRA, F. G., 2014).

Grando (2017) e Pereira, F. G. (2014) identificam uma relação entre trabalho e capital no Oeste do Paraná, nas décadas de 1970 a 1990, que assumia contornos diferentes do que é hoje na empresa agroindustrial. Era um trabalho menos mecanizado, que exigia certa habilidade anterior no corte da carne e na produção de embutidos. Além disso, fazer hora extra era normal, considerado quase como parte da rotina regular de trabalho. Com a implementação de novas maquinarias e de técnicas apuradas de divisão do trabalho isso mudou desde a década de 1990. O trabalho ficou menos formal, embora intensificado e precarizado quase que ao extremo do que aguenta o ser humano. Isso ajuda a explicar a alta rotatividade nos frigoríficos na região.

Em Toledo, a vila operária ocupada pelos trabalhadores da Sadia foi a maior no Oeste paranaense, com 300 casas construídas. Embora a empresa tenha se desvinculado da área em questão no ano que começou a construção das casas, na prática, assumia uma posição de influência no lugar, delimitando critérios e aproveitando-se da baixa oferta de empregos na época para pressionar seus empregados a permanecerem trabalhando nas difíceis tarefas ligadas ao corte da carne.

Mais importante que a propriedade legal das casas e espaços da vila é o conjunto das relações sociais que se desenvolveram no período. Temos evidências de que durante as décadas de 1970 a 1990 a relação entre trabalho e capital no frigorífico assumia um tipo que alguns autores classificam como paternalista. A vila operária faz parte desse tipo de relação.

Acostumados a viverem perto do trabalho, os operários em formação exigiram da Sadia que construísse uma vila dentro de uma área que, até então, contava com poucas moradias e péssima infraestrutura para a vida cotidiana.

Mesmo assim, passados quase 40 anos, apenas 10 das 300 famílias ou casais operários seguem morando na vila. Por conta do duro trabalho no frigorífico, muitos desistiram e continuaram suas trajetórias de migração, estratégia comum para a classe trabalhadora brasileira.

O mesmo paradoxo encontrado por Lopes (1988) é verificado aqui também. Embora tenha havido uma tentativa de fixar a mão de obra, a rotatividade foi grande, por conta do árduo trabalho no frigorífico.

Depois da década de 1990, novos maquinários e técnicas de divisão do trabalho foram implantados pelas administrações posteriores a Attilio Fontana. Com a mudança na relação entre trabalho e capital, a vila operária deixou de ser, tornando-se hoje um bairro de operários como qualquer outro que existe na cidade.

O que os trabalhadores nos contaram acerca de suas histórias de vida e do que lembravam na época em que moravam na vila operária nos levaram a nos distanciar da questão inicialmente proposta. Nesse sentido, procuramos, no primeiro capítulo desta dissertação, recuperar nas narrativas dos trabalhadores a história de sua chegada a Toledo. Entre as décadas de 1970 a 1990, muitas pessoas mudaram-se para o núcleo urbano de Toledo, vindos de regiões próximas e distantes. Todos os trabalhadores que entrevistamos experimentaram essa condição de migrantes que saíram do campo para trabalhar na cidade. Discutir o sentido e o significado desse processo é nosso principal objetivo. Acreditamos que ao recuperar essa história podemos compreender melhor o significado de viver, morar e trabalhar impregnados nas narrativas dos trabalhadores.

Se no primeiro capítulo destacamos a saída do campo para a cidade, no segundo procuramos analisar o espaço urbano de Toledo, suas contradições e como os trabalhadores lidavam com a problemática questão da moradia. Afinal, para poder trabalhar era preciso também morar, viver e sobreviver na cidade.

No terceiro e último capítulo, analisamos especificamente a experiência dos trabalhadores no espaço da vila operária, tomada como espaço social de disputas e de conflitos, de conquistas e de concessões materiais e simbólicas que permeiam as relações de classe.

CAPÍTULO 1: DO CAMPO PARA A CIDADE: EM BUSCA DE UMA VIDA MELHOR

Foi aquele problema todo. O dono da terra chamou a gente, a gente foi. Aí eles disseram: “ó, é pegar ou largar. Ou pega uma indenizaçãozinha pequena ou então sai fora”. Eles pegaram e botaram fogo em tudo, pra tirar todo mundo logo, imediatamente. Aí foi o que aconteceu e deu tudo certo do lado deles, agora do nosso... não deu. E aí muita gente teve que partir pra onde? Pra São Paulo, atrás de um meio de sobreviver. Aí ficou assim³.

(Luiz, maranhense, 40 anos, pequeno agricultor e trabalhador do corte de cana por empreitada).

O migrante, cuja sina é deslocar-se entre universos distintos, trás consigo uma gama de experiências adquiridas com os diversos grupos sociais que manteve contato. Em cada lugar perpassado, o migrante também deixa “um pouco de si”. A dinâmica vivida por esses sujeitos, seus valores e suas formas de dar sentido e de compreender o mundo - construí-lo em uma só palavra, dar sua contribuição para o movimento da história - também se fazem notar nas comunidades em que viveram.

Deslocar-se de um lugar para outro é parte importante do comportamento humano por meio dos tempos, mesmo quando ainda nem éramos Homo Sapiens. A história do Brasil com as migrações é antiga. Antes mesmo dos europeus chegarem a nosso território, muitas comunidades indígenas tinham o costume de migrar para diferentes locais de tempos em tempos. A migração para essas populações não era uma contingência, mas sim um modo de vida, diferentemente do que se verifica na história dos processos migratórios dos trabalhadores brasileiros, especialmente para aqueles que saíram do campo em busca de trabalho na cidade.

Os trabalhadores investigados fazem parte dessa história, pois são eles, em sua maioria, homens e mulheres que nasceram e viveram no campo, mas em certa altura de suas vidas foram para a cidade em busca de trabalho. As pessoas entrevistadas para os propósitos desta dissertação são trabalhadores aposentados, com média de idade de 65 anos que, nas décadas de 1960 e 1970, saíram do campo para trabalhar e morar na cidade de Toledo-PR.

³ 3 MIGRANTES, Direção: José Roberto Novaes, Francisco Alves e Cleisson Vidal, 2007, Produção: MP2, 45min, DVD.

Conhecer suas trajetórias de vida e o caminho percorridos por esses trabalhadores do campo a cidade foi o objetivo central deste capítulo.

1.1 MIGRAR: APROXIMAÇÕES E ABORDAGENS

No Brasil do tempo presente, as migrações de trabalhadores do campo para a cidade, de uma cidade para outra ou mesmo de um estado para outro são constantes. Uma das principais motivações desses deslocamentos, se não a motivação central, é a busca por emprego, traduzida quase sempre como a busca por uma vida melhor.

A locomoção de pessoas de um espaço para outro existiu em diferentes sociedades e períodos históricos. Longe de ser um comportamento “natural”, a prática de buscar outros ares é social e historicamente construída. As migrações podem ter motivações e significados diversos. Como outras práticas, essas são escolhas, feitas a partir de situações determinadas. Podem ser fruto de um “espírito aventureiro”, podem ser parte do costume de uma comunidade etc. Aqui, nos interessa compreender a migração como uma alternativa de sobrevivência.

É nítida a importância que os chamados “fluxos migratórios” exerceram e exercem na formação da sociedade brasileira. Em diferentes épocas grupos de pessoas migraram de um lugar para outro, alterando as características físicas e culturais dos espaços de partida/chegada, assim como dos lugares por onde passavam.

Essas locomoções tornaram-se mais intensas no Brasil a partir do fim do sistema escravocrata e conseqüente transição para o ordenamento do trabalho livre. Os escravos se tornaram “livres”, sem mais obrigações formais com os senhores e vice-versa; então tiveram de buscar formas de sobreviver. Uma dessas formas encontradas pelos trabalhadores pobres foi migrar das fazendas para as cidades. Nesse momento, cidades importantes como o Rio de Janeiro, por exemplo, começaram a crescer absurdamente (MENEZES, 2012).

Outro fluxo migratório conhecido é o que liga o Nordeste ao Centro-Oeste e Sul do país. Há registros de nordestinos migrando para outras regiões desde o século XIX, fugindo da seca e da pobreza. Durante todo o século XX, as migrações se intensificaram, em particular durante as décadas de 1930 até 1970. Nesse período, o capital avançou no campo, concentrando a terra e forçando os trabalhadores sem posses ou mesmo os pequenos proprietários a se descolarem para regiões “desenvolvidas” a procura de trabalho e melhores condições de vida.

Não só do Nordeste, pessoas de diversas regiões afetadas pela concentração da propriedade (somada a outras adversidades), principalmente pequenos agricultores, foram pressionadas pelas condições a buscar outros lugares para que pudessem sobreviver no “mundo moderno”.

Nas décadas de 1930 a 1970, o fluxo de trabalhadores que se deslocavam do campo para a cidade foi crescente, principalmente entre as regiões Nordeste e Sudeste. As primeiras pesquisas que abordaram esse fenômeno são de caráter sociológico e datam, sobretudo, das décadas de 1960 e 1970. As obras de Juarez Brandão Lopes (1971) e Eunice Durhan (1978) são exemplos. A socióloga Marilda Aparecida de Menezes, em texto de balanço sobre a literatura acerca das migrações no Brasil, destaca que essa primeira corrente

Fundamentava-se no paradigma histórico-estrutural, em que as migrações resultavam de fatores de expulsão e de atração, expressando transferências de populações de regiões ou setores econômicos considerados estagnados, arcaicos ou tradicionais para regiões modernas e/ou setores em desenvolvimento. (MENEZES, 2012, p. 21).

As principais questões dos trabalhos citados por Menezes (2012) propunham compreender quais as mudanças enfrentadas pelos migrantes, principalmente no que se referia ao trabalho. Lugar comum para a primeira corrente sociológica a estudar as migrações era entender a proletarianização dos trabalhadores rurais, expropriados das condições que permitiam o seu modo de vida, designado pelos pesquisadores como “tradicional”, que envolvia a agricultura de subsistência e uma rotina diferente de trabalho. Seriam os trabalhadores, dessa forma, vítimas do avanço e do desenvolvimento desigual do capitalismo no país.

Outra corrente de estudos sobre a temática da migração de trabalhadores, realizados principalmente durante as décadas de 1980 e 1990, questionou a visão construída até então sobre o caráter dos deslocamentos campo-cidade, fator muito presente na história da classe trabalhadora, suas motivações e implicações. Fazem parte dessa corrente autores como Scott (1995) e a própria Menezes (1985). Para Menezes (1985),

Nem sempre a migração se caracterizava como êxodo rural, mas muitos migravam, tornavam-se operários ou empregados urbanos e retornavam às áreas rurais da região Nordeste [...] A migração de camponeses não era apenas consequência da inviabilidade de suas condições de existência, mas parte integrante de suas próprias práticas de reprodução social [...] A mobilidade, o ir e vir entre as regiões Nordeste e Sudeste, entre o trabalho

agrícola e urbano era parte das estratégias de reprodução social da família camponesa. (MENEZES, 2012, p. 22).

Vários pesquisadores desde a década de 1970 também identificaram mudanças importantes nos fluxos migratórios, como a diminuição dos deslocamentos da região Nordeste para a Sudeste do Brasil e o aumento das migrações para as cidades do Oeste, além de que: “embora as migrações para as regiões metropolitanas continuassem a ocorrer nas décadas de 1980 e 1990, elas já não mais representavam possibilidades de fixação nem de mobilidade social” (MENEZES, 2012, p. 25).

Na epígrafe escolhida para começar este capítulo, encontramos um exemplo desses processos econômicos e sociais que provocaram severas modificações na vida dos pequenos agricultores e dos trabalhadores rurais. Trata-se de um trecho que pertence à fala de Luiz, retirado do documentário “Migrantes”, dirigido por Beto Novaes entre os anos de 2006 e 2007. Na fala está contida uma história comum para centenas de trabalhadores sazonais que trabalharam no corte de cana na região Sudeste.

A história é a seguinte: Luiz, cerca de 40 anos, trabalhava como agregado e morava no interior de Codó, no Maranhão, antes de ser expulso da propriedade pelo dono da terra, junto com outros tantos na mesma condição que ele. Forçado a sair, Luiz se mudou para a cidade. Codó, um lugar muito pobre, não oferece alternativas de trabalho para que ele garanta uma vida que considera digna para si e sua família. Ele não quer se mudar de Codó, então aceita a oferta de um trabalho temporário em Guariba, São Paulo, para realizar corte de cana nas terras de uma usina. É um trabalho perigoso e degradante, mas é o único jeito que Luiz encontrou para continuar vivendo e mantendo sua família em sua cidade natal, já que não querem morar em outro lugar. Assim, inicia sua jornada no mês de maio, no início da safra da cana, para voltar no fim da safra, em dezembro, com algum ordenado que sirva para a subsistência da família e também para comprar alguns utensílios hora ou outra, como uma televisão ou uma geladeira, por exemplo.

Para Luiz, ser migrante significa viver dividido entre dois lugares, dois sentimentos: entre a dignidade proporcionada pelo trabalho que lhe permitia garantir a reprodução de sua família e a saudade do acolhimento da vida familiar e do seu lugar de origem. Nesse documentário, Luiz aparece como um homem em conflito, que busca de todas as maneiras manter-se inteiro, e isso significa ainda que de maneira incipiente permanecer alguns meses

em Codó para tentar viver e trabalhar da maneira como conhecia, perto de sua família, de seus amigos, dentro de sua cultura.

Em busca de uma vida melhor para si e sua família, Luiz viajava todo ano para trabalhar nos canaviais de São Paulo, realizando um trabalho extenuante, em condições degradantes que ameaçavam a sua saúde e a sua vida. Diante de sua fala, realizada nos domínios de sua casa em Codó, Luiz revela como essa busca por uma vida melhor se constitui numa experiência contraditória. Em grande medida porque a vida melhor inclui questões materiais e subjetivas. Trabalhar em São Paulo lhe proporcionava, dentro de certos limites, prover sua família, impedir que seus filhos fossem tragados pela fome.

Por outro lado, quando assistimos e ouvimos sua descrição sobre sua vida e seu trabalho em São Paulo, e a maneira como descreve o sentido do trabalho e sua vida no Maranhão, é possível entender como tudo isso representa o que ele é, sua identidade social⁴. Uma identidade da qual ele não quer se descolar. Isso não quer dizer que o desejo de ficar esteja associado a uma leitura romântica de seu próprio passado. Para Luiz, permanecer em Codó é uma forma de ficar mais próximo de si mesmo, do mundo que conhece desde sua infância, da cultura e dos valores em que foi forjado. Por isso, é tão importante não se deixar ir completamente e ficar, na esperança de poder fazer o que aprendeu com seus pais, roçar a terra, fazer o plantio, a colheita, um trabalho duro, sem a ajuda de máquinas e sob as regras impiedosas da natureza, mas certamente sobre um território já conhecido e dominado.

Sob muitos aspectos essas questões fazem lembrar os dilemas expressos pelos trabalhadores que entrevistamos na cidade de Toledo-PR cujas histórias de vida foram examinadas e analisadas nesta dissertação. Ainda que não se trate de trabalhadores sazonais, há entre eles também pessoas que nasceram e cresceram no campo, como trabalhadores rurais e que precisaram migrar em busca de trabalho. O que os distingue de Luiz é o fato de terem partido de modo definitivo do campo, deixando para trás a família e seus locais de origem. Desse ponto de vista, esses trabalhadores viveram e vivem a condição de migrante como ruptura definitiva com sua primeira identidade social de trabalhadores do campo que em sua busca por uma vida melhor se tornaram operários fabris.

É certo; porém, que entre os trabalhadores sazonais como Luiz e os trabalhadores da Sadia há um elemento comum: todos eles são migrantes com origem rural, cujo deslocamento

⁴ Entendemos identidade social a partir das definições construídas por Tajfel e Turner (1983) no campo da psicologia para designar a o processo de construção da autoimagem que uma pessoa realiza a partir do reconhecimento de pertencimento a um grupo ou categoria social.

esteve associado à busca por uma vida melhor em razão dos efeitos dos processos de concentração de terra e renda que caracterizaram e caracterizam a história agrária do Brasil (LINHARES, 1999).

A sociologia estipulou alguns conceitos de modo a classificar essas pessoas: migrantes permanentes, aqueles que não retornaram para o lugar de origem, como é o caso das pessoas entrevistadas que compõe esta dissertação; migrantes temporários, aqueles que moram em um lugar, mas migram frequentemente para trabalhar em outra região; e, mais recentemente, forjou-se o conceito de migrantes temporário-permanentes, que seriam aqueles que migraram com intenção de voltar, mas por motivações diversas decidiram permanecer (MENEZES, 2012).

Embora eles sejam importantes e representem uma baliza para identificar e matizar as diferenças entre os processos migratórios e as formas como eles são vivenciados pelos sujeitos que deles participam, neste estudo, consideramos mais relevante discutir o significado que a condição de migrante produz nas interpretações dos trabalhadores sobre suas trajetórias de vida. Dessa forma, o que se buscou aqui foi focalizar a análise sobre os sentidos e significados da busca por uma vida melhor contida na condição de migrantes dos trabalhadores da Sadia.

Um importante ponto de partida para balizar a análise é o trabalho de Juarez Brandão Lopes, referencia no sentido de compreender as implicações da migração na vida dos trabalhadores rurais que se tornaram operários. Em “Sociedade industrial no Brasil”, obra publicada pela primeira vez em 1964, Lopes analisa os significados que tornar-se operário assume para os trabalhadores, particularmente aquele de origem rural. Esse estudo foi feito a partir de entrevistas orais realizadas com operários que migraram do nordeste e do interior do estado de São Paulo para a capital paulista entre as décadas de 1950/60. O pesquisador fez suas entrevistas com operários de uma grande indústria automobilística de São Paulo, pautando principalmente: a motivação da pessoa em sair de onde estava anteriormente; como foi a adequação ao trabalho fabril, já que em grande parte dos casos o entrevistado exercia outro trabalho no lugar de onde veio; e as expectativas das pessoas com relação ao futuro de suas vidas.

Em suas entrevistas, Lopes se deparou com as seguintes expressões apresentadas pelos trabalhadores para explicar as razões da migração para São Paulo - “*conseguir a vida*”, “*tentar a vida na capital*”, “*ver se consegue melhores condições de trabalho*” (LOPES, 1971). Todo esse esforço que Lopes definiu como a “melhoria da vida”, era em termos

teóricos uma motivação puramente econômica, mas que não respondia aos padrões da ação econômica racional de uma sociedade de mercado. Isso se devia, em grande medida, ao fato de que o autor usava como paradigma as noções de moderno e tradicional para enquadrar e analisar os comportamentos dos trabalhadores. No entendimento dele,

O trabalho, em sociedades tradicionais [...] é assegurado, não pela expectativa social de que os indivíduos agirão de modo a obter o máximo de recompensas materiais [...] mas sim por prescrições tradicionais que regulam a forma que esse trabalho deve assumir. (LOPES, 1971, p. 26-27).

Tomando os migrantes provenientes do campo como membros de uma sociedade de traços tradicionais, Lopes identifica nessa busca pela *melhoria da vida* traços de uma recusa cultural de ajustamento aos moldes da organização do trabalho industrial à construção de uma identidade operária. Assim, Lopes conclui que

Os operários da Companhia [...] são recém-vindos de um mundo rural onde o trabalho [...] na sua rotina é regulado por uma teia de relações familiares prescritas pela tradição [...]. Desligados dessa estrutura social que controlava a sua conduta, eles, na fábrica paulista, tendem a se comportar conforme seus interesses pessoais (LOPES, 1971, p. 94).

Tais interesses estão fora da fábrica e transformam o trabalho apenas em um meio para “se fazer na vida”. Por essa razão, era comum identificar na trajetória desses trabalhadores um começo marcado pela sua aplicação ao serviço, porque ali ainda havia a crença na melhoria da vida pelo trabalho fabril. Todavia, uma vez percebida a ilusão dessa possibilidade, esses trabalhadores já não demonstravam tanto empenho e buscavam uma forma de serem demitidos para conseguir uma indenização e a chance de trabalharem por conta própria.

Embora essa abordagem já tenha sido questionada e debatida (LOPES, 1987) pela característica limitadora e rígida que conceitos como “moderno” e “tradicional” apresentam no trabalho de estudo da vivência e experiências dos trabalhadores de origem rural, sua contribuição precisa ser reconhecida. Apesar dos limites impostos por essa abordagem, o fato é que ele abriu um caminho de interpretação que encaminha o olhar da pesquisa sobre os trabalhadores e operários de origem rural para um campo pouco explorado até aquele momento, ao aproximar-se dos valores e das expectativas que organizavam e orientavam suas ações e seu comportamento.

Esse é o encaminhamento que este estudo buscou como parâmetro para analisar o grupo de trabalhadores do Frigorífico da Sadia, que moraram ou ainda moram na vila operária criada pela empresa na cidade de Toledo em 1978. Isso se deve, em parte, ao fato de que, entre os trabalhadores entrevistados nesta pesquisa, a condição de migrante advindo do campo que se torna operário é também a condição da totalidade dos trabalhadores.

1.2 DESTINO: CIDADE DE TOLEDO

A partir dos anos de 1970, o desenvolvimento da agroindústria no Oeste do Paraná tornou-se fator de atração para inúmeros trabalhadores, particularmente do campo. Assim como aconteceu no caso investigado por Lopes (1971), verificou-se entre os trabalhadores entrevistados para essa pesquisa a presença de migrantes de origem rural oriundos de diferentes estados: Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e também e de regiões do Paraná próximas de Toledo.

Esse processo de atração é bastante diferente daquele ocorrido entre os anos de 1940 e 1960. Esse primeiro processo migratório, organizado pela atuação de empresas colonizadoras, atraiu um grupo significativo de migrantes de outros estados. Até a década de 1960 a região Oeste do Paraná foi ocupada por um grande contingente de pequenos proprietários e trabalhadores sem terra. Cerca de 50 municípios surgiram durante esse processo cuja principal característica foi o estabelecimento de pequenas propriedades, orientadas para a produção de gêneros como o milho e o trigo, além da criação de animais, em especial a suinocultura (SMANIOTTO, 2016).

Nessa época surgiram alguns frigoríficos nas cidades da região oeste construídos a partir de sociedades de capital local que serviam para processar a carne de porco que chegava das redondezas. A dificuldade em concorrer num mercado cada vez mais competitivo fez com que os pequenos frigoríficos dessem lugar a modernas plantas produtivas. De “cooperativas agrícolas”, as sociedades da região formada pelos produtores e comerciantes passaram a denominar-se “agroindustriais”, a partir da década de 1990.

No campo, a acumulação de capital exibiu contornos claros. Em 1970, o Censo Agropecuário registrou 82.570 propriedades rurais presentes no Oeste paranaense. Passados trinta anos, esse número encolheu para 53.013, registrado no censo de 2006, indicando um retrocesso de -35%. Apesar da diminuição do número de propriedades, o tamanho médio

dessas cresceu 112%. Também aumentou a área destinada ao cultivo, de 1,5 milhões de hectares em 1970 para 2,2 milhões em 2006 (GRANDO, 2017).

Assim, o que se observa é que a instalação do Frigorífico da Sadia em Toledo fez parte de um processo histórico de rearranjo das forças produtivas no Brasil, planejado e executado principalmente pelos e em função dos setores ruralista e industrial, nacionalmente articulados e representados pela maioria dentro do aparelho de Estado.

O Oeste do Paraná foi uma das regiões mais afetadas com esse processo, que teve como consequência o esvaziamento do campo e o rápido crescimento urbano. Essa avaliação se confirma se considerarmos que 50% dos trabalhadores que entrevistamos tem sua origem em áreas agrícolas do interior paranaense: Toledo, Mandaguari, Ivaiporã e Cascavel.

Ao mesmo tempo em que pensamos o processo de desenvolvimento da indústria, temos de voltar olhares para outro processo paralelo que ocorria no campo, que abriu espaço para inúmeras transformações sociais e nas relações de trabalho, no cotidiano de milhares de famílias que detinham uma pequena propriedade ou eram arrendatários e meeiros. Podemos destacar um elemento que foi crucial para o avanço do capitalismo no campo: a mecanização do trabalho agrícola e pecuário.

Houve uma transformação estrutural da organização social, na concentração da propriedade da terra e na dinâmica nas relações de trabalho, que fazem parte de todo um projeto desenvolvimentista incentivado por órgãos do Estado que fomentaram este plano, como o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (IBES), projetado a partir das décadas de 1950-1960 e organizado de acordo com o plano de reestruturação dos arranjos produtivos do mercado capitalista mundial.

Essas práticas faziam uma ligação da cidade e do campo que privilegiasse a concentração da propriedade e da produção em grande escala, já que a industrialização foi cada vez mais incentivada pelos representantes de classe no Estado.

Uma conclusão a que podemos chegar é de que o campo virou uma extensão da indústria, constituindo, dessa forma, uma dinâmica de mercado na qual o campo e o setor primário da produção dependem do empresariado para ampliação da produção, implantação de insumos e maquinários agrícolas, enquanto o setor secundário da produção, que é a indústria, cumpre o papel de produzir mercadorias de consumo a partir da matéria-prima e exploração da mão de obra.

O processo de mecanização do campo foi projetado sobre a ótica do êxodo da população rural de pequena propriedade, que ainda se utilizavam de métodos tradicionais na

produção de alimentos, no manejo e na criação de animais. Com esse avanço tecnológico e mecânico nessas formas de trabalho, culminou-se na falta de alternativas no campo, e conseqüentemente, na procura por condições melhores na cidade. Outro fator foi o aumento da demanda da produtividade no campo, que ficou praticamente restrita ao monocultivo da soja-trigo, fazendo-se necessário o agricultor ter relações de empréstimos bancários ou custeios da produção.

A microrregião Oeste do Paraná foi, nesse contexto, uma das regiões mais afetadas no sentido de desenvolvimento da força produtiva industrial e na transformação das relações de trabalho.

Milhares de trabalhadores tiveram suas vidas marcadas por esse processo, que modificou profundamente o quadro demográfico e as áreas ocupadas da região oeste do Paraná. Em 1970, viviam nessa região 752.432 pessoas, das quais 80,13% ou seja, 602.916 pessoas estavam no campo. Na área urbana, viviam 149.516 pessoas, ou 19,87%. Passados trinta anos, o Censo demográfico informou um enorme crescimento da população urbana e um esvaziamento do campo. Em 1980, o número de habitantes do campo já apresentava uma taxa de queda de 49,57%, passando para 476.225 residentes. Dez anos mais tarde, o número decresceu para 287.803 e chegou a 209.490 em 2000. A totalidade da população na região Oeste atingiu 1.138.582. Desses, apenas 18,40% permaneciam no campo (BOSI, 2015). Em Toledo, viviam 14.985 pessoas na área urbana em 1970, enquanto no campo esse número era de 53.899. Em 2000, a população urbana chegou a 85.911, enquanto que no campo o número decresceu para 12.278 (PEREIRA, 2016).

A saída do campo para a cidade protagonizadas pelos trabalhadores que entrevistamos em Toledo faz parte de quadro de alteração demográfica e social vivido na região oeste do Paraná. Segundo o olhar dos economistas, essa modificação é estudada como expressão do desenvolvimento e do progresso da região:

Em fins da década de 60, o processo de transformação econômico-social do extremo-oeste do Paraná, no que se refere à agricultura, provocou grandes alterações no padrão de produção da região, que se inseriu de forma mais expressiva no contexto da divisão inter-regional do trabalho em nível nacional e internacional. [...] Esse processo permitiu o desenvolvimento econômico de diversas regiões, através da formação de novos encadeamentos produtivos capazes de gerar mais riqueza e aumentar o número de empregos. (RIPPEL, 1995, p. 57).

No entanto, seguindo numa direção diferente, procuramos discutir esse processo sob o ponto de vista das vivências de homens e de mulheres que trabalharam no frigorífico da Sadia. O que pretendíamos, particularmente, neste capítulo da dissertação, é entender como esses trabalhadores vivenciam a mobilidade do campo para cidade. Neste sentido, isso não significa se limitar a avaliar o universo de fatores de expulsão e/ou atração que determinou a migração desses trabalhadores, mas de compreender como esses trataram e tratam “as possibilidades de vida e trabalho” ao longo de suas trajetórias (MENEZES, 2012, p. 26).

Trata-se de entender os sentimentos que os mobilizam nesse processo. Assim sendo, procuramos recuperar as reflexões feitas por Varussa (2010), ao estudar os deslocamentos de trabalhadores na região oeste do Paraná. Em seu estudo, o autor detecta um elemento comum às narrativas dos trabalhadores que migram, a busca por melhores condições de vida, o que se traduz objetivamente na busca por trabalho. Invertendo a noção que enquadra esses trabalhadores como joguetes do processo de desenvolvimento que os expulsam e ou empurram para este ou aquele lugar, o autor aponta a necessidade de encarar que eles também decidem deslocar-se e não serem deslocados (VARUSSA, 2010).

Assim, é dentro desse quadro de referência que se estuda neste trabalho a mobilidade do campo a cidade - a busca por melhores condições de vida, a busca por trabalho - de operários que se empregaram no frigorífico da Sadia a partir dos anos de 1960. Nesta direção, nossa abordagem buscou conhecer e mapear os sentimentos que orientaram esta busca dentro de um grupo de trabalhadores. Essas pessoas formam um grupo específico de trabalhadores que foram empregados no frigorífico da Sadia desde os primeiros anos de sua implantação em Toledo.

Esses trabalhadores são alguns dos tantos sujeitos que vieram para Toledo em meados da década de 1960 e início de 1970 em busca de uma vida melhor. Hoje são todos aposentados e carregam consigo uma longa experiência de luta e trabalho. Eles acumulam em suas trajetórias uma memória significativa que pode nos ajudar a entender melhor o significado dessa sentença – a busca de uma vida melhor - que permeia a fala de tantos homens e mulheres que migram e se deslocam geograficamente pelo país.

1.3 OS CAMINHOS

Para alguns trabalhadores, a busca não levou para diferentes lugares, migraram diretamente para Toledo. Esse foi o caso de Elenir e Miguel. Elenir saiu do interior do Paraná; já Miguel saiu do interior do Rio Grande do Sul com expectativas de encontrar emprego na cidade de Toledo. Outros; porém, antes de se fixar em Toledo, migraram para outros locais. Entre eles há o grupo cuja migração ocorreu dentro do próprio estado. Esse é caso de Augusta, que saiu de Mandaguari para Palmitolândia (PR), e em seguida para Toledo; e de Amélia, que saiu de Ivaiporã (PR) para Assis Chateaubriand (PR) e depois para Toledo.

Há também um grupo formado por trabalhadores que realizaram uma migração interestadual. Esse é o caso de Ivan, que nasceu em Nonoai-RS onde viveu até os 18 anos de idade. Em seguida, migrou para São Miguel do Oeste, em Santa Catarina. Permaneceu lá por alguns e só depois veio para Toledo. Joaquim nasceu em Caculé, na Bahia, mudando logo em seguida com a família para Caetité, no mesmo estado. Depois foi sozinho para Mato Grosso, onde permaneceu cerca de seis anos. Em seguida, migrou para o norte do Paraná, para Nova Londrina, onde permaneceu algum tempo, depois foi para Nova Andradina, até que enfim estabeleceu-se em Toledo. Fernando nasceu em Camanducaia, Minas Gerais, onde morou até os dez anos de idade. Ao lado de seus pais e irmãos, migrou para Mandaguari (PR), depois para Palmitolândia (PR) e, por fim, já depois de casado, fixou-se em Toledo.

Em todos os casos narrados pelos trabalhadores, observamos que eles tentaram inicialmente permanecer trabalhando no campo. Foi o esgotamento dessas possibilidades que contribuiu para que se decidissem pela mudança efetiva para a cidade.

Antes da migração para Toledo, os trabalhadores entrevistados arriscaram a sorte em vários tipos diferentes de ocupações. Amélia, logo antes de sua chegada em Toledo, em finais da década de 1970, trabalhava com seu marido em um pequeno frigorífico que fabricava embutidos em Assis Chateaubriand. Em Toledo, Amélia trabalhou na Sadia como faxineira. Ela ainda atuou vendendo cosméticos e foi funcionária de uma empresa de costura. É curioso o fato de Amélia descrever mais sobre como era o trabalho de seus pais, que eram pequenos agricultores, em um tempo muito vivo na sua memória:

Amélia: Nós não trabalhávamos na roça, o pai só que trabalhou. Nós era tudo pequeno. O meu pai trabalhava. Falava empreitada, sabe? Saía com aquela foice nas costas, cortar mato. Cortar mato pro pessoal plantar. Plantar milho, feijão. Depois ele pegava, pegava pra roçar em beira de estrada antigamente. Acho que era a prefeitura que pagava. Depois ele teve um botequim, na época falava botequim. Aí quando tinha festa ou baile ele ia lá vender a mercadoria dele. Comida, assim, não álcool né. Refrigerante,

aquela groselha lá. É daquele tempo da groselha, do guaraná. Vendia doce, essas coisas. A mãe fazia pastel pra levar pro pai vender, bolacha, pão de ló. Antes de morrer ele vendia sorvete, aí ele já tava aposentado.

Augusta morava em Mandaguari antes de vir para Toledo. Começou sua experiência de trabalho ajudando os pais quando criança: “ajudava a plantar café, carpir, o que você jogar em mim eu faço. [...] No sítio a gente não tinha nada. Pra buscar água tinha que ir buscar lá na mina lá. Eu lembro de uma ladeira. Eu era bem criança. Descia, descia...”. Augusta deixa transparecer o que era comum para a condição de pequenos agricultores, caso de sua família: “a gente plantava o café da gente, colhia, vendia e depois saía pra trabalhar pros outros também né. Pra ganhar um dinheiro extra. Aí saía toda a família”. Ela também trabalhou em uma fábrica de cadeiras por cerca de um ano, e realizou pequenos serviços: “o que dava, lavando roupa, limpando calha. Mas nunca registrada, sempre trabalhava né... Depois eu tive os filhos, daí eu não trabalhei mais, fiquei cuidando deles”. Cuidando deles e do trabalho doméstico, limpando a casa, lavando roupa e cozinhando: “a gente assava (carne) no forno, lá fora. Tudo o que você ia fazer era braçal”. Amélia, que acompanhava a conversa, lembra também da diferença entre as funções atribuídas à mulher com relação ao sobretrabalho: “lá em casa os primeiros filhos eram todas mulheres. Aí tinha que enfrentar de tudo”.

Fernando morava em Mandaguari junto com Augusta, antes dos dois virem juntos para Toledo. Lá, Fernando trabalhava com seu pai na lavoura de café: “eu embalava onze sacos de café por dia. Carregava caminhão de milho, de café, saca de 60 quilos”. Apesar de trabalhar desde criança na rola, ele não se considerava parta daquele mundo: “Ir pra cidade era um sonho meu. Quando eu completei 21 anos, resolvemos casar. Um dia eu cheguei e falei pro pai: ‘ó, agora eu to livre pra ir pra cidade’”. Desde criança, Fernando já exerceu várias atividades diferentes. Foi tropeiro, cuidou das hortas, fabricou fumo artesanal, trabalhou até em uma Igreja. Em Toledo foi pedreiro, antes de ser admitido na Sadia, onde trabalhava na feitura de embutidos.

Ivan trabalhou no abate de animais na Sadia, após sua chegada a Toledo:

Ivan: Eu vim pra cá por causa da oferta de emprego aqui. Acontece que o cara que era da matança aqui da Sadia, era um primo nosso que era chefe. Aí ele mandou uma carta pra nós vir pra cá, sabe? Porque na época faltava professor aqui, aí ele sabia que minha mulher era formada, tinha se formado aquele ano eu acho. Daí peguemo e viemo pra cá. Aquele ano deu uma boa fracassada na esquadria, daí nós resolvemos vir pra cá. Tanto fazia estar lá ou aqui, é a mesma coisa. Cheguei aqui numa semana, na outra já comecei a trabalhar.

A esquadria em que Ivan trabalhava ficava em São Miguel do Oeste, em Santa Catarina, cidade onde conheceu sua esposa, que era professora. Antes disso ele trabalhou por pouco tempo em Ibirubá, cidade próxima: “minha carteira mesmo, a primeira carteira que eu tive eu tinha dezesseis anos, foi assinada em Ibirubá, RS. Eu fui trabalhar lá numa fábrica de faca, de polcas, essas coisas assim sabe”. Como os outros personagens dessa história, Ivan começou a vida de trabalho no campo, no interior de Nonoai, no Rio Grande do Sul. Trabalhou até a adolescência ajudando seus pais na lida com os animais: “o pai sempre morou no sítio. Nós tinha ovelha, tinha gado, porco. Eu saí, fui lá trabalhar uns anos (em Ibirubá). Depois meus irmãos foram estudar, aí voltei de novo pro sítio. Fiz umas ida aí e umas vinda”.

Joaquim foi quem veio de mais longe. Natural de Caculé, cidade que fica no interior da Bahia, ele teve sua iniciação no trabalho ajudando seu avô que abrir poços para escoar a água da chuva. Caculé é uma cidade muito afetada pelas temporadas de seca. Ele também trabalhou com lavoura de café em Londrina, cidade onde morou antes de vir para Toledo.

Elenir e Miguel não fogem ao cenário comum para todos os entrevistados: eram também trabalhadores do campo. Ela veio junto com toda a família de Guaraniaçu, PR; ele veio de Fontoura Xavier, no RS. Ambos migraram apenas uma vez ao longo de suas vidas.

A vida que levavam por onde passaram ficou para trás, em um tempo que não volta mais. O passado; no entanto, insiste em permanecer vivo na memória. Nunca sem razão, ele volta em forma de aprendizado, em forma de lembrança. Nesse processo de lembrar e narrar, os trabalhos da memória dessas pessoas e a organização da narrativa revelam os elementos de maior significação daquilo que foi vivido e sentido. Muitas vezes, essa ordem narrativa parece desobedecer a lógica. Todavia, o que se percebe nada mais é do que as expressões de como esses trabalhadores lidam com perdas e conquistas implicadas na migração.

Podemos tomar como exemplo a história de Joaquim, 74 anos, dos quais 50 foram vividos em Toledo, desde que chegou em 1966. Já se foi meio século. Esse senhor pode ser considerado um dos moradores mais antigos não só do bairro Vila Pioneiro, onde estão localizadas as casas que um dia fizeram parte da vila operária da Sadia. Fomos entrevistá-lo buscando conhecer como era a vida dos trabalhadores da Sadia, particularmente na vila operária. Embora tenha trabalhado por 28 anos na Sadia e segue ainda como um morador da vila, pouco falou sobre estes dois espaços.

Seus interesses durante a entrevista estavam voltados para um passado mais distante; porém, informados por um sentimento atual. Essa é uma das peculiaridades da história oral.

Ela espera que as pessoas se sintam à vontade para relembrar o que é considerado importante de ser relatado no momento da entrevista. Nas palavras de Portelli, “[...] um informante pode relatar em poucas palavras experiências que duraram longo tempo ou discorrer minuciosamente sobre breves episódios [...]” (PORTELLI, 1997, p. 29). Isso é significativo e deve ser levando em conta para a análise, pois informa uma determinada relação do indivíduo com sua própria história.

O caso de Joaquim é interessante nesse aspecto. Ele queria nos contar sobre sua trajetória de migrante, sobre sua terra natal, sua família e os lugares por onde passou, as pessoas que perdeu ao longo deste caminho em busca de uma vida melhor. É simbólico que Joaquim tenha começado justamente por esta questão:

Joaquim: O problema meu sabe o que é? É que eu nasci no estado da Bahia, e sempre quis ir embora pra lá. Mas parece que era pra ficar por aqui mesmo, daí não... Não deu. Aí casei, comprei essa casa aqui, e tô morando aqui até hoje.

O sentimento que orienta sua avaliação é forte e revela como sua trajetória foi vivida de maneira contraditória. O que é problema afinal para Joaquim? Ter nascido na Bahia e por isso se ver obrigado a mudar em razão da pobreza. Teria sido mais simples ter nascido aqui, teria sido menos doloroso? O problema é ter saído, sem; contudo, conseguir voltar. É não ter encontrado o caminho de volta? Nessa passagem, podemos perceber como o processo de deslocamento desses trabalhadores pode ser conflituoso e marcar sua vida de maneira indelével.

Lopes (1971) em seu estudo sobre os migrantes nordestinos que se estabeleceram em São Paulo entre os anos 1960 notou que em sua maioria iam para Sul do país sem objetivo de se fixar. O que queriam era “*fazer a vida*” e voltar para sua terra. Esse sentimento pode estar relacionado ao fato de que, assim como Joaquim, os casos estudados por Lopes se referiam a homens que migravam sozinhos deixando toda a sua família para trás. Passados 50 anos, Joaquim ainda se debate com aquilo que foi ao mesmo tempo sua escolha e seu destino:

Joaquim: Os parentes... O pai e a mãe foram morrendo, e depois no fim as tias também foram morrendo, e ficaram... Os tios ficaram tudo junto com meu avô. Aí em 1980 eu fui lá, só tinha o meu tio e uma tia viva, e já morreu também. Tem dois irmãos lá ainda. Em São Paulo, tem um irmão e uma irmã, e três sobrinhos que tem lá. A família era grande rapaz... Mas é que vai morrendo, e no fim a gente fica sozinho.

O caminho percorrido por Joaquim o distanciava física, geográfica e afetivamente de sua família. Quando ele conclui, no trecho transcrito, sobre seu destino: “no fim a gente fica sozinho”, Joaquim explicita o sentido simbólico de sua epopeia. Ao final, depois de ter conquistado a cidade, trabalhado, comprado sua casa, ele não tinha com quem compartilhar sua vitória.

Comparadas as histórias de trajetória de Luiz e Joaquim, o que se destaca é que, no primeiro, a condição de migrante expressa-se num sentimento de angústia e conflito, um conflito entre o passado e futuro. Luiz vive dividido entre o desejo de manter-se ligado às suas tradições e à necessidade premente de trabalhar em São Paulo para garantir a sobrevivência de sua família. Para Joaquim, as amarras com o passado, sua vida no campo, ao lado de seus pais, avós e irmãos, tudo isso foi rompido quando ele migrou, quando saiu em busca de uma vida melhor. Assim, para ele, ser migrante acabou se expressando contraditoriamente pelo sentimento da perda e incompletude.

Ao abordarem as trajetórias de trabalhadores migrantes e suas avaliações sobre as próprias experiências, com base na história oral, pesquisadores de diversas áreas puderam elencar pontos em comum nas trajetórias. Concluíram que “o migrante constitui-se nas tensões e ambiguidades de várias categorias e diversos espaços sociais” (MENEZES, 2012, p. 26). Em cada local que passa, ele se transforma e transforma também o local. Para entender a constituição de tais experiências, como pontua Menezes,

Não se trata (apenas) de verificar as opções por ficar ou sair, por uma condição de trabalho ou outra, por um lugar ou outro, mas de compreender como os indivíduos tratam subjetivamente essas possibilidades objetivas de trabalho e vida. A condição de mobilidade não expressa desenraizamento ou desagregação familiar, mas, antes, uma permanente recomposição e ressignificação de suas redes de relações sociais. (MENEZES, 2012, p. 26).

A experiência dos trabalhadores migrantes mostra que é muito forte a ideia de fixação: “embora o migrante tenha uma vida marcada pela permanente mobilidade, há sempre uma localidade que represente a referência de fixação”. Pode ser um sítio, um bairro, um povoado, qualquer espaço onde estão pessoas queridas: “esses são lugares de memória e de pertencimento, pois simbolizam as redes de relações familiares, de amizade e de vizinhança” (MENEZES, 2012, p. 26).

O sentimento de ausência, por conseguinte, é constituinte de seu fazer-se. Aquele que migra geralmente “considera a si mesmo ‘fora de casa’, ‘fora do lugar’, ausente, mesmo quando, em termos demográficos, tenha migrado definitivamente”. Esse sentimento pode acompanhar a pessoa por toda sua vida. É um paradoxo: “os migrantes vivem o drama do ausente que está presente e do presente que está ausente” (MENEZES, 2012, p. 28).

Junto com o sentimento de ausência; porém, há sempre a esperança. É este sentimento que move o trabalhador migrante, que está constantemente em busca de melhores condições. Melhores condições do que? Segundo Varussa, “a fundamentação da esperança em melhores condições de vida identifica-se com o encontro de melhores condições de trabalho. [...] Encontrá-lo é o que faz com que as pessoas se movam, assim como perdê-lo” (VARUSSA, 2010, p. 74). O trabalho não como fim em si mesmo, mas como meio de melhorar a qualidade de vida.

Na Bahia, Joaquim trabalhava com seu avô na abertura de poços para armazenar a água da chuva, já que a seca na região era constante. Entrando na idade adulta, ele precisou sair de perto de seus familiares em busca de trabalho. Foi primeiro para Mato Grosso trabalhar na colheita de algodão, morando na fazenda de um senhor como agregado: “trabalhava seis meses em troca de meio quilo de algodão”. Como era pouco, Joaquim migrou para o norte do Paraná. Não encontrando trabalho, decidiu ir para o oeste do estado: “vieram alguns italianos pra Toledo, daí eu vim junto... aí fiquei na casa de um deles um mês e pouco, até que entrei na Sadia”.

Em Toledo, trabalhando na Sadia, Joaquim se estabeleceu. Comprou casa, carro, construiu sua família. Sua intenção desde o começo era voltar, mas nessas idas e vindas acabou ficando. As migrações de Joaquim foram escolhas, mas em condições determinadas. Ele foi onde encontrou trabalho: em Mato Grosso, onde precisava-se de mão de obra na colheita do algodão. Depois no norte do Paraná, onde na década de 1960 havia muita plantação de café, mas como era uma região que estava mecanizando-se, já não exigia tanta mão de obra. Não encontrando trabalho, pegou carona e veio para Toledo, tornando-se empregado da Sadia.

Vindo de Nonoai, Rio Grande do Sul, uma região diametralmente oposta daquela de onde partiu Joaquim, Ivan também guarda como Joaquim uma forte relação com seu local de origem. Viveu no sítio com seus pais até os 16 anos, onde criavam ovelha, porco e gado. Depois disto, foi tentar a vida em Ibirubá, num fábrica de facas. Foi lá que teve sua primeira carteira assinada. Essa lembrança não é aleatória.

As idas e vindas de Ivan não cessaram nesse tempo: “eu gosto de passear”. Saiu novamente do sítio e foi para São Miguel do Oeste, Santa Catarina: “morava na cidade e trabalhava numa esquadria, fazendo janelas e portas”. Naquela cidade, conheceu sua esposa, que estava se formando professora. Por causa do trabalho, os dois vieram para Toledo, já que um conhecido que havia vindo para cá informou que tinham escolas que precisavam de professores na época. Combinou, pois o mesmo conhecido também disse haver emprego na Sadia. Para Ivan, “tanto fazia estar lá ou aqui”. Então vieram.

Durante o tempo, Ivan e sua esposa tiveram três filhos e hoje são separados. Ele trabalhou dez anos na Sadia até resolver sair e procurar outro emprego, pois estava infeliz no trabalho, já que esperava uma promoção que nunca veio:

Ivan: Eu nunca mais entrei lá (na Sadia). Aquela vez pedi a conta. Assim, pra promoverem a gente era muito difícil. Lá (com entonação prolongada) de vez em quando promoviam um ou dois, mas era muito difícil. Então a gente não tinha muita chance.

As únicas coisas que se lembra de bom no tempo que permaneceu na Sadia foram as amizades que fez, e o que o salário e o status de operário de uma grande indústria lhe proporcionou:

Ivan: a gente chegou não tinha nada... era um casal novo, tava começando. Eles assinaram a carteira pra mim aí eu fui na loja (de móveis) com a carteira. Tirei fogão, mesa, cadeira, o que precisava dentro de casa. Se fosse empregado da Sadia eles vendiam, tinham confiança.

São todos bens de consumo. O acesso a esses bens fundamentais, “o que precisava dentro de casa”, mais a casa e o carro na garagem, é o que ele se lembra de positivo de seu esforço como operário. Algo que melhorou sua vida. Todavia, a vida desse personagem, assim como de tantos outros trabalhadores assalariados, é marcada por seguidas tragédias.

Depois de pedir demissão, Ivan ainda trabalhou como motorista de caminhão e como segurança em diversas empresas: “trabalhei em um monte de firma como vigilante, às vezes no mesmo lugar. A firma comprava o lugar e comprava-nos junto também”. Esse serviço, em que definitivamente sentia-se como um objeto, uma mera mercadoria, foi o último antes de se aposentar.

Ivan vive sozinho em sua casa. Sua ex-mulher já não vive mais em Toledo, nem os seus três filhos. Eles migraram para outros locais, assim como ele fez durante grande parte de

sua vida. Sente saudade deles. Sente também saudade de seus pais, que morreram há alguns anos atrás. Ivan terminou a entrevista contando como seria feliz se fosse enterrado junto deles, no interior de Nonoai. Ele até já comprou seu lugar no cemitério.

Nas idas e vindas de Ivan, ele construiu sua vida. Migrando para outros locais conforme a oferta de trabalho, em funções que exigiam pouca ou quase nenhuma qualificação profissional (operário, motorista, segurança), lhe restou poucas coisas. A casa mobiliada, o carro, a aposentadoria, parecem não compensar o sofrimento da solidão, das pessoas que deixou para trás e das que o deixaram. Não deve ter sido isso que planejara quando veio para Toledo em finais da década de 1970.

Pelas distâncias percorridas por Joaquim e Ivan, podemos inferir que eles tinham condições de ir para qualquer região do país em busca por trabalho. Não obstante, ele não foi para qualquer lugar, fez escolhas. Suas escolhas; porém, se direcionaram para onde muitas outras pessoas também migraram: lugares considerados de atração da mão-de-obra. Atuam nesse campo de relações, de um lado, a força da atração organizada pelo próprio capital, a propaganda e divulgação de regiões ricas em ofertas de trabalho e emprego; e de outro o interesse e a necessidade do próprio trabalhador (VARUSSA, 2010).

Para a interseção entre esse contingente de trabalhadores e a capacidade de atração das classes dominantes, colaboram também outros elementos que produzem outros sentidos ao processo de migração. As narrativas de Fernando acerca de sua trajetória nos ajudam a ver isto de maneira mais clara. Nascido em Camanducaia, Sul de Minas Gerais, no início da década de 1950, Fernando lembra-se com certa amargura da pobreza que impregnava sua vida e de sua família:

Fernando: Eu nasci em Minas, em Camanducaia. Um lugarzinho bem pobre. Lá tem lavoura de café, mas é muito pouco, a terra é muito ruim. Eu trabalhei lá... Eu comecei a trabalhar cedo. Com cinco anos de idade eu já puxava cavalo lá e trabalhava com tropa. Meu pai trabalhava com tropa... Amarrava a cabeça de um cavalo no rabo do outro e eu puxava três cavalos. Eu puxava um e aquele um puxava mais dois. E assim por diante [...] depois, daí, fomos para a lavoura de café. [...]. Eu detestava trabalhar na roça. Todos meus irmãos, meu pai, eram melhores que eu. Eu já tinha vontade de vir pra cidade. Eu olhava assim: aquele pessoal trabalhando lá na cidade... Mesmo naquelas casinhas na beira do asfalto, o cara tinha um varal de roupa com roupa melhor que a minha. O cara já tinha um fusquinha dentro da garagem. Eu me matava na roça e nem roupa pra vestir não tinha, rapaz! Eu falei: Ué, o que é que eu tô fazendo aqui? Eu vou pra cidade!

Esse trecho da narrativa de Fernando expõe aspectos diferentes de uma mesma experiência. A experiência que explica sua intenção de sair do campo e ir para a cidade em busca de uma vida melhor. No estudo feito por Durhan (1984), no qual também analisou entrevistas feitas com trabalhadores que migraram do campo para a cidade, ela observa uma constante nas falas para explicar a emigração. Em geral, diziam que migravam porque “a vida na roça era muito difícil” porque queriam “melhorar de vida”. De acordo com a autora, quando eles afirmavam o quão difícil era a vida no campo, referiam-se fundamentalmente ao fato de que para eles não se tratava de uma dificuldade passageira, mas “permanente e inerente à vida rural” (DURHAN, 1984, p. 113). Essa percepção, segundo Durhan, de melhorar de vida resulta de uma forte influência das transformações causadas pela expansão da economia industrial que alteraram o equilíbrio das relações sociais e produtivas no campo.

É a criação de novas necessidades que rompe o equilíbrio econômico. Como o novo equilíbrio só pode ser reestabelecido em níveis mais altos de produção e consumo, o trabalhador sente esta situação como necessidade de ‘ascensão’ social. [...] Este processo de transformação, que implica inclusão na economia monetária, manifesta-se diretamente à consciência do trabalhador através da necessidade crescente de dinheiro. (DURHAN, 1984, p. 114).

A maneira como Fernando compara efetivamente as condições de vida e de trabalho no campo e na cidade expressam uma leitura muito próxima dos trabalhadores entrevistados por Durhan. Apesar de todos os esforços, a renda era pequena para ser dividida entre a prole, e na memória de Fernando nem mesmo as necessidades mais elementares como o vestuário podiam ser satisfatoriamente atendidas, haja vista que as necessidades mudaram e porque o volume de trabalho para atendê-las também aumentou.

Nesse ponto é importante destacar que a percepção dos trabalhadores é também uma construção histórica, contextualizada e construída a partir de comparações. A noção de riqueza na cidade e de pobreza no campo presente nas falas dos entrevistados e do próprio Fernando foi construída num momento em que houve uma significativa expansão da economia industrial no campo que impunha à vida ao trabalho no campo novas necessidades, as quais só podiam ser satisfeitas por meio da aquisição de bens, ou seja, pela compra.

De outro lado, há que se observar a maneira como os trabalhadores vivenciam esse processo. Desde cedo, Fernando se viu obrigado ao trabalho com os animais e as lavouras de café, milho, cebola, batatinha e repolho. Dependendo da época, também plantavam fumo,

como meeiros na fazenda de uma viúva. Desde cedo, ele tem vivenciado os limites deste trabalho para promover uma vida melhor. Diferente de Joaquim, o que se percebe na fala de Fernando é que ele não se sente ajustado à vida no campo, não guarda semelhança nem mesmo com seus entes mais próximos – pai e irmãos - que parece desempenhar suas funções com maior destreza. Essa falta de identificação dentro do núcleo mais primário de suas relações levam-no a sublinhar os contornos da pobreza experimentada pela sua condição de trabalhador rural.

Antes de se consolidar na cidade, Fernando vivenciou a procura de sua família por uma vida melhor. Depois de enfrentar um período de más condições climáticas que reduziu ainda mais a renda familiar, o pai de Fernando decidiu mudar-se com todos para Mandaguari, no Norte do Paraná, para trabalhar mais uma vez em como meeiros no cultivo de café. Em Mandaguari, Fernando se casou com Augusta, mas continuou trabalhando junto a sua família. Quando seu pai decidiu, mais uma vez migrar, dessa vez para uma cidade do estado do Paraná – Palmitolândia -, Fernando e Augusta os acompanharam. Todas essas mudanças se configuram nos caminhos percorridos não só pela família de Fernando, mas por ele próprio em busca de melhores condições de vida no campo.

A trajetória de Augusta é, desse ponto de vista, um pouco diferente se comparada aos caminhos percorridos por Fernando. Eles se conheceram em Mandaguari, onde ela residia com a família em pequena propriedade em que cultivavam café, feijão, arroz e criavam alguns porcos. Somente aos 18 anos, após seu casamento com Fernando, ela vivenciou a necessidade de mudar em busca de melhores condições de vida. Primeiro, foi para Palmitolândia.

Aos poucos; porém, a pouca renda auferida no campo, a vontade de começar sua própria família e os anseios de Fernando levaram Augusta a sonhar também com a vida na cidade. Sem muitas garantias, sem emprego definido, Fernando e Augusta decidiram que era hora de ir. Passados muitos anos, eles se lembram com humor da aventura que foi a mudança para Toledo. Fernando lembra que alugaram o caminhão, mas que “não tinha nada pra trazer”. A mudança foi basicamente duas camas de palha, uma lata de banha, um saco de arroz, um saco de feijão, sal e lenha. Nas palavras de dona Augusta: “é que assim: a gente vinha com pouco dinheiro, se não pegasse serviço nós íamos ficar sem comer. Não tinha nada. Então pelo menos tinha que garantir a comida”.

Elenir, assim como Augusta, saiu do interior do Paraná, da região de Guaraniaçu, para morar em Toledo. Quando sua tia e o marido decidiram mudar-se para Toledo, Elenir e seus seis irmãos pegaram uma carona na mudança. Logo que chegaram, em 1969, ao lado do

marido de sua tia, começaram a trabalhar no frigorífico. Mais de quarenta anos depois, Elenir continua morando em Toledo, não voltou para Guaraniaçu. Casou-se com Joaquim, a quem conheceu no Frigorífico, já nos primeiros meses de trabalho. Diferente dele, Elenir não sofre com as escolhas feitas. Segundo Lopes (1971), os trabalhadores que migram dentro de seu próprio estado ou região econômica similar não sofrem tanto com o desejo de voltar. Isso se deve em grande medida ao fato de que migram com sua família, o que aplaca um provável sentimento de desenraizamento e desamparo. Todavia, o fator primordial se define na facilidade que encontram para retornar ao local de origem. Não há, desse ponto de vista, grandes impedimentos que impeçam ou obstaculem seu retorno.

É certo que isso não quer dizer que para esses trabalhadores, particularmente aqueles de regiões próximas de Toledo, a migração para a cidade não tenha traços contraditórios. A questão aqui não está diretamente relacionada às perdas afetivas, mas às mudanças no modo de vida e de trabalho.

Ao recuperar sua trajetória de vida, Amélia, aos 65 anos, revela o sentido controverso nas decisões e nos caminhos percorridos em sua luta pela sobrevivência. Sob muitos aspectos sua narrativa, indica como a Sadia se tornou um horizonte possível quando a vida no campo parecia não oferecer mais oportunidades. Amélia mudou-se com sua família para Toledo em 1970, seis anos após a instalação do frigorífico, num contexto histórico de rearranjo das forças produtivas no campo que pressionou milhares de trabalhadores a buscarem alternativas para continuar seguindo com a vida no espaço de grandes fábricas.

Antes de vir para Toledo, Amélia morava com seu marido e os primeiros dois filhos em Assis Chateaubriand. Lá, ela e seu companheiro trabalhavam em uma “fabriqueta”. É assim que Amélia se refere a um pequeno frigorífico onde “fabricava mortadela, essas coisas”. Moravam praticamente no mesmo local de trabalho, era “tudo emendado”.

Os pequenos açougues ou fabriquetas existiam em diversas cidades da região Oeste do Paraná, principalmente entre as décadas de 1960 e 1980. Situando-se geralmente a meio caminho da cidade e do campo, nesses lugares, processava-se carne de porco e também gado, provenientes dos pequenos produtores locais. Além das partes nobres da carne dos animais, que eram levadas para serem vendidas na cidade, esses pequenos açougues também produziam embutidos com as partes de menor qualidade (GRANDO, 2017).

A organização e a rotina de trabalho nessas fabriquetas eram bastante diferentes, se comparadas com o trabalho nos frigoríficos maiores, instalados majoritariamente durante a década de 1990 na região. Era um trabalho ainda pouco mecanizado, que exigia pouca

qualificação e experiência dos trabalhadores, que geralmente se ocupavam de várias e diferentes tarefas durante o dia de trabalho, desde o abate até a comercialização do produto final. A jornada era extensa, passando das dez horas diárias.

Em finais da década de 1970 e início de 1980, os pequenos açougues e fabriquetas, onde não trabalhavam mais do que dez ou quinze pessoas, não conseguiram mais manter uma margem razoável de lucro e acabaram fechando, por conta da concorrência com as empresas maiores.

Não raras vezes, empresas de maior porte na época compravam esses lugares, ampliavam e modernizavam a produção a partir da instalação de máquinas, intensificando a divisão e a exploração do trabalho. Em Toledo, foi isso que aconteceu a partir da aquisição, por parte da Sadia, do frigorífico Pioneiro em 1964.

A partir da lembrança de Amélia podemos inferir que a ida de sua família a Toledo fez parte de um itinerário de sobrevivência construído num contexto de grandes dificuldades para trabalhadores humildes como ela e seu marido. O fato é que antes de irem a Toledo, Amélia e seu marido já tinham procurado se estabelecer em outros lugares no estado do Paraná e no estado de São Paulo. Em Assis, trabalharam no pequeno frigorífico de embutidos, mas a baixa remuneração impunha o esforço de busca por trabalho em outro lugar. Decidido a encontrar um trabalho que oferecesse melhores condições e lhe pagasse mais, o marido de dona Amélia arriscou a ida até Toledo. Logo conseguiu um trabalho na Sadia, como pedreiro. Com o primeiro salário, passado um mês, iniciou a compra de um automóvel e foi buscar a esposa e os filhos que tinham ficado em Assis Chateaubriand. Quando chegou a Toledo, Amélia também conseguiu um emprego na Sadia, para trabalhar na limpeza.

Como se pode observar aqui, pouco importa para Amélia o sentido de progresso tecnológico e modernização da indústria. As questões que movimentavam sua vida e de sua família revelam em termos efetivos que o processo celebrado pelos grupos dominantes locais e pela empresa dependia da existência de inúmeras famílias como a de Amélia, empobrecidas e despossuídas, “livres” para se movimentar conforme as contingências do mercado de trabalho.

1.4 E A VIDA? MELHOROU?

A migração de uma região para outra se tornou, sem dúvida, parte integrante das estratégias de sobrevivência da classe trabalhadora brasileira. Essas mudanças de local de

moradia acompanharam as mudanças que aconteceram no âmbito do trabalho. Todos os trabalhadores entrevistados nasceram e moraram grande parte de suas vidas no sítio, onde ajudavam suas famílias na lida da roça. Durante suas migrações, e mesmo quando já estavam em Toledo, exerceram diversas funções, antes e depois do tempo que permaneceram na Sadia.

Os motivos elencados para a migração de um local para outro são parecidos: a busca por uma “vida melhor”. Forçados por condições determinantes, como a concentração e mecanização da terra no campo e por vezes as más condições climáticas. Esses trabalhadores viram na mudança de lugar uma estratégia para seguir com suas vidas. Todavia, o que significa a tal “melhoria da vida”?

Vejamos o caso de Ivan, “Gaúcho”, como é conhecido no bairro, reside até hoje na casa da vila operária, que adquiriu nos finais da década de 1970. A pequena casa é fruto de dez anos de trabalho na Sadia e muitos outros empregos. Ele pagou as prestações da casa “religiosamente”, como conta: “isso aqui em paguei fielmente todo mês, por vinte e cinco anos. Nunca atrasei uma prestação sequer”.

O aumento dos bens de consumo não necessariamente significa melhora na qualidade de vida. A busca por uma vida melhor, para os trabalhadores entrevistados, significa mais do que ter um pouco de dinheiro para conseguir sobreviver. Gaúcho tentou ter seu próprio negócio quando comprou um caminhão, mas não conseguiu manter, não valeu a pena. Terminou como começou, assim que saiu do sítio de seu pai ainda adolescente: um mero trabalhador assalariado, um objeto, uma mercadoria que pode ser vendida e comprada. Obviamente, esse sentimento causa indignação, que muitos como ele engolem a seco. Um incômodo que o persegue por toda sua vida.

Conversamos com Miguel, em uma estofaria, propriedade sua. A loja/oficina de estofados fica em uma das ruas que fecham a área retangular cujo interior fora povoado quase que exclusivamente por operários da Sadia entre as décadas de 1970 e 1990. O lugar, hoje utilizado por Miguel para fabricar e vender sofás, cadeiras e outras peças, antigamente costumava ser uma mercearia, a única que existia na vila operária. Segundo ele, “os (trabalhadores) daqui compravam todos lá”.

Todos frequentavam a mercearia onde Miguel trabalhava, e foi ali que ele iniciou sua trajetória em Toledo. A experiência de vida dele se difere da maior parte das outras pessoas entrevistadas, já que Miguel nunca trabalhou na fábrica. No entanto, de certa forma, seu caso permanece ilustrativo para os objetivos da pesquisa, tendo em vista que ele morou e trabalhou há pelo menos três décadas no espaço compreendido pela vila operária e, portanto, manteve

contato diário com os trabalhadores do frigorífico e viveu as transformações pelas quais passou o bairro: “na época fazia pouco tempo que tinha loteamento aqui. Eram 4 quadras (apenas) da grande Pioneira. E hoje é uma cidade”.

A trajetória de vida de Miguel revela também outro ponto em comum com os demais entrevistados: a condição de migrante. Natural de Fontoura Xavier, cidade gaúcha, ele veio sozinho para o Oeste do Paraná em 1978, a convite de um parente. Seu tio Bento, dono da mercearia, foi quem arrumou para Miguel vir para Toledo, a fim de trabalhar para ele. Por 6 anos, ele foi o único funcionário do pequeno comércio. Miguel disse que veio

Miguel: passear um ano antes aqui em Toledo visitar ele (o tio). E ele falou: “a hora que tiver uma oportunidade vou te chamar”. Aí não foi nem seis meses depois, tinha um guri que trabalhava com ele e que tinha saído aí ele me chamou.

Completados 60 anos, Miguel acumula diferentes experiências de trabalho. Começou na lavoura em sua cidade natal, onde morava e trabalhava com seus pais. Com cerca de 20 anos, deixou a convivência com família a fim de conseguir sua independência financeira. De lá para cá, trabalhou na mercearia de seu tio, depois em uma lanchonete e uma sorveteria, onde permaneceu pouco tempo, até abrir sua oficina de estofados, empreendimento que possui há mais de 20 anos.

Miguel foi uma das poucas pessoas remanescentes na vila operária. À época que ele chegou, acompanhou a vinda de muitos trabalhadores migrantes, atraídos, segundo ele, pela imagem de poder e de segurança que o frigorífico procurava transmitir para fora:

Miguel: Ah, vinha gente de toda região. Vinha gente de Minas, São Paulo, aqui do Paraná mesmo de quase todos os lugares, do Rio Grande do Sul muita gente, Santa Catarina [...] (e de regiões) mais distantes. Da Bahia veio gente, de Pernambuco [...] Hoje em Toledo tem gente de toda região do Brasil. Tendo trabalho... Na época era tudo braçal então exigia muita (mão-de-obra) tanto na lavoura como no frigorífico. Só que o desenvolvimento (de Toledo) eu acredito que seja 99% por ter o frigorífico Pioneiro se instalado aqui. Isso foi sempre comentado, e hoje se conversar com essas pessoas... Aqui tem radialista que a cada 15 dias leva um pioneiro pro programa dele. Então ali a gente ouve muitas histórias que são verdadeiras, do pessoal que veio em torno da Sadia. O cara que veio pra fazer uma manutenção no frigorífico e acabou ficando, e aí desenvolveu outra economia na cidade. Montou uma mecânica, ou foi desenvolvendo nesse sentido.

Miguel foi, ele próprio, uma dessas pessoas que construíram alternativas de trabalho e de vida em torno da Sadia. Seus clientes, desde a época da mercearia, eram operários da empresa. Diferente da grande maioria dos primeiros moradores, que buscaram outros ares após passar um tempo trabalhando no frigorífico e vivendo na vila, Miguel permaneceu no mesmo lugar. O fato de conseguir montar um negócio próprio, com a ajuda de seu tio, parece ter sido fundamental neste aspecto.

Ao contrário do que relataram os operários, em sua narrativa, Miguel não elencou em nenhum momento reclamações quanto ao tipo de trabalho executado, nem as jornadas longas de labor. De fato, aparentemente Miguel desfruta ainda de ótima saúde física e mental, o que podemos considerar como exceção em relação aos outros entrevistados.

Retomamos Brandão Lopes e o significado da busca por uma vida melhor para a classe trabalhadora, em que combina a mobilidade social e a mobilidade geográfica. Essa “mobilidade social” significa para o autor “um movimento vertical de uma classe para outra”, que acarretaria, por conseguinte e “com o tempo uma mudança do comportamento da pessoa que sobe ou desce na estrutura social” (LOPES, 1971, p. 23).

Ao fim, o que se conclui após a análise dos sentidos e dos sentimentos em torno da mobilidade dos trabalhadores vindos do campo em sua busca por uma vida melhor é que esta procura é experimentada de maneira ambígua. Não pode ser aprendida de uma única maneira. A questão fundamental no estudo das trajetórias não é concluir se esses trabalhadores efetivamente passaram a viver melhor porque em muitos casos a realização de um objetivo implicou na perda de outros. Nesse sentido, a jornada em busca de uma vida melhor precisa ser entendida como parte da relação social conflituosa e contraditória vivida de maneiras diferentes entre os diversos grupos de trabalhadores e os diferentes agentes do capital na região.

Assim, para concluir e também continuar, destacamos nesse conjunto de relações a questão da moradia. Um aspecto destacadamente importante na jornada dos trabalhadores brasileiros que migram do campo para a cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida. Ao lado da procura por trabalho caminha também a necessidade por moradia. No capítulo seguinte, analisamos como essa questão foi vivenciada pelos trabalhadores na cidade de Toledo. Essa análise foi feita, observando-se o contexto de instalação do frigorífico da Sadia na cidade de Toledo e as disputas em torno do espaço urbano que dela se desdobraram.

CAPÍTULO 2: ENTRE A CIDADE IMAGINADA E A CIDADE VIVIDA: A QUESTÃO DA MORADIA EM TOLEDO

A busca por uma vida melhor pelos trabalhadores que migram do campo para a cidade produz-se numa relação tensa e conflituosa. Historicamente, a relação da classe trabalhadora com a cidade moderna é ambígua e contraditória, pois é em meio ao estranhamento que os trabalhadores elaboram sua identidade. A cidade é, num primeiro momento, um espaço a ser desvendado, cuja organização e lógica precisam ser apreendidas.

Na verdade, as cidades que se formam ou crescem em função de um processo de industrialização comportam espaços distintos: o centro, núcleo comercial e financeiro em que circula a riqueza; os bairros da burguesia, onde estão as melhores moradias; e os bairros dos trabalhadores. Nesses últimos, ou em seus arredores, é onde fica as fábricas, lugar onde a riqueza é produzida.

Apesar da separação social e de funções entre os espaços, a cidade é uma só. São muitas, mas paradoxalmente uma só. Conquanto, as classes acabam por circular muitas vezes fora dos seus devidos espaços, fora das fronteiras socialmente estabelecidas ou das “fronteiras invisíveis”. Com isso, percebem uma e outra, convivem e entram em conflito.

As tensões existentes em Toledo entre meados da década de 1960 até finais da década de 1980, com relação à moradia e ao trabalho, foram exploradas neste capítulo a partir das lembranças de trabalhadores que migraram para esta cidade a procura de trabalho. Os trabalhadores em questão formam um grupo específico de antigos moradores de casas destinadas aos operários da Sadia, localizadas num bairro conhecido atualmente como Vila Pioneira. Buscamos discutir quais as alternativas que os trabalhadores vindos do campo encontravam para viver e morar na cidade num contexto marcado pelo crescimento urbano e desenvolvimento da indústria de alimentos, especialmente da carne.

2.1 TOLEDO: A RELAÇÃO ENTRE A CIDADE E A INDÚSTRIA

A criação de suínos foi uma atividade trazida pelos migrantes vindos de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, que passaram a assentar-se na área onde hoje fica Toledo a partir da década de 1940.

Para além da economia de subsistência, os suínos eram também comercializados para fora da cidade, ainda vivos, em caminhões. Esse tipo de atividade aumentou durante a década de 1950, e alguns empresários locais construíram um frigorífico para o abate e processamento da carne (RIPPEL, 1995).

O frigorífico Pioneiro, como foi nomeado, iniciou suas atividades em 1959. Funcionou sem grandes mudanças por alguns anos, com capacidade para receber cerca de 20% dos suínos criados na região.

Em 1964, o frigorífico foi parcialmente vendido para Atílio Fontana, então proprietário da empresa Sadia. O negócio deu certo para Fontana, que em 1971 adquiriu totalmente o frigorífico, ampliando-o e instalando novas máquinas para aumentar a produção.

Desde então, Toledo e seus habitantes experimentaram um processo de expansão das atividades comerciais e industriais, ligadas direta ou indiretamente ao funcionamento da Sadia. A cidade também cresceu enormemente em número de habitantes, passando de 25.000 pessoas em 1964 para 130.295 pessoas em 2014 (PEREIRA, 2016).

O crescimento agroindustrial de Toledo é celebrado pela história institucional da cidade, como podemos perceber nesse trecho retirado da “Revista Toledo”, publicação financiada pela prefeitura municipal⁵:

O crescimento acelerado de Toledo motiva diversos investimentos nas mais variadas áreas. A Sadia investiu R\$ 173 milhões na reconstrução e ampliação da unidade de industrializados destruída por um incêndio em 2006 e inaugurada em outubro de 2008, reforçando seu complexo industrial no município e a condição de maior empregador de Toledo, com cerca de 9 mil funcionários.

Apesar de destacar a quantidade de empregos gerados pela indústria, a revista nada informa sobre a qualidade desse trabalho. Não no sentido da qualidade do produto final, mas da rotina de trabalho. Estudos mostram que é grande a quantidade de acidentes e adoecimento de trabalhadores que atuam na linha de produção dos frigoríficos. Trabalhar ali é extremamente árduo: a média de tempo que uma pessoa permanece nesse tipo de serviço é de dois anos.

⁵ “Crescimento atrai e gera novos investimentos”. Reportagem da **Revista Toledo**, disponível: <http://en.calameo.com/read/000466484df211885e231?editLinks=1>
Consultado em 06 de setembro de 2016.

O contingente de mão de obra para o trabalho no frigorífico existente hoje na cidade não reflete o contexto das décadas de 1960 e 1970. Entre os fatores é preciso destacar que nesses tempos a rotina de trabalho exigia certa experiência dos trabalhadores no abate dos animais, na limpeza e no corte da carne. O processo de trabalho era menos dividido e pouco mecanizado, por isso, o trabalhador já deveria ter desenvolvido o conhecimento e a destreza necessária para as tarefas executadas no frigorífico.

Para garantir a força de trabalho necessária à produção, a Sadia apostou em uma política assistencialista, e atuou em diversos momentos junto ao poder público municipal no sentido de viabilizar condições que pudessem servir como atrativos para os trabalhadores, principalmente àqueles que vinham do campo.

Uma dessas condições foi a moradia. A empresa investiu em terrenos, casas e outras construções nos espaços circundantes ao frigorífico. No caso específico aqui estudado, as casas foram construídas em um terreno que era da empresa, e posteriormente vendidas para os trabalhadores a partir de um programa de financiamento junto à Caixa Econômica.

Em 1964, a cidade de Toledo passava ser sede de um frigorífico da Sadia. No início da década de 1960, a empresa já era considerada grande, com duas unidades produtoras em funcionamento nos estados de Santa Catarina e São Paulo.

O grupo Sadia surgiu durante a década de 1940, por iniciativa do então comerciante Attilio Fontana. Fontana trabalhava vendendo produtos agropecuários e decidiu investir parte de seu capital na produção agroindustrial. A cidade escolhida foi Concórdia, situada no Oeste de Santa Catarina.

Concórdia apresentava grande potencial para o investimento de Fontana. A economia do município girava em torno basicamente da criação e da comercialização de suínos em pequenas propriedades. A matéria-prima não iria faltar, pelo menos no início. Também, a localização geográfica foi fator importante, pois o lugar não ficava tão distante dos grandes centros consumidores, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Após a compra de um pequeno abatedouro que existia na cidade e a instalação de novos equipamentos, a Sadia passava a funcionar em Concórdia. Desde o início, o grupo diversificou suas atividades. Além da produção da carne, a empresa atuou também no beneficiamento do trigo e outros gêneros.

A fim de alcançar um número de consumidores cada vez maiores, a partir da integração de mercados, a Sadia foi proprietária até mesmo de uma pequena frota de aviões para que pudesse transportar a carne sem que estragasse.

A expansão das atividades da empresa levou à construção de outra unidade produtiva em São Paulo, em 1961. Contudo, faltava resolver o problema de fornecimento de matéria-prima para aquele frigorífico. Em Toledo, Fontana encontrou o lugar ideal para solucionar esse problema.

Em 1964, Toledo tinha cerca de 25.000 habitantes. A economia da cidade era movimentada principalmente pela produção rural, como a criação de suínos e as lavouras de trigo, soja e milho. Toledo era formada na época principalmente por migrantes alemães e italianos vindos das regiões rurais do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A criação de porcos fazia parte da cultura destas pessoas.

Desde a década de 1950, os animais eram comercializados ainda vivos para frigoríficos em algumas regiões do Paraná, como Ponta Grossa, onde seriam abatidos e revendidos. O transporte, no entanto, era precário e custoso. Tendo em vista esse problema, produtores e empresários locais decidiram fundar um pequeno frigorífico para que os suínos fossem abatidos e transformados ali mesmo.

Foi então fundado o frigorífico Pioneiro, que começou a funcionar em 1959. No entanto, o frigorífico era capaz de processar apenas 20% da produção local de suínos, por isso, o transporte dos animais vivos continuou a ser realizado.

A Sadia, necessitando de matéria-prima para abastecer sua nova unidade produtora em São Paulo em meados da década de 1960, encontrou em Toledo condições seguras para investir capitais. Além de a cidade oferecer matéria-prima em abundância e localizar-se perto dos grandes polos consumidores, tinha ali já em funcionamento uma planta frigorífica que podia ser adquirida, diminuindo assim os custos. Em 1964, Fontana propôs sociedade no frigorífico Pioneiro, ampliando suas instalações e adquirindo-o completamente em 1971 (RIPPEL, 1995).

Essa história é brevemente resumida no sítio eletrônico administrado pela prefeitura⁶:

A suinocultura, que era atividade complementar para os pioneiros, desenvolveu-se rapidamente na década de 50, culminando com a fundação do Frigorífico Pioneiro S/A, que teve seu controle acionário adquirido pela empresa Sadia no ano de 1964, que veio a implementar o sistema de integração nas áreas de aves e suínos, além de um complexo fabril que a tornou a maior indústria instalada no município.

⁶ “História de Toledo”. **Portal da cidade**, disponível: <http://toledo.portaldacidade.com/historia> Consultado em 06 de setembro de 2016.

Diferente das formas pragmáticas de explicar o projeto econômico da Sadia, a memória em torno da instalação da empresa recorre a outros elementos explicativos que procuram vincular o desenvolvimento da cidade ao da própria empresa. Essa leitura já estava presente desde a implantação do Frigorífico em Toledo em alguns meios de comunicação locais e regionais.

Em uma publicação do *Jornal de Maringá*, de outubro de 1967, por exemplo, encontramos uma longa matéria sobre uma espécie de cerimônia para celebrar as novas instalações do frigorífico da Sadia em Toledo.

No evento de inauguração estavam presentes diversas personalidades públicas. Na primeira foto, que tem grande destaque na página, aparece em primeiro plano o padre Marcelino Rizzou, usando túnica e “benzendo as novas instalações”, ao lado do senador Atílio Fontana. Rizzou era padre da Paróquia Cristo Rei, a primeira paróquia católica de Toledo, fundada pelos “pioneiros” ainda na década de 1940. Fontana era o homem por trás do novo empreendimento, proprietário das organizações Sadia. Em segundo plano, estão sócios e personalidades públicas da cidade, devidamente trajados com terno e gravata.

Lida integralmente, a reportagem enaltece a qualidade e importância do novo empreendimento para a cidade de Toledo e seus habitantes. O texto discorre sobre as falas dos convidados, especialmente Fontana, que apresentou números considerados recordes na produção de suínos, possíveis de serem executados no frigorífico com suas “modernas instalações”. Para o redator da matéria e para o jornal como um todo, ficou claro que o frigorífico “é uma das firmas que mais colaboram para o progresso da região” (JORNAL DE MARINGÁ, 13/10/1967, p. 4).

Passaram-se as décadas e o tom do discurso não mudou. Os jornais continuam celebrando as conquistas dos grupos dirigentes em Toledo. Em 2013, o *Jornal do Oeste* realizou uma entrevista com o antigo dono e fundador do Frigorífico Pioneiro, que também foi por duas vezes prefeito de Toledo. A matéria foi publicada como forma de homenagear o empresário, que faleceu no mesmo ano⁷.

Em seu depoimento, Egon Pudell demonstra orgulho ao lembrar-se do que considera como seu grande feito do passado: “fui eu quem trouxe a Sadia para Toledo”. No texto, o

⁷ “Pudell: ‘Fui eu quem trouxe a Sadia para Toledo’”. Reportagem, **Jornal do Oeste**, disponível: <http://www.jornaldoeste.com.br/cidade/2013/10/pudell-fui-eu-quem-trouxe-a-sadia-para-toledo/913151/> Consultado em 10 de Novembro de 2015.

jornal endossa seu ponto de vista: “a frase do ex-prefeito resume o sentimento de um dos responsáveis pela instalação do maior frigorífico da América Latina em Toledo”.

A reportagem ressalta que a vinda da Sadia era inclusive disputada pelas administrações de Toledo e Cascavel, cidade vizinha:

Mas e a história sobre a vida da Sadia para Toledo, deve estar se perguntando o leitor? Bom, para contá-la é preciso voltar no tempo, mais precisamente para março de 1957, quando o então prefeito de Cascavel, Otacílio Mion deu uma entrevista afirmando que a Sadia iria se instalar em Cascavel. A notícia causou furor na região e, durante o Congresso Brasileiro dos Municípios, no Rio de Janeiro – sede do Governo Federal – o prefeito Egon Pudell resolveu, durante um dos intervalos do encontro, ir ao Congresso Nacional, na praça da Cinelândia, para conhecer e conversar com o deputado federal Atílio Fontana, que seria decisivo anos mais tarde para a vinda da Sadia para Toledo (...) Egon Pudell explicou ao deputado a importância de Toledo dentro da suinocultura e acabou sendo convidado para um jantar com o deputado (...) Durante o jantar o deputado Atílio Fontana lhe deu um tapinha nas costas como que dizendo ‘garoto, você vai longe’. E o espírito pioneiro de seu Egon realmente foi longe, ganhou asas e se tornou amigo de Atílio Fontana ‘de quem sempre tive uma admiração muito grande e do qual nunca mais deixei de ser amigo’ (...) Com isto a Sadia acabou adiando sua instalação no Oeste. Neste meio tempo a população cobrava a instalação de um frigorífico para atender aos produtores de suínos, até que Reinoldo Baldiche, juntamente com o sócio Egon Pudell, instalou o frigorífico Pioneiro. Ao fim do mandato como prefeito o administrador Egon foi eleito vereador e assumiu a vice-presidência do Pioneiro, arrumando empréstimos para a compra de suínos junto ao Banco do Brasil. Problemas com o sócio forçaram Egon a vender sua parte no frigorífico, mas não para qualquer um e sim para o amigo Atílio Fontana⁸.

Egon Pudell contou esta história mais de uma vez. Em outro jornal da cidade, a narrativa sobre a vinda da Sadia para Toledo, a partir de relatos de Pudell, é praticamente a mesma⁹. O ex-prefeito gaba-se de ter conquistado a amizade de Fontana, que teria sido decisiva para fechar negócio. Ele conseguira então o que outros prefeitos e personalidades administrativas das cidades vizinhas não conseguiram: convencer Fontana a investir em Toledo.

Os fatores preponderantes de lugar com abundância de matéria-prima e localização geográfica privilegiada, citados anteriormente, ficam em segundo plano na narrativa do jornal,

⁸ Pudell: ‘Fui eu quem trouxe a Sadia para Toledo’. Reportagem, **Jornal do Oeste**, disponível: <http://www.jornaldoeste.com.br/cidade/2013/10/pudell-fui-eu-quem-trouxe-a-sadia-para-toledo/913151/> Consultado em 10 de Novembro de 2015.

⁹ A mesma história é contada pelo jornal Gazeta Toledo. “Egon Pudell: um fã de JK, desbravando o Oeste”. Reportagem do **Jornal Gazeta Toledo**, disponível: http://www.gazetatoledo.com.br/NOTICIA/11349/EGON_PUDELL_UM_FA_DE_JK_DESBRAVANDO_O_OESTE Consultado em 06 de setembro de 2016.

baseada em depoimentos de Pudell. No lugar entra o “espírito pioneiro de seu Egon” e sua capacidade para acertar o empreendimento.

A atuação de Pudell é também destacada quando o jornal se refere ao frigorífico Pioneiro. O ex-prefeito, além de fundar o frigorífico e atender à demanda dos produtores de suínos, foi também um bom administrador da empresa, conseguindo empréstimos, por exemplo, como citado anteriormente. Pudell teria vendido sua parte por supostos “problemas com o sócio”, e não por questões conjunturais.

Atílio Fontana, por sua vez, conta uma história diferente sobre o porquê Toledo foi escolhida para a expansão das atividades da Sadia:

Desde o início, quando foi planejada a instalação de um frigorífico aqui (em Concórdia), desenvolvemos a ideia paralela de instalarmos outro numa região onde houvesse grande produção de suínos. E logo encontramos Toledo [...]Havia lá em franca decadência um pequeno frigorífico – **Frigorífico Pioneiro** – muito mal instalado, e para não precipitar o seu fechamento com a instalação do nosso, acabamos comprando-o. Fizemos uma construção nova, ampla, espaçosa, nada restando da organização primitiva (FONTANA, 1980, p. 235).

Fazendo o caminho inverso, Fontana, para sublinhar a importância e o protagonismo da Sadia, acaba por desqualificar os grupos dirigentes da cidade ao destacar que lá em Toledo havia *em franca decadência um pequeno frigorífico* de suínos. Não se trata apenas de um relato, mas de uma narrativa construída com o objetivo de se qualificar pela desqualificação do outro.

O frigorífico Pioneiro estava, segundo Fontana, *muito mal instalado*, e a sua organização era *primitiva*, muito diferente das modernas instalações financiadas posteriormente pela Sadia. Fontana, nessa perspectiva, acabou por ajudar os sócios do frigorífico Pioneiro, que estaria já em processo de falência. Ele faz questão de ressaltar que poderia ter instalado outro frigorífico, como forma de demonstrar que seu poder econômico era muito maior do que o dos grupos dirigentes locais.

Na verdade, essa prática já havia sido realizada pela Sadia em Santa Catarina e São Paulo. É muito mais vantajoso para a empresa adquirir instalações frigoríficas já existentes do que construir outra, por diversos fatores. O próprio fato da existência de plantas desta natureza influencia na escolha do lugar de atuação da empresa (RIPPEL, 1995).

No conjunto, as memórias dos grupos dominantes, traduzidas e veiculadas pela imprensa, revelam o esforço desses grupos em se posicionarem como protagonistas do

processo que levou à instalação da Sadia na cidade. Desse ponto de vista, em última instância o progresso e desenvolvimento do município seriam obras suas. Esse esforço de explicação procura, quase sempre, resguardar uma vocação natural da cidade para o desenvolvimento de maneira a sublinhar em maior grau o valor das ações dos grupos dirigentes locais.

Acompanhamos até agora formas distintas de explicar a relação entre a Sadia e a história de Toledo, a partir das memórias dos grupos dominantes. Apesar de diferentes, é certo afirmar que essas formas de compreensão estão apoiadas em noções de progresso e desenvolvimento que excluem as expectativas e demandas dos trabalhadores.

A história institucional ou “oficial”, presente nas publicações da prefeitura, corrobora as versões presentes na mídia ligada aos setores do comércio local no que se refere ao desenvolvimento econômico de Toledo: “o desenvolvimento de Toledo está embasado na estrutura produtiva com base rural”. Isso justifica os altos investimentos feitos pela prefeitura ao longo dos anos em vários setores, como na construção de estradas, por exemplo: “a produção agropecuária se fortalece com o transporte facilitado a qualquer hora do dia ou da noite¹⁰”.

Uma leitura mais atenta da maior parte das matérias sobre a história da Sadia em Toledo revela que ambos os conceitos, progresso e desenvolvimento, remetem a melhorias nos setores de infra-estrutura para tornar possível ou facilitar a produção agroindustrial. O latifúndio, a indústria e o comércio saem beneficiados.

No entanto, essas não são as questões realçadas na memória dos trabalhadores, sobretudo porque não é tanto a cidade e seu progresso que orientam sua leitura, mas o modo como a história da empresa está diretamente articulada com as mudanças por eles vividas.

2.2 AS “DUAS” TOLEDO: CIDADE DIVIDIDA

Caminhando pelas ruas da Vila Pioneira, em Toledo, é difícil não notar o aglomerado de casas, lojas, bares, mercados, igrejas, associações, campos de futebol e atividades diversas que lá existem. Os moradores da grande área abrangida pelo bairro dispõem de colégios, creches, hospital, posto de saúde e centros de lazer.

¹⁰ “Trajetória de Toledo tem a marca do crescimento”. Reportagem da **Revista Toledo**, disponível: <http://en.calameo.com/read/000466484df211885e231?editLinks=1>
Consultado em 06 de setembro de 2016.

Como diz Joaquim: “hoje a Pioneira é uma cidade mesmo, como lá no centro. Aqui tem tudo que você quer”. E continua: “essa Pioneira não tinha nada, nada, nada. Nem rua direito não tinha. Hoje é uma cidade. Pra você ver ó, pra todo lado tem casa. É muito bom”. Esta percepção é compartilhada pela sua esposa Elenir: “era separado aqui, tudo era mato. Não tinha nada aqui”.

Os outros entrevistados têm a mesma percepção. Miguel diz que “em 1976 fazia pouco tempo que tinha loteamento aqui. Tinha loteamento, mas era quatro quadras apenas da Grande Pioneiro. E hoje é uma cidade”. Ivan também conta que quando chegou “não tinha asfalto, não tinha nada. Essas casas, não existia nada disso aqui”. Amélia também: “agora ta tudo mudado. Quando nós viemos morar aqui era tudo mato. Era diferente, não tinha nada que tem agora”. Augusta complementa: “tudo que precisava tinha que ir pro centro, pra cidade. Agora Toledo ta pra cá, pra lá, mudou tudo”.

O “tudo” quer dizer uma semelhança, uma sensação de pertencimento. O “nada”, algo estranho, distante. Entre o “nada” (quando chegaram expropriados) até o “tudo”, o modo como se veem hoje em dia, há experiências de vida que movimentaram a história.

Ao chegarem a Toledo, os trabalhadores vindos do campo tinham algumas expectativas: uma delas era aproveitar o que a cidade tinha a oferecer. No entanto, a “cidade” ainda não havia chegado aos espaços destinados à moradia dos migrantes pobres. O mais relevante desses espaços era uma grande área conhecida antigamente como “Pouso Frio”, nas imediações do frigorífico, que ao longo das décadas de 1960, 70 e 80 foi sendo dividido e subdividido em partes. Em cada parte, formou-se um bairro diferente.

Ficou claro nas entrevistas que esse território, que teve uma das partes comprada pela Sadia, não era considerado pelos moradores que vinham do campo como “cidade”. A cidade era o centro comercial, onde tinha luz, água encanada, esgoto e as melhores moradias. Era como se Toledo comportasse dois espaços muito distintos entre si.

A região chamada por alguns de “outro lado do rio”, por ficar separada do centro e do restante da cidade pelo rio Toledo, é onde viveram (e ainda vivem) a grande maioria dos funcionários da Sadia e de outras empresas. Hoje ela é formada por quatro bairros: Vila Paulista, Boa Esperança, Vila Pioneira e Vila Operária. Nas imagens¹¹ a seguir podemos visualizar a região:

¹¹ Imagens retiradas do programa “Google Earth” e editadas pelo autor. Acesso em 2017.

Figura 01: Área que compreendia o “pouso frio”



Fonte: Imagens retiradas do programa “Google Earth” e editadas pelo pesquisador.



Figura 02: A vila e o frigorífico

Fonte: Imagens retiradas do programa “Google Earth” e editadas pelo pesquisador.

Na figura 2, a área selecionada em azul compreende a vila operária, enquanto a área destacada em vermelho compreende o frigorífico.

Como dizem os antigos moradores, “hoje é tudo emendado, antes era tudo separado”. Cada parte da região tem uma história diferente. Ela já foi uma região só, depois foi separado,

e hoje novamente está tudo “emendado”, apesar dos antigos moradores da vila dos operários não gostarem de ser confundidos com moradores dos outros bairros.

Desde a década de 1940, há registros dos primeiros migrantes pobres que ocuparam alguns espaços da área, chamada na época de “Pouso Frio”. Até meados da década de 1980, e em especial na década anterior (1970), essa região foi palco de inúmeros conflitos por moradia.

Duas pesquisas recentes retratam as condições sociais existentes em Toledo e as disputas pela cidade durante as décadas de 1970 e 1990. São os trabalhos de Pereira (2016) e Neri (2012). Ambos evidenciam as migrações para Toledo no período de tempo citado anteriormente. Vieram famílias inteiras a Toledo para viver na cidade. Como foi para conseguirem lugar para morar? Quais eram as alternativas dos trabalhadores?

Pereira (2016) designa o Pouso Frio como “uma grande área próxima ao frigorífico, com aluguéis mais baratos e onde viviam a maioria dos operários da Sadia” (PEREIRA, 2016, p. 10-11). Uma parte da propriedade da fábrica ficava neste terreno.

Esses espaços de trabalho e moradia, a fábrica e o Pouco Frio, “constituíram-se como espaços de luta e resistência entre as décadas de 1970-90. Luta por serviços públicos no bairro e por melhores condições de trabalho” (PEREIRA, 2016, p. 12). Importante nesse processo foi a construção de redes de solidariedade entre vizinhos, amigos e familiares.

Até meados de 1980, os moradores da Grande Pioneira não dispunham de serviços básicos para o viver urbano: não tinha luz, água encanada, e as estradas abertas pelos próprios moradores ainda eram de terra. Diferente do centro, que nessa época já tinha tudo que faltava nos bairros que se formavam “do outro lado do rio”.

É possível verificar isso a partir de reportagens de jornais locais da época. Um deles é o jornal “Nova Geração”. A partir de depoimentos dos moradores e de visitas dos jornalistas, os editores traçam uma imagem das parcas condições encontradas nos lugares de moradia dos operários, resumida por Pereira nos pontos a seguir:

Fundos de terreno mal divididos, comportando até 4 ‘ranchinhos’ de pequeno porte; falta de iluminação pública (gerando gastos com querosene e gás, além de impossibilitar o funcionamento de comércios que necessitavam de energia elétrica na região, obrigando os moradores a se deslocarem até o centro da cidade); medo de reformar ou ampliar as casas e perder o investimento (os moradores temiam perder suas casas, já que desconheciam os proprietários legais das terras); entre outras dificuldades. (PEREIRA, 2016, p. 14).

É importante que destaquemos o posicionamento político do jornal, que expressam um lado das disputas pela cidade na época, dada a situação precária e do crescimento dos bairros marginais ao centro. A crítica é direcionada aos terrenos mal divididos, à falta de energia que impossibilita o funcionamento do comércio (o que faz com que os trabalhadores tenham que ir para o centro); à insegurança com relação à propriedade dos terrenos, já que a maior parte não tinha escritura.

O jornal Nova Geração é de cunho liberal, logo, as ênfases citadas anteriormente, quando descrevem a dificuldade dos trabalhadores, na verdade podem servir de justificativa para a expulsão de pessoas das áreas irregulares e investimento em infraestrutura para facilitar o aumento da especulação imobiliária e a expansão do comércio na região. Isso expressa o interesse da classe dominante local, seus planos para a cidade funcional para a acumulação capitalista.

Os trabalhadores entrevistados contam histórias semelhantes da precariedade daquele grande terreno palco de diversas disputas por moradia, em falas que relembram a insegurança, a miséria, a discriminação e a violência do lugar. Em praticamente todas as falas, esses temas se repetem, como podemos perceber nos trechos das transcrições das entrevistas expostas na sequência.

Joaquim, por exemplo, diz que “naquele tempo que eu vim aqui vixi... Deus me livre, matavam mesmo na Vila Brasil”. Sua esposa Elenir que participava da conversa lembra que: “não tinha nada aqui, não tinha estrada, não tinha luz, não tinha estrada, não tinha carro, não tinha ônibus, nada”. Diferente do centro, onde moravam um pouco antes de conseguir a casa na vila operária, mas já trabalhando na Sadia: “nós morava no fundo da casa do meu pai, era lá no meio da cidade. Então ali, eu gostava muito daquele lugar porque era pertinho de tudo, era hospital, era mercado, era tudo”.

Aqui novamente percebemos a relação do “nada” com o “tudo”. Dentro das expectativas criadas pelos trabalhadores com relação ao viver urbano, era decepcionante observar um lugar onde a “cidade” por assim dizer ainda não havia chego. No caso, os serviços e a qualidade de vida do centro não tinham alcançado os bairros que se formavam com a entrada cada vez maior de trabalhadores pobres a procura de emprego. Elenir continua:

Elenir: Tinha filho que trabalhava na chácara, tinha pai que trabalhava na Sadia, e filho também às vezes. Era tudo chácara aí, a Sadia comprou tudo. Esse lado aqui assim era tudo chácara. Aquele tempo era muito sofrido porque não tinha nada. Não tinha carro, não tinha luz, não tinha asfalto, não

tinha nada. Chovia, aí pra trabalhar a gente caía mesmo ... Ali onde tem o rio embaixo, a água batia por aqui, daí tinha que usar bota.

Percebemos que ela ressalta na entrevista a dificuldade de locomoção no terreno devido à sua formação. Em uma parte da grande área adquirida pela Sadia, ou em seus arredores, havia ainda famílias de pequenos agricultores. Inclusive, a fala de Elenir nos leva a crer que a Sadia não comprou apenas a terra, mas também influenciou na desagregação do trabalho e da vida familiar. De pequenos agricultores, algumas famílias que moravam perto do frigorífico acabaram por tornarem-se operárias.

A arregimentação de famílias inteiras para o trabalho em fábricas que se instalavam em várias regiões do Brasil já foi tema de alguns trabalhos importantes, como é o caso de Alvim (1987); Blay (1985); Brandão Lopes (1971); Lopes (1988). Inclusive, ser uma família numerosa já foi requisito para a entrada em diversas vilas operárias.

A dificuldade em passar pelas ruas do que era o Pouso Frio também é exaltada por Miguel, empregado da mercearia de seu tio, a única que existia longe do centro e portando muito frequentada pelos trabalhadores da Sadia que moravam na região:

Miguel: A grande maioria morava na região aqui mesmo. Não existiam os bairros que tem. Não existia nada pra passar, era só vielas nas casas onde o pessoal passava na frente. Quando chovia muito inclusive não dava nem pra passar. Aí depois foi melhorando.

Amélia, em suas entrevistas, reafirmou a irregularidade do terreno e a dificuldade em passar pelo local ao lembrar-se de como era o lugar quando chegou. Em suas falas, também aparecem situações rotineiras que revelam um pouco do cotidiano, a partir de um emaranhado de costumes e valores próprios daqueles trabalhadores vindos do campo. No trecho a seguir, percebemos também a dificuldade em conseguir morar lugar para morar, em um contexto de crescimento urbano:

Amélia: Antes era Pouso Frio né?! Daí o pessoal que não tinha condições ia mais para aquele lado pra lá. Quem não tinha como conseguir moradia ... Era muito difícil aqui, nossa. Era sofrido. Quer dizer: era sofrido, mas a gente era acostumado a viver daquela maneira. Agora que deu uma melhorada. Mas antes era bem mais difícil. Era água de poço, não tinha água encanada. Era água de poço, tirada de manivela. Pra lavar roupa, quando acabava a água do poço, tinha que descer lá na Sadia, naquela baixada pra lavar roupa lá, na tábua, assim. Era na tábua. Colocava a tábua na água lá e lá eu lavava e roupa. Era assim a vida, mas é que... A gente era criada daquele jeito. Daí depois foi mudando, foi melhorando. Era tudo chão, não tinha luz, tinha só

lâmpião ... Na cidade já tinha, no centro já tinha. Era só aqui mesmo que não tinha luz elétrica, nem água. Demorou pra ter, demorou um bom tempo.

Percebemos que Amélia relembra seu sofrimento no passado contando um episódio em que precisava utilizar espaços coletivos apropriados pelos trabalhadores para resolver suas necessidades, como lavar roupa. Ela lembra como era difícil, mas diz que foi “criada assim”, que estava “acostumada”. Sendo assim, podemos concluir que este árduo trabalho já era feito por ela ou sua mãe e irmãs no campo. A experiência que ela tinha neste trabalho fundamental, de providenciar roupa limpa, foi fundamental para a vida na cidade. A cidade não havia chegado para os trabalhadores. Inclusive isso fica claro em sua fala, quando “centro” e “cidade” aparecem como sinônimos: “na cidade já tinha, no centro já tinha”. As coisas da cidade, os serviços como a luz elétrica, que estavam em suas expectativas quando chegaram, ainda não era uma realidade.

Ela também citou a discriminação que sofriam, e vamos começar a perceber que “pobreza” era associada por vezes à grade presença de cães no bairro: “tinha o Boa Esperança que eles falavam que só tinha pobreza e cachorro”. Essa história do “cachorro” será explorada ainda neste capítulo, pois isso foi repetido mais de uma vez pelos entrevistados. Parece que a palavra “cachorro” carregava, para essas pessoas, um caráter ofensivo.

Os temas da precariedade do lugar, da insegurança, da discriminação e da violência se repetem na fala de praticamente todos os entrevistados. Algo interessante é que esses temas misturam-se com o da especulação imobiliária, percebida obviamente pelos moradores mais antigos, como Augusta: “aquelas pessoas que era mais, assim... Foi indo mais pra fora. Vai ficando mais caro o aluguel”. Ela continua:

Augusta: Quando a gente chegou aqui você comprava terreno com uma bolsa de feijão, uma bolsa de arroz. Hoje você não compra mais. E a gente não apostava, porque era um lugar tão feio. Nossa, quantos lotes meu esposo deixou de comprar.

Ivan, continuando a relembrar a realidade vivida por ele e tantos outros, diz que:

Ivan: Aquela turma de bagunceiro, aquelas coisas, aquela mortandade que tinha aqui... Rapaz, não tinha confiança de sair aqui, era coisa de louco. Matavam, degolavam. Tinha um “fura-bucho”, um salão de baile aqui em cima. Era um ou dois que morriam ali todo final de semana. Se o cara facilitasse ele ia lá pra morrer. Matava um sábado de noite e outro domingo de noite. Uma vez eu vi um cara degolar outro aqui embaixo. E esse pessoal

foi indo pra fora da cidade. Foi entrando um povo mais civilizado, e eles foram se afastando. Os caras vão ficando com menos poder aquisitivo, daí os outros vão comprando o terreno e a casa. Vão comprando o lote deles e eles vão se afastando. Tinha uma parte que trabalhava na Sadia também. Na época veio muita gente de fora por causa da oferta de emprego.

Fernando, outro personagem que estamos conhecendo a partir desta pesquisa, faz coro com Ivan e Augusta em vários pontos importantes da história do lugar, e que revelam quais os sentidos dados a ela no presente:

Fernando: Quando eu entrei aqui, aqui era conhecido como Pouso Frio e a Vila Operária era a Vila Brasil. Essa mudança, não sei se isso pode ocorrer em toda cidade. Elas são vilas que quando começam, o pessoal fica mais de um lado da cidade né... É um pessoal humilde, sem cultura e ela acaba sendo um lugar perigoso. A Vila Operária, quando eu entrei aqui em 1970, ela era assim. E aí a cidade vai crescendo e eles vão mudando pra outra vila. Então, essa vila ficou famosa, a Vila Brasil. E daí acharam por bem mudar para Vila Operária. Essas coisas são para apagar um pouco... O tempo ... O povo, de uma maneira ou de outra, se desenvolveu. Nossa cidade é uma cidade que tinha muitas pessoas pedindo. Crianças, principalmente ... Pouso Frio, eu acredito que seja porque era uma vila que não tinha organização, então, não tinha... Era, como se diz? Negócio frio. O cara fazia uma marca com o ferro ali e falava: daqui pra cá é meu. Cercava e já morava ali. Então, era frio. Não comprou, não pagou. Acho que foi por isso que chamava Pouso Frio

Para completar, Fernando conta uma história que ouviu no rádio e na hora despertou sua memória acerca do passado, em um trecho que revela também costumes dos trabalhadores, nesse caso, a reunião de trabalhadores na comemoração da construção de uma casa:

Fernando: E aí ouvindo essas pessoas falarem no rádio, me veio na cabeça tudo. Eles contaram certinho. As cobras, aranhas, as coisas que vinham dentro de casa. Eles contando que faziam uma casa e depois inauguravam com um festão, com carne de porco e tudo.

Entre o grupo de pessoas entrevistadas para essa pesquisa está Padre André. Ele é um personagem, pelo que parece, muito querido pelos trabalhadores que o conheciam. Ao rememorar as condições enfrentadas pelos operários durante o período estudado, na grande área que compreende esses bairros, ele faz considerações do que encontrou durante os trabalhos organizacionais que fazia junto aos operários e à igreja:

André: O povo foi se colocando ali, dado que Toledo tem um frigorífico, que tem vaga pra trabalhar ... Então eles vinham aqui, ocupavam uma área ... Na época era Pouso Frio, era tudo posse, não tinha escritura, tudo de maneira irregular. As ruas, quem conhece hoje e conheceu no passado, estranha que é diferente. As ruas vêm um pouco curvas, tortas. Era tudo Pouso elas, você não conseguia quase entrar de carro lá, era tudo estrada de chão, não tinha a mínima estrutura. Esse lugar aglomerou muita gente e... Claro, daí surgiu no meio da pobreza e tudo o mais, a violência ... E sempre uma discriminação. No passado havia muita discriminação do povo que morava do lado de lá do rio ... No passado quando eu fui trabalhar na Vila Operária, em 1979, final de semana que não tivesse três, quatro mortos a facada ou tiro, degolado... Era uma situação anormal né? Era muita violência. No meio desse mundo pobre, com muito barzinho, muita cachaça e coisurada. Promiscuidade. E a discriminação que sofriam também.

As características daquela grande área conhecida como Pouso Frio e que depois foi desmembrada, dividida e subdividida em vários lotes, formando alguns bairros, onde morava a imensa maioria dos trabalhadores pobres de Toledo, são historicamente comuns em grandes e pequenas cidades modernas, que passaram por processos que incluem a mecanização do campo, êxodo rural e industrialização.

Um dos primeiros pesquisadores que se debruçaram sobre os problemas sociais vividos pelos “novos” trabalhadores, os operários, nas cidades inglesas, foi Engels. De fato, a precariedade do trabalho e da moradia são características do avanço capitalista no campo e na cidade.

Inserindo-se no debate do que ficou conhecido como a “questão social” dos operários ingleses - esses homens e mulheres que ocupavam as fábricas e as cidades, muitos dos quais camponeses e artesãos expropriados -, Engels conheceu a concretude da condição operária.

Ainda jovem, com 24 anos, visitando os lugares de moradia dos trabalhadores nas cidades industrializadas ou em processo de industrialização, Engels observou vários aspectos - em cidades inglesas de meados do século XIX, nos grandes e pequenos núcleos industriais - parecidos com os observados pelos trabalhadores entrevistados e também pelo padre André. Vejamos o que Engels escreveu sobre os bairros da classe operária:

Na Inglaterra, esses ‘bairros de má fama’ se estruturam mais ou menos da mesma forma que em todas as cidades: as piores casas na parte mais feia da cidade ... Habitualmente, as ruas não são planas nem calçadas, são sujas, tomadas por detritos vegetais e animais, sem esgotos ou canais de escoamento, cheias de charcos estagnados e fétidos. A ventilação na área é precária, dada a estrutura irregular do bairro e, como nesses espaços restritos vivem muitas pessoas, é fácil imaginar a qualidade do ar que se respira nessas zonas operárias. (ENGELS, 2010[1845], p. 70).

A parte mais feia da cidade, geralmente onde estão instaladas as indústrias e suas chaminés, era o lugar de moradia classe trabalhadora inglesa do século XIX. É interessante notar que aí estão aspectos como: a discriminação do lugar (“bairros de má fama”); as piores casas da cidade; ruas e passagens de péssima condição e imundas; construções irregulares que influía na circulação do ar; muita gente aglomerada no mesmo lugar sem as devidas condições.

Especificamente sobre o bairro St. Gilles, Engels faz a seguinte afirmação:

Aqui vivem os mais pobres entres os pobres, os trabalhadores mais mal pagos, todos misturados com ladrões, escroques e vítimas da prostituição ... e aqueles que não submergiram completamente no turbilhão da degradação moral que os rodeia a cada dia mais se aproximam dela, perdendo a força de resistir aos influxos aviltantes da miséria, da sujeira e do medo ... Incontáveis porões são usados como habitações, dos quais saem à luz do dia silhuetas de crianças doentes e mulheres esfarrapadas, meio mortas de fome (ENGELS, 2010[1845], p. 71).

Os culpados pela situação de miséria dos trabalhadores, segundo Engels, são os industriais:

Foi a indústria que fez com que fossem ocupadas pela massa de operários que hoje moram nelas; foi a indústria que cobriu de construções cada espaço livre entre as velhas casas, a fim de abrigar aí as massas que compelia a abandonar os campos e a Irlanda; foi a indústria que permitiu aos proprietários desses estúbulos alugá-los a altos preços, como se fosse habitações humanas, explorando a miséria dos operários, minando a saúde de milhares de pessoas e enriquecendo-os apenas eles, os proprietários; foi a indústria que fez com que o trabalhador, recém-liberado da servidão, pudesse ser utilizado novamente como puro e simples instrumento, como coisa, a ponto de ter de se deixar encerrar em cômodos que ninguém habitaria e que ele, dada a sua pobreza, é obrigado a manter em ruínas. Tudo isso é obra exclusiva da indústria, que não poderia existir sem esses operários, sem a sua miséria e a sua escravidão ... O valor da terra tornou-se mais alto com o desenvolvimento industrial e quanto mais subia, mais freneticamente se construía, sem a menor preocupação com a saúde e o conforto dos moradores, com o único objetivo de obter o maior lucro possível e com base no princípio de que, por pior que seja um casebre, há sempre um pobre que não pode pagar outro menos ruim (ENGELS, 2010[1845], p. 96).

Na conclusão de Engels sobre a moradia dos operários nas cidades industriais, percebemos um texto carregado do espírito da época:

As grandes cidades são habitadas principalmente por operários, já que, na melhor das hipóteses, há um burguês para dois, muitas vezes três e, em alguns lugares, quatro operários; esses operários nada possuem e vivem de seu salário, que, na maioria dos casos, garante apenas a sobrevivência cotidiana. A sociedade não se preocupa com eles, atribuindo-lhes o encargo de prover suas necessidades e as de suas famílias, mas não lhes oferece os meios para que o façam de modo eficaz e permanente. Qualquer operário, mesmo o melhor, está constantemente exposto ao perigo do desemprego, que equivale a morrer de fome e são muitos os que sucumbem. Por regra geral, as casas dos operários estão mal localizadas, são mal construídas, mal conservadas, mal arejadas, úmidas e insalubres; seus habitantes são confinados num espaço mínimo e, na maior parte dos casos, num único cômodo vive uma família inteira; o interior das casas é miserável: chega-se mesmo à ausência total dos móveis mais indispensáveis. O vestuário dos operários também é, por regra geral, muitíssimo pobre e, para uma grande maioria, as peças estão esfarrapadas. A comida é frequentemente ruim, muitas vezes imprópria, em muitos casos insuficiente e, no limite, há mortes por fome. A classe operária das grandes cidades oferece-nos, assim, uma escala de diferentes condições de vida: no melhor dos casos, uma existência momentaneamente suportável [...] no pior dos casos, a miséria extrema – que pode ir à falta de teto à morte pela fome; mas a média está muito mais próxima do pior que do melhor dos casos (ENGELS, 2010[1845], p. 116).

As péssimas condições das habitações dos trabalhadores pobres da Inglaterra foram um problema discutido também pelos teóricos da classe dominante inglesa. Eles tinham um projeto para a cidade, projeto que envolvia a acumulação de capital, segregação espacial e desigualdade. Como afirma Netto,

Entre os anos trinta e cinquenta do século XIX, o brutal *pauperismo* das camadas trabalhadoras urbanas, derivado diretamente da produção capitalista, impactou a consciência social europeia e deu origem a uma larga e copiosa documentação. Intelectuais dos mais diversos matizes – reacionários e conservadores, liberais e democratas, reformadores e revolucionários – ocuparam-se do que então era designado por todos como “questão social” (NETTO, 2010, p. 30).

Por muito tempo, discutiram-se, e até os dias de hoje são discutidas, formas de gerir o espaço urbano que tornavam a cidade funcional para a produção e circulação de riquezas. A cidade também deveria ser “bonita”, então era melhor que a miséria, a pobreza, a fome e as doenças não fossem vistas. Esses projetos para a cidade geralmente estão escondidos sob o manto da higiene e do bem-estar. Foi o que aconteceu também em Toledo.

O historiador Sidney Chalhoub evidenciou que essa forma de gerir a cidade teve impactos profundos na vida dos trabalhadores e em seus costumes desde finais do século XIX. Em *Trabalho, lar e botequim*, Chalhoub conta o episódio da demolição do famoso

cortiço carioca “Cabeça de porco”. Com um discurso apoiado na higiene, a elite do Rio de Janeiro conseguiu uma desculpa para retirar as casas dos trabalhadores dos locais próximos ao centro em nome da especulação imobiliária (CHALHOUB, 1986).

Na grande área que compreende o Pouso Frio, entre as décadas de 1970-90, aconteceram muitos conflitos que acabaram resultando na remoção de dezenas de famílias para outros espaços. A partir da década de 1980, a classe dominante da cidade iniciou um processo chamado de “regularização” do espaço ocupado pelos trabalhadores. Dentre as “reformas” realizadas estão o “realinhamento, alargamento e abertura de ruas; realinhamento de cercas e muros; drenagens de áreas alagadiças e recuou e transporte de casas” (PEREIRA, 2016, p. 14). As ações foram colocadas em prática partir de um financiamento feito pelos administradores municipais junto ao governo federal, através do Projeto Cura. Isso foi feito sem consulta ou comprometimento com os moradores da área.

Esse tipo de prática faz parte de uma concepção na qual seria possível gestar a cidade “cientificamente”, concepção advinda desde o século XIX. O objetivo de políticas como o Projeto Cura sempre foi remover os trabalhadores para dar espaço à especulação imobiliária e atender ao projeto de cidade da burguesia.

A remoção das famílias de partes do Pouso Frio serviu para esses espaços serem utilizados para outros fins, como ruas ou área de preservação. Para os trabalhadores, isso significou uma alteração nas redes de sociabilidade e interferiu nas distâncias com relação ao trabalho, ao lazer e a todos os lugares antes frequentados, como a escola, por exemplo.

Diante das condições enfrentadas, os trabalhadores não se calaram e organizaram-se para reivindicar seus direitos em diferentes frentes. Unidos não apenas pelos lugares de moradia, mas também pelo trabalho. Surgiram entre as décadas de 1970-90 a associação de moradores, a pastoral operária e o sindicato na fábrica.

Tomando como referência a memória dos trabalhadores que vieram trabalhar na Sadia, questões menos técnicas e estatísticas são apresentadas para pensarmos esse crescimento urbano. Em suas narrativas, esses trabalhadores nos indicam que em suas andanças, conseguir um lugar para morar sempre foi quase sempre um desafio. Os quadros estatísticos que revelam o crescimento numérico da população da cidade, a abertura de loteamentos e bairros, não são capazes de revelar como este processo foi vivido pelas pessoas, em particular os inúmeros trabalhadores que migraram para Toledo em busca de trabalho e uma vida melhor.

2.3 A LUTA PELA MORADIA

Os trabalhadores entrevistados, na condição de migrantes, pobres e sem trabalho certo nem moradia, tiveram que estabelecer uma rede de relações para conseguir as duas coisas. Apesar de o trabalho ser a atividade principal, morar é obviamente fundamental para a realização da vida.

Esses trabalhadores chegaram a Toledo no início da década de 1970, quando ainda pouca gente vivia na cidade. À época o trabalho era escasso. As ocupações mais frequentes, ou as alternativas que os trabalhadores pobres encontravam, eram de boia-fria, trabalhando nos plantios da região por temporada, trabalhando informalmente como pedreiro nas empresas de construção, ou então trabalhando em uma das poucas opções da época que eram os frigoríficos.

Essas eram as ocupações das pessoas que moravam nas margens da cidade propriamente dita, em áreas que pouco tempo antes era destinada ao cultivo de grãos, pasto e animais. Com relação à moradia, as alternativas também eram escassas.

Diversas vilas, bairros e/ou conjuntos habitacionais surgiram nesse contexto. São exemplos a antiga Vila Brasil (hoje chamada Vila Operária), a Vila Pioneira, o bairro Boa Esperança e a Vila Paulista. Todos são espaços de moradia de grande parte dos trabalhadores da cidade, que vieram a somar-se com outros que já existiam antes da década de 1970, como é o caso do bairro Pouso Frio, fruto de ocupações de trabalhadores (PEREIRA, 2016).

O crescimento populacional de Toledo nessa época tornou a moradia um dos negócios mais rentáveis para aqueles que podiam investir no mercado imobiliário. A maior parte das pessoas que chegavam não tinham recursos para comprar uma casa própria, e uma das únicas opções que restavam era morar de aluguel.

As habitações dos trabalhadores e os bairros apresentavam péssimas condições. Não era difícil que a casa não fosse nem chamada de casa, mas de “barracão”. Na maior parte das moradias, nos bairros periféricos, não tinha água encanada nem mesmo energia elétrica.

Como vimos, o contexto de “modernização conservadora”, empreendimentos agroindustriais em meio ao crescimento urbano e um projeto burguês, de segregação do espaço urbano, implicou em uma dificuldade imensa para quem chegava com quase nada para se estabelecer na cidade de Toledo em busca de uma coisa essencial à continuidade da vida: a moradia.

A conjuntura descrita nos parágrafos anteriores impulsionou o mercado imobiliário, pois a demanda por moradias aumentou paralelamente aos projetos de investimento na infraestrutura urbana. É a gestão “científica” da cidade. As administrações públicas, como bem tratado na dissertação de Pereira, nos anos 1960 a 1990, queriam uma cidade “funcional”; entretanto, funcional para a acumulação capitalista.

Dentro, das dificuldades encontradas para morar com o mínimo de dignidade estava o aluguel. Aqueles que tinham propriedades no centro, logo viram a possibilidade de subir os preços e aluga-las para lojas ou quem tivesse mais dinheiro. Os trabalhadores tiveram que optar por outras soluções dentro de um universo limitado de possibilidades.

É dentro desse universo limitado de possibilidades que tentamos visualizar as alternativas encontradas pelos trabalhadores com relação à moradia quando chegaram a Toledo.

Uma delas, para fugir do aluguel, eram as ocupações de terrenos marginais e irregulares. Pereira (2016) e Neri (2011) destacaram o papel das ocupações na formação histórica dos bairros que compreendem a grande área chamada de “Pouso Frio”. Contudo, entre nossos entrevistados, não ninguém participou delas, por acharem arriscado ou encontrarem outras possibilidades.

Vejamos o caso narrado por Fernando. “Rapaz”, ele nos falou, “era mais fácil achar dinheiro do que casa barata pra alugar”. Como achar dinheiro na rua é questão de sorte, imaginamos que com essa frase ele quis enfatizar o quanto deve ter sido angustiante procurar lugar para morar e não encontrar. Afinal, tinha prometido a dona Augusta que finalmente eles teriam um lugar só para eles. Recém-casados, ainda moravam de favor com o pai de seu Fernando, com quem não tinham uma convivência harmoniosa, em Palmitolândia.

Depois de alguns dias procurando um lugar para morar em Toledo, Fernando conseguiu alugar um barracão na Vila Brasil, hoje chamada Vila Operária. A Vila Brasil era, na época, o bairro mais criminalizado pela mídia local e algumas organizações da cidade (NERI, 2011). Era um bairro muito pobre, onde faltava infraestrutura básica para a vida humana. Para dar um exemplo, no barracão alugado por seu Fernando e dona Augusta não tinha esgoto nem banheiro. Quando viu o barracão pela primeira vez, seu Fernando ficou desanimado: “cheio de areia, tinha até merda ali”, mas era o que havia conseguido no momento.

Muitos moradores desses primeiros bairros periféricos da cidade, como a Vila Brasil citada por seu Fernando, eram trabalhadores da Sadia, como demonstra o estudo de Pereira

(2016). A expectativa de encontrar um lugar melhor para morar e que de preferência não cobrasse aluguel era comum para esses trabalhadores.

Dois fatores podem ser elencados para que possamos entender a escolha dos trabalhadores pobres que chegavam a Toledo em busca de melhores condições de vida: a proximidade com o trabalho, nesse caso com a o frigorífico da Sadia, e o preço dos aluguéis, baratos se comparado a outros locais da cidade.

Era difícil encontrar lugar para morar nessa época. Quando havia familiares ou amigos morando na cidade, isso se tornava menos complicado. Outra história comum àquele período é a de Joaquim e Elenir. Um migrante de longe, outra vinda de perto se conheceram e se casaram em Toledo.

Joaquim, o mais velho dos entrevistados, afirma com orgulho: “eu graças a Deus nunca precisei pagar aluguel”. Realmente, em sua experiência de vida a moradia e o trabalho sempre foram uma coisa só. Sempre morou perto do trabalho, vivendo em terras do patrão como assalariado. Sua história para conseguir uma moradia em Toledo é interessante para pensarmos nas redes familiares e nas estratégias utilizadas pelos trabalhadores para sobreviver. Bom, ele chegou a Toledo em 1966, em uma situação de dificuldade. Era trabalhador por empreitada e estava vindo para a cidade depois de uma tentativa frustrada de manter-se ocupado na tarefa de colher café.

Primeiro, Joaquim ficou na casa de amigos que tinham moradia em Toledo e que vieram com ele. Era “uns alemão e uns italiano, um pessoal bom”. Como logo conseguiu emprego no frigorífico, é de se imaginar que essas pessoas tenham ajudado também nisso. Na Sadia, as pessoas com etnia alemã e italiana eram mais valorizadas e conseguiam os melhores cargos, embora também eram empregados em setores precarizados.

Para continuar a história de Joaquim, agora é preciso conhecer a história de Elenir. Ela e sua numerosa família de pequenos agricultores vieram para Toledo em 1960, depois de saírem da terra dos pais em Guaraniaçu para viver em uma casa que eles já tinham na cidade. Ela e todos seus seis irmãos, mais sua tia e o esposo, foram empregados na Sadia. Nessa época, moravam ainda perto do centro da cidade.

Na Sadia, Elenir conheceu Joaquim e eles começaram a namorar. Joaquim então pôde sair da casa dos amigos onde morava de favor para mudar-se e viver com Elenir na casa dela. Ele fez questão de ressaltar que lá não morava de favor, e ajudava nas despesas: “quando eu era solteiro sim, pagava pensão”. Lá viveram por alguns anos. Depois: “quando eu casei o

finado sogro me deu lá, pra fazer uma casinha no lote dele lá na cidade. Lá eu morei quatro anos. Daí saiu o BNH, aí eu peguei aqui”. De novo a referência ao cento como cidade.

Com a história de Joaquim e Elenir compreendemos a importância das relações entre amigos e familiares na busca por trabalho e moradia. Com a solidariedade de pessoas queridas, é possível driblar as dificuldades e construir uma relativa autonomia. O casamento operário pode ser visto, além da relação de afetividade, como uma estratégia para sobreviver e se estabelecer em um contexto difícil como era o de Toledo na época estudada.

Lopes, em “O vapor do diabo”, chamou atenção para isso:

A transformação do jovem trabalhador em operário acompanha de perto o período mais provável em que se realiza o seu casamento. Nos relatos de operários sobre suas histórias de vida, muitos deles associam o seu casamento ao emprego estável em usina: alguns deles justificam ter ido procurar um emprego operário em usina por terem casado; outros, inversamente, casaram pouco depois de serem transferidos para uma ocupação operária fixa. [...] Ao emprego fixo do operário casado está associada a possibilidade de este operário obter o usufruto de uma casa na usina (LOPES, 1978, p. 175).

Com os trabalhadores que entrevistamos temos os dois casos. Joaquim e Elenir conheceram-se no trabalho; Fernando e Augusta já vieram casados para Toledo, assim como Amélia e Ivan.

Esses trabalhadores também compartilham uma história de discriminação de classe, em que fica latente a desigualdade e a tensão da cidade.

Fernando recordou de um episódio acontecido com ele na busca por um local para morar ao chegar à cidade. Diz ele que passando por uma rua mais perto do centro, avistou duas casas. Uma grande e outra bem pequena, que ficavam quase juntas no mesmo terreno. Na tentativa de encontrar uma moradia barata - vendo que a pequena parecia desocupada -, perguntou a um homem, que morava na casa grande e tinha jeito de ser o proprietário das duas, se ele poderia alugar a menor para Fernando e sua esposa. Ficou desconcertado com a resposta do proprietário, que afirmou que a casa a que se referia era a “casinha do cachorro”. Em duas entrevistas, Fernando contou essa história quase que espontaneamente, com bom humor. Foi algo marcante em sua vida.

História envolvendo trabalho, cachorro e moradia também contou Joaquim com sua esposa, Elenir. Aqui o episódio já se passa com a casa da vila operária. Joaquim começou primeiro: “Tinha um senhor lá, ele já saiu da Sadia, ele vinha aqui. Era o meu segundo chefe.

Ele falava que era casinha de cachorro (risos). Mas o bicho não valia nada”. Com um ar mais grave, expressões, gestos e o tom de voz que indicavam indignação, Elenir entrou em cena em seguida: “falavam que eu morava numa casinha de cachorro. Eu ficava brava. Casinha de cachorro, mas era nossa!”. Seu marido então logo assumiu feição parecida e disse: “Tem gente que faz pouco caso da gente né rapaz?! Tá louco”. Elenir então contou melhor a história:

Elenir: Emendamos a casa nossa mais pra lá, daí o Joaquim quis vender. Daí o homem veio olhar e falou que não ia comprar porque é casa de favela. A obra aqui é grande graças a Deus! Falavam... O Hugo que falava que era casinha de cachorro. Aquele um que quis comprar a nossa casa chamou de casa de favela. Ah, o cara não tinha consciência, tá louco.

O tal Hugo, chefe de setor, dizia que a casa onde moravam era uma “casinha de cachorro”. Outro homem que quis comprar a casa chamou-a de “casa de favela”. Joaquim então concluiu: “Faziam tudo isso com a gente. Faziam pouco caso da gente”.

Não é preciso ser um bom observador para perceber que a ligação da casa com cachorro era extremamente ofensiva para os trabalhadores. Ouvimos também outras expressões envolvendo esse animal, que associam-no ao trabalho pesado, como o ditado popular “hoje trabalhei como um cachorro”, ou à miséria, como afirmou Amélia quando falava sobre um dos bairros que ficavam na antiga região do Pouso Frio: “Diziam que lá só tinha pobreza e cachorro”.

É difícil afirmar o significado preciso que a comparação com o cachorro assume nesses contos e expressões. Não obstante, podemos tentar inferir o porquê do cachorro ser lembrado nesses momentos.

Em nossa leitura tem algo a ver com subordinação. O cachorro é pensado muitas vezes como um animal extremamente subordinado ao dono, ao contrário do gato, que é visto como um animal independente, descrito às vezes até como traiçoeiro. O cachorro não, pois é “o melhor amigo do homem”. Está sempre à disposição, faz o que o dono pedir.

Fernando e Joaquim, por exemplo, tendo experimentado longas trajetórias de migração, viram que a coisa estava realmente difícil para eles naquela conjuntura e decidiram por permanecer em Toledo. Os trabalhadores, chegando à cidade praticamente sem nada a não ser sua força de trabalho, precisaram aceitar empregos ruins e moradias precárias para sobreviver e produzir sua vida social com certa estabilidade. Acreditamos que as anedotas envolvendo cachorro mostram que eles sabiam disso, tinham consciência da situação em que

estavam e não a achavam cômoda. Pelo contrário, relembrando aquela época isso veio à tona e mostrou um sentimento de indignação. Algo incomoda esses trabalhadores, e é o fato de reconhecerem na situação dos cachorros de rua um pouco da própria situação: necessitar subordinar-se de alguma maneira (trabalhar no frigorífico) como uma estratégia para ter onde morar e o que comer.

Agora mais velhos, aposentados, ao lembrarem as situações de discriminação - como ser chamado de cachorro -, sente-se ofendidos. É preciso observar que as ofensas partiram de gente com mais poder que eles. Poder econômico, como no caso do proprietário das casas onde Fernando pediu informações, e poder político, como no caso do chefe de Joaquim que, segundo Elenir, “não tinha consciência”. Esses episódios mostram toda a tensão que existia naquela época na cidade.

Chama atenção na entrevista com Joaquim uma frase que ele repetiu duas vezes, espontaneamente durante a conversa lembrando aquele tempo: “Nunca fui preso. A polícia nunca me revistou. Eu falo pra mulher (referindo-se a Elenir), mas ela não acredita muito não (risos)”. Ela, que participava da conversa, apenas olhou com bom humor e não disse nada nem na primeira nem na segunda vez que ele falou sobre isso.

Se atentarmos bem, essa frase de Joaquim está cheia de ironia. Portelli (1997) chamou atenção para esse recurso linguístico: “A mesma afirmativa pode ter consideráveis significações contraditórias, de acordo com a entonação do relator” (PORTELLI, 1997, p.) e acrescentaríamos das expressões e impressões no momento da entrevista.

Olhemos para a condição de Joaquim: pobre, negro, migrante nordestino em uma cidade cheia de alemães e italianos. A etnia é importante na sua experiência de vida, e isso se deve ao fato de ter provavelmente experimentado situações de discriminação. Quando ele diz: “eu falo pra mulher, mas ela não acredita muito não” e ela não o contradiz, estão nos dando uma pista de que sim, Joaquim já deve ter sido preso e revistado pela polícia em Toledo.

A frase “antes aqui não tinha nada, hoje é uma cidade” foi repetida diversas vezes por praticamente todos os entrevistados, que moram lá desde o início da formação do bairro. Geralmente ela é acompanhada pelas afirmações “nós somos os primeiros”, ou então “somos os pioneiros daqui”.

Poderia talvez concluir que esse tipo de memória, a do pioneirismo, significa uma interiorização da ideologia dominante pelos trabalhadores. Preferimos, contudo, pensar de uma forma diferente. Vemos o contrário e afirmamos seguramente que os trabalhadores nesse

caso estão disputando a memória com a memória da classe dominante da cidade, ao invés de engoli-la.

Essa, a memória da classe dominante, é oriunda principalmente dos grandes proprietários de terras e também do meio industrial do município. Dizem serem eles os responsáveis pelo “progresso” e “desenvolvimento” de Toledo, que se resume em crescimento econômico. Uma falácia.

Para os trabalhadores não. Eles têm o mérito, aí sim, de terem produzido a riqueza, proveniente da exploração de sua mão de obra pela burguesia, e terem construído Toledo, inclusive literalmente, como Fernando que trabalhou como pedreiro antes de entrar na Sadia e se lembra de ter ajudado na construção de casas e prédios da cidade. Portanto, podem reivindicar com todo direito o protagonismo das transformações da cidade, em particular do bairro onde moram.

As narrativas apresentadas revelam que em sua busca por trabalho e moradia os trabalhadores fizeram mais do que simplesmente sobreviver, eles disputaram a cidade, material e simbolicamente. Construíram sua identidade à medida que definiam seu território na cidade de Toledo. Essa dinâmica marcou toda a trajetória desses trabalhadores, inclusive quando moraram na vila da Sadia, questão que foi objeto de análise no terceiro capítulo.

CAPÍTULO 3: DE *VILA OPERÁRIA* A BNH: DISCIPLINARIZAÇÃO E A VIVÊNCIA DOS TRABALHADORES

O conceito de vila operária - com a junção das palavras “vila” e “operária” – é utilizado em diferentes disciplinas e situações para definir determinados espaços de moradia e vivência da classe trabalhadora. Esses espaços existiram em diversos lugares e períodos da história pós Revolução Industrial.

A peculiaridade da definição – as vilas operárias - reside em características gerais e específicas dos lugares, obviamente influenciando no conjunto das relações sociais que se desenvolvem neles, que observamos nas experiências concretas colocadas em prática ao longo do tempo.

Embora as vilas operárias possam ser diferentes em alguns aspectos (tamanho, forma de construção das casas etc.), elas têm em comum características importantes, que influem no (e são influenciados pelo) modo de vida operário e que distinguem essas vilas de outros espaços de moradia dos trabalhadores, como as pensões e os cortiços.

As características gerais que definem as vilas operárias são as seguintes¹²: 1) ser um espaço vinculado à fábrica, que comporta famílias operárias; 2) ser de propriedade do capitalista, que tem o objetivo de explorar a força de trabalho nela residente (ao contrário dos trabalhadores, que utilizam o espaço para produzir sua vida social); 3) ser total ou parcialmente cercada ou de alguma forma separada do restante da cidade; 4) ter em seu interior um aglomerado de casas enfileiradas de maneira diversa, iguais ou semelhantes no tamanho e na forma de construção, o que influi na organização interna (a engenharia das casas: o projeto, os materiais utilizados, a abertura de janelas e divisão interna de cômodos etc.). Aqui é preciso atentar também para uma hierarquia com relação à qualidade da moradia que reproduz a organização e a divisão do trabalho da fábrica¹³; 5) ter dentro dela ou em seus arredores espaços de uso coletivo, que podem ser diversos (escolas, poços artesianos, praças, hortas ou roçados, salões de festas, mercados etc.).

¹² Essas características podem ser observadas, por exemplo, nos trabalhos de Blay (1985); Rago (1985); Benclowicz (1989); Teixeira (1990); Lopes (1978 e 1988); Vianna (2004); Pereira (2014).

¹³ Isso é comum para a maior parte das experiências de fábrica com vila operária. Em Toledo, existiam dois modelos de casas: as maiores e menores. No entanto, elas não foram distribuídas segundo a divisão do trabalho dentro a fábrica, mas sim pela disponibilidade de pagamento das parcelas para a compra da casa.

Lembramos que as cinco características mencionadas são características gerais, que definem o conceito (e o projeto) de vila operária. É claro que há uma imensa diversidade nas numerosas experiências históricas, em que o modelo (ou projeto de empreendimento) fábrica com vila operária foi colocado em prática.

É preciso mencionar também que há uma concepção das vilas operárias na historiografia que sugere que esses espaços serviam exclusivamente aos interesses dos industriais. Seriam espaços extremamente disciplinadores, que impunham dificuldades maiores para a autonomia, para a organização ou para a resistência operária (BLAY, 1985; RAGO, 1985; TEIXEIRA, 1990). Alguns estudos que partem do lado “de baixo” da história vêm questionando isso (LOPES, 1988; PEREIRA, 2014).

Neste capítulo, tentamos entender as *características gerais e específicas* da vila operária vinculada à Sadia em Toledo, seu projeto de construção e como se desenrolava a vida cotidiana no lugar: os significados sobre as práticas daquele tempo presentes na memória dos trabalhadores.

Além das características já mencionadas, observamos que o que de fato diferencia uma vila operária de outros espaços de moradia dos trabalhadores é um tipo de relação social entre capital e trabalho que se desenvolve em períodos distintos da história depois da indústria.

3.1 A VILA DOS OPERÁRIOS: CONTROVÉRSIAS

A vila dos operários da Sadia foi planejada e construída entre os anos de 1977 e 1978. Foi um dos primeiros núcleos de habitação da Vila Pioneira, e o maior na época, com 300 casas construídas, que comportavam as famílias dos operários da empresa.

Há uma disputa pela memória no presente: enquanto os trabalhadores enfatizam que a vila foi construída para eles por meio da Sadia, os sujeitos ligados à empresa e também aqueles que hoje estão na administração municipal negam que houve qualquer relação do frigorífico com a área.

Para os antigos moradores da vila operária, não resta dúvida: ela foi construída para os trabalhadores da Sadia. É o que nos disseram todos os moradores entrevistados. Dona Amélia foi quem mais enfatizou a relação da Sadia com a vila: “Trabalhava na Sadia daí aqui era para

o pessoal da Sadia. Esse BHN era da Sadia¹⁴”. Todos os demais moradores disseram o mesmo ou algo parecido¹⁵. Nenhum discordou da relação da empresa com os espaços de moradia dos antigos operários.

No entanto, conversando com outros personagens que ainda têm ligação com a empresa ou com a administração municipal, recebemos respostas diferentes. Para o atual presidente do sindicato, com quem conversamos rapidamente, a Sadia não teve nenhuma influência com o lugar¹⁶. As pessoas que trabalham nos arquivos da prefeitura também desconversaram acerca da participação da Sadia na Vila Pioneira¹⁷.

Quem conhece a história é Walmor Lodi, vereador desde 2013 em Toledo pelo Partido da República e atual vice-presidente da Câmara municipal. Ele era apenas um menino quando trabalhava no antigo frigorífico Pioneiro, posteriormente comprado pela Sadia, exercendo tarefas de escritório¹⁸. Ao ser questionado sobre a afirmação dos antigos moradores, de que o frigorífico havia disponibilizado uma área para a construção da vila operária, ele nega: “Na Vila Pioneiro a Sadia não teve participação”. E diz ainda: “Quando a Sadia veio ali já tinha muita coisa¹⁹”.

As duas afirmações dele se chocam com as versões dos trabalhadores, de que não tinha “nada²⁰” ali, ao invés de “muita coisa” como disse Lodi. Por que existe essa controvérsia com relação à história daquele lugar?

Fernando, um dos primeiros moradores, afirma o seguinte ao lembrar-se do processo que engendrou a construção da vila:

Fernando: O prefeito na época estava fazendo alguns BNHs, aí a Sadia falou que queria reservar um para os funcionários. Primeiro saiu aquele lá de cima, só que a Sadia não interferiu muito naquele lá não. Mas aqui interferiu porque depois saiu aqui o colégio, que é o Walter Fontana.

¹⁴ Isso foi enfatizado várias vezes por ela: “Pertencia aqui tudo para o pessoal da Sadia”; “O terreno aqui era da Sadia”; “Nesse BNH só moravam os funcionários da Sadia”; “Esse lugar aqui era para os funcionários da Sadia”; “Só entrava aqui funcionário da Sadia”; “É grande aqui, é dessa rua aqui até a Rua dos Pioneiros lá, é o BNH da Sadia”.

¹⁵ Joaquim, por exemplo, conta que: “A Sadia me ajudou. Tenho minha casinha aqui, isso veio de lá”.

¹⁶ A conversa não foi gravada.

¹⁷ Fomos algumas vezes atrás de Projetos de Lei ou outros documentos a respeito da construção daquele espaço de moradia dos operários no arquivo da Câmara de vereadores. Não obtivemos sucesso.

¹⁸ Conversamos com Walmor Lodi a partir da indicação do colega Gustavo Schneider, que encontrou no museu Willy Barth uma lista com nomes de antigos funcionários do frigorífico Pioneiro, entre os quais figurava o nome de Lodi.

¹⁹ Entrevista realizada com Walmor Lodi.

²⁰ Elenir: “Aqui não tinha nada, nada, nada”.

Pereira (2016) discute em seu trabalho a relação do Estado com a área, expressa em diversos documentos que mostram a preocupação em “regularizar” todos os núcleos habitacionais de trabalhadores nas proximidades do frigorífico. Durante esse processo foram feitos recuos e até mesmo remoções de casas, para abrir ruas e outros espaços. A “regularização” afetou centenas de pessoas, que foram obrigadas a mudarem seus locais de vivência.

O colégio Walter Fontana, filho do famoso industrial Attilio Fontana, fundador dos empreendimentos Sadia, é enfatizado por Fernando no sentido claro de demonstrar a influência da empresa no lugar. Afinal, o único colégio do BNH onde moravam 300 famílias operárias e, portanto, importantíssimo para aquelas pessoas, expressava em seu nome uma homenagem ao filho do dono.

Walmor Lodi dá outra versão para o processo:

Walmor: A Sadia não deu terreno pra ninguém, todas as casas que construíram ali eles compraram o terreno. Compraram de imobiliária. A Sadia não se envolveu nisso aí. Não teve intervenção da Sadia na construção do loteamento. O terreno não era da Sadia, era da imobiliária. Se fosse da Sadia não teria guardado esse pedacinho do meio pra fazer a praça e o colégio. A Sadia não se envolvia nisso aí.

Talvez os dois nunca tenham conversado sobre isso, mas parece que estavam juntos na hora da entrevista: ambos usam espontaneamente o colégio para reafirmar seus pontos de vista.

Segundo o que nos contam os antigos moradores da vila operária, o processo de construção daquele espaço, nomeado na época de BNH Attilio Fontana²¹, foi mais ou menos o seguinte: durante as décadas de 1960 e 1970, a disposição e a qualidade das moradias na Vila Pioneira e em toda a área ao redor eram escassas e precárias.

Depois que a Sadia se instalou na região e começou a ampliar a produção, decidiram construir um lugar de moradia para os funcionários em um pedaço de uma grande área que era propriedade da empresa.

Os trabalhadores, pobres e vindos do campo, necessitando trabalhar e com poucas condições (ou mesmo nenhuma) de transporte e moradia, pediram à empresa que destinasse

²¹ Apenas recentemente descobrimos que na época a prefeitura nomeou o BNH dessa forma, em referência ao antigo dono da Sadia, a partir do relato de um engenheiro que participou dos loteamentos da área. Apesar disso, os trabalhadores chamam o lugar de outras formas, como BNH Habitasul (que designa o programa de financiamento das casas) ou apenas de Vila Pioneira mesmo.

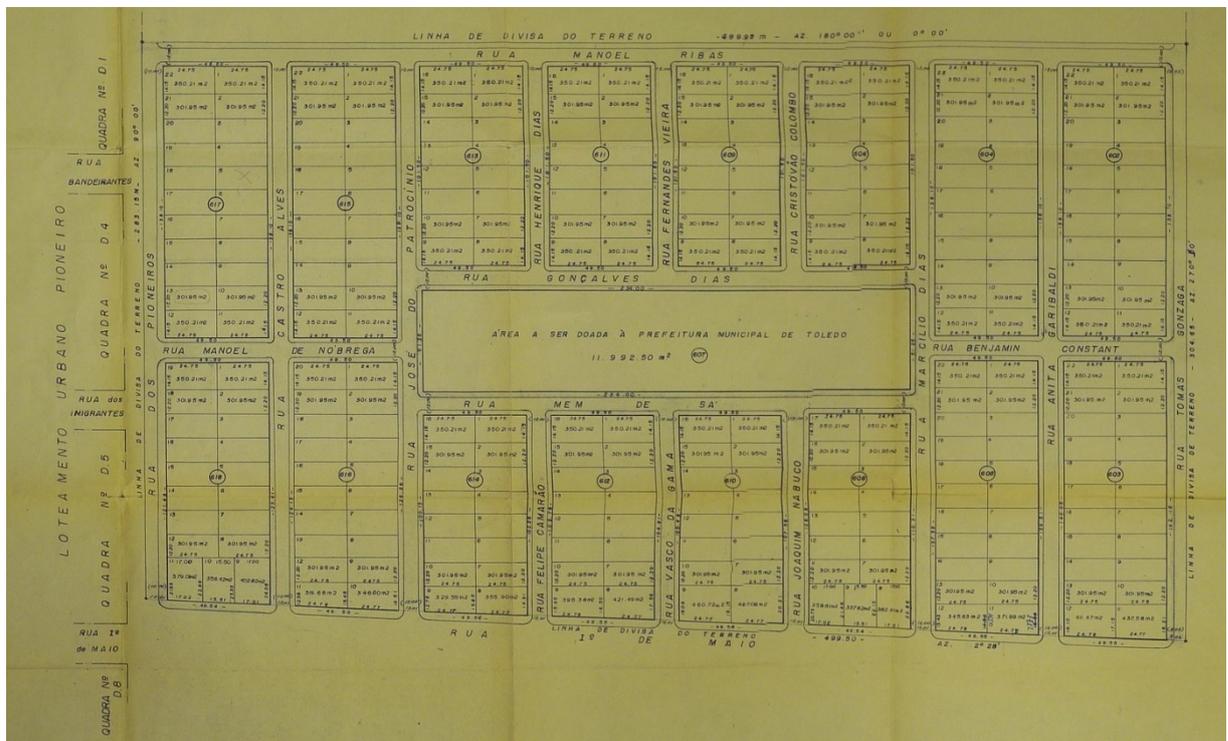
um lugar de propriedade sua - que servia para o plantio de grãos destinados à ração de animais, para o pasto ou para o plantio de eucaliptos – para a construção de uma vila operária. Então, isso foi conversado entre a empresa e a prefeitura e eles posteriormente teriam sido “sorteados” em seu trabalho para conseguir uma casa na vila. A casa e o lote seriam deles, depois que quitassem as prestações pagas todo mês para um programa de financiamento da Caixa Econômica, ligado à imobiliária Habitasul²².

Havia, portanto, dois critérios para conseguir uma casa na vila: 1) ser trabalhador da Sadia, preferencialmente já casado e com filhos; e 2) comprovar a capacidade de quitação das prestações do cobrado pela imobiliária.

Do lado da empresa e dos gestores municipais, nega-se qualquer relação que o frigorífico possa ter tido com a área.

Buscamos, então, outros documentos que pudessem nos ajudar a contar essa história. O primeiro documento que tem relevância é a planta apresentada pelo engenheiro responsável pela construção²³:

Figura 03: Planta da Vila Operária



²² Tentamos encontrar arquivos referentes à Habitasul na prefeitura, sem obter sucesso. Fomos atrás também da antiga sede da empresa em Toledo, mas ela não existe mais.

²³ Planta encontrada na Secretaria de Habitação da prefeitura de Toledo editada pelo autor para melhor visualização.

Fonte: Secretaria de Habitação da prefeitura de Toledo.

O documento, nomeado de Loteamento Urbano Pioneiro, foi produzido pelo engenheiro civil Waldir Becker e data de junho de 1977. Nele aparecem os limites do loteamento, as ruas, o planejamento das divisões das quadras e lotes para, posteriormente, iniciar a construção das casas. No retângulo central foram construídos um colégio e uma praça.

Verticalmente, o espaço delimitado vai da Rua Manoel Ribas até a Rua 1 de Maio; horizontalmente, os limites são da Rua dos Pioneiros até a Rua Tomás Gonzaga. Ao todo, são 17 quadras e 300 lotes, em uma área total de 146.800.00 m². O engenheiro escreveu que o espaço do meio foi doado para a prefeitura de Toledo para comportar o colégio e a praça: “Área a ser doada à prefeitura municipal de Toledo”. Doado por quem? De quem era a propriedade?

Para responder a essas perguntas, buscamos o histórico da propriedade, rastreando-o a partir de um dos lotes da vila.

No Primeiro Serviço de Registro de Imóveis – Toledo, perguntamos sobre o histórico de compra e venda da propriedade. No Livro N^o 02 do Registro Geral, Matrícula 4767, Folha 01, datado do dia 27 de outubro de 1976 há a seguinte descrição²⁴: “IMÓVEL: De uma área de terras integrantes do Pouso n^o 5, com a área de 580.000m², Município de Toledo-PR, de formato quase perfeitamente retangular (...) PROPRIETÁRIO: FRIGOBRÁS-CIA. BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS”.

Seguindo o documento, informações relevantes sobre o histórico da propriedade podem ser encontradas nas Averbações, mostrando que o terreno foi dado como incentivo fiscal para a Sadia:

AV. 1-4767 – Toledo, 27 de outubro de 1976. [...] “CONFORME DESPACHO”, feito em data de 18 de dezembro de 1974, pelo Sr. Prefeito Municipal de Toledo, Dr. Wilson Carlos Kuhn, consta o seguinte: 1^o) Quando da instalação da unidade industrial da Frigobrás-Cia. Brasileira de Frigoríficos, em Toledo, a municipalidade então sob a gestão do Dr. Ernesto Dall’Oglio, houve a promessa de doação de uma área de terras, como forma de incentivo fiscal ao empreendimento. 2^o) A lei municipal n^o 333 de 07 de 1964, ratificou tal promessa, autorizando o Poder Executivo fazer doação de

²⁴ PARANÁ (Estado). Comarca de Toledo. Registro de Imóveis. **Matrícula n 4767**. Livro n 2. Folha n 1. Haroldo L. Hamilton. Oficial Vitalício. 27 de outubro de 1976.

uma área de terras, com a superfície de 580.800m², integrante do chamado de Pouso n^o5²⁵.

Em outro trecho, o documento apresenta o histórico da propriedade onde está situado um dos lotes da vila operária. Percebemos que a Sadia subdividiu a área em duas, uma delas onde foram construídas as casas dos trabalhadores da empresa:

AV. 4-4767 - Toledo, 29 de julho de 1977. Conforme Instrumento Particular de Aditamento, expedido pelo BANCO DE DESENVOLVIMENTO DO PARANÁ S/A, agência de Curitiba-PR, em data de 06 de julho de 1977, fica liberada a área de 146.800m², parte da área maior de 580.800m², objeto hipotecário constituído no título ora aditado²⁶.

E ainda:

AV. 5-4767 - Toledo, 19 de agosto de 1977. Conforme requerimento expedido pela FRIGOBRÁS-Companhia Brasileira de Frigoríficos, filial de Toledo, CGC/MF. N^o 60883212/0011/68 é feita a averbação da Subdivisão do imóvel inscrito neste Registro sob o n^o 4767, no livro n^o 2, Registro Geral, em duas frações com uma área de 434.000m² e outra com área de 146.800m².

A área menor, na qual fora construída a vila operária, foi vendida pela empresa meses depois:

AV. 6-4767 - Toledo, 31 de janeiro de 1978. A Frigobrás-Companhia Brasileira de Frigoríficos, com sede em São Paulo-SP e filial em Toledo-PR, vendeu a PARTE MÉDIA-SUDOESTE DO POUSO N^o 5, com área de 146.800m², situada na Zona Suburbana da Cidade de Toledo-PR, para a Cooperativa Habitacional de Toledo, com sede em Toledo-PR, dito imóvel [...] desde já não mais faz parte desta Matrícula o qual foi dado baixa do referido imóvel²⁷.

Vamos fazer três considerações sobre os trechos destacados acima, retirados de um registro acerca do histórico da propriedade: 1) o documento mostra as relações entre a Sadia e as administrações públicas entre os anos de 1964 e 1978, no que se refere a incentivos fiscais

²⁵ PARANÁ (Estado). Comarca de Toledo. Registro de Imóveis. **Matrícula n 4767**. Livro n 2. Folha n 1. Haroldo L. Hamilton. Oficial Vitalício. 27 de outubro de 1976.

²⁶ PARANÁ (Estado). Comarca de Toledo. Registro de Imóveis. **Matrícula n 4767**. Livro n 2. Folha n 2. Haroldo L. Hamilton. Oficial Vitalício. 19 de agosto de 1977.

²⁷ PARANÁ (Estado). Comarca de Toledo. Registro de Imóveis. **Matrícula n. 4767**. Livro n 2. Folha n 1. Haroldo L. Hamilton. Oficial Vitalício. 31 de janeiro de 1978.

na forma de doação de terras para a expansão de seus negócios. Percebemos que uma grande área foi doada (580.800m²), nos arredores do frigorífico Pioneiro, logo após a sua venda para a Sadia, durante a gestão do prefeito Ernesto Dall’Oglio; 2) o documento também mostra que a empresa dividiu a área em duas partes, cuja parte menor (146.800m²) vendeu para a Companhia Habitacional de Toledo em 1978, área onde fora construída a Vila Operária. A Sadia então recebeu a terra da prefeitura como incentivo fiscal na forma de doação em 1964 e, 14 anos depois, vendeu esse pedaço de volta para a prefeitura a fim de que fossem construídas as casas para seus funcionários; 3) a Sadia, portanto, desvinculou-se formalmente desse espaço no ano em que começou a construção do BNH, em 1978. No entanto, confrontando esse documento com a experiência social dos trabalhadores, percebemos que na prática ela continuou exercendo influência naquele espaço e no modo de vida dos trabalhadores.

Portanto, mesmo que a empresa tenha se desvinculado da área pela venda dessa para a Companhia Habitacional de Toledo – que, por sua vez, ordenou a construção do BNH contratando a imobiliária Habitasul, que tinha uma sede na cidade, a partir da aquisição de crédito junto ao governo do Estado do Paraná –, o espaço é característico de uma vila operária. Vamos perceber isso melhor a partir da recordação dos trabalhadores de como era a vida cotidiana no lugar.

As primeiras duas das características gerais das vilas operárias elencadas no início deste capítulo – comportar as famílias operárias e ser de propriedade do capitalista – são também encontradas no lugar pesquisado. É preciso, no entanto, fazer uma ressalva.

Geralmente, os espaços classificados como vilas operárias são de propriedade da mesma pessoa ou empresa. O padrão é também o “dono” e justamente essa particularidade distinguiria as vilas de outros espaços de moradia dos trabalhadores. Não acreditamos que a propriedade legal do terreno ou das casas tem tanta importância nas relações que nele se desenvolvem.

No caso estudado isso não acontece dessa forma explícita, o que de maneira nenhuma retira a responsabilidade da Sadia com a gerência daquele lugar. Por isso, ao invés de “ser de propriedade do industrial”, optamos por denominá-la “ser de propriedade do capitalista”.

Eva Blay, ao pesquisar sobre as vilas operárias da cidade de São Paulo no final da década de 1970 e início de 1980, quando começava a entrar em prática as construções de casas a partir de crédito conseguido pelas empresas junto ao Banco Nacional de Habitação, “profetizou” na conclusão de seu livro:

A experiência iniciada no passado nunca se interrompeu, as casas foram sendo sucessivamente oferecidas por empresas nacionais, no passado, e multinacionais que se instalaram no país nas últimas três décadas. A experiência do passado vai sendo recuperada também ao nível do Estado. Talvez a indicar um próximo passo neste processo cabe finalizar este trabalho mostrando como o BNH (Banco Nacional de Habitação) está atualmente, desde março de 1980, propondo o Programa Habitacional Empresa – PROHEMP. Este programa pretende facilitar a construção de moradias “em locais próximos ao emprego” e “visa a contribuir para o incremento da renda real e da produtividade do trabalhador” [...]. Mais uma vez, para proporcionar casas aos trabalhadores financiam-se as empresas, mas se cobra a dívida do empregado. O Estado agora patrocina a captação de recursos dos trabalhadores e os transfere aos agentes do capital financeiro para que sejam construídas as novas vilas operárias. (BLAY, 1985, p. 321-322).

Aqui vemos que Blay reconhece a amplitude que pode assumir as vilas operárias, com outros agentes envolvidos: o Estado e o capital financeiro, não apenas os industriais. As “novas vilas operárias” não necessariamente são propriedade legal das empresas empregadoras, que não por isso deixam de influenciar na prática sobre a moradia de seus operários.

3.2 A VILA DOS OPERÁRIOS DA SADIA: ESPAÇOS DE VIVÊNCIA

Outrora ocupada em sua totalidade por operários da Sadia, que habitavam as 300 casas construídas e enfileiradas de maneira igual (só mudava o tamanho), e utilizavam os espaços coletivos, a vila operária é hoje parte integrante da Grande Vila Pioneiro, sendo até difícil distingui-la das demais casas. Isso se deve a dois fatores: 1) Das 300 famílias ou casais operários que foram os primeiros moradores, restaram poucas pessoas (cerca de 10 casas são ainda ocupadas pelos habitantes iniciais²⁸). São poucos, portanto, que carregam consigo e fazem parte da história do lugar desde sua formação; 2) Quase todas as casas, com exceção de uma, foram modificadas geralmente no sentido da expansão, construção de garagem ou mais cômodos ou mudanças na divisão interna dos espaços.

Por conta dos fatores mencionados no parágrafo anterior, a vila operária construída para acomodar os trabalhadores da Sadia se confunde hoje com outros espaços da Grande Vila Pioneira. Mesmo assim, muitos dos atuais moradores trabalham na empresa, que hoje

²⁸ Apesar de a vila operária servir para fixar ou imobilizar a mão de obra, a rotatividade no trabalho e na moradia continua muito alta. Essa contradição foi constatada também por Lopes. Em Toledo, isso se dá provavelmente pelo duro trabalho dentro do frigorífico.

conta com milhares de funcionários em Toledo. No entanto, a relação trabalho-capital se modificou ao longo dos anos, influenciando também no cotidiano dos trabalhadores da vila operária.

No começo da história daquele espaço, em 1978, a vila operária construída pela Sadia foi o segundo núcleo habitacional e o maior da Vila Pioneiro²⁹. Nos arredores havia o frigorífico, e poucas coisas mais, como podemos perceber na imagem seguinte:

Figura 04: O Frigorífico e a Vila³⁰



Fonte: Acervo Museu Willy Barth (1979).

Na fotografia vemos, em primeiro plano, o frigorífico. Ao fundo aparece a vila operária formando um retângulo: um aglomerado de 300 casas em filas verticais e horizontais. No meio, um quadrado onde posteriormente foram construídas uma escola e uma praça. A vila era cercada por um matagal, por terras destinadas ao cultivo e também por algumas outras habitações.

É preciso ressaltar que o fotógrafo, provavelmente contratado pela prefeitura, teve o cuidado de posicionar a lente da câmera para capturar tanto o frigorífico quanto a vila operária

²⁹ Os trabalhadores ressaltaram este fato em suas falas, como Fernando: “É uma das primeiras vilas”.

³⁰ Acervo Museu Willy Barth. A foto data de 1979.

ainda recém-construída. No contexto tenso da época, de luta por moradia e “regularização” da área, era importante mostrar o “progresso” acompanhando a expansão industrial: as casas da vila operária eram das habitações mais modernas em termos de arquitetura e engenharia, pela praticidade (que não necessariamente significa qualidade), de toda área compreendida pelo antigo Pouso Frio.

A foto corrobora a versão dada pelos trabalhadores de que no início a vila operária era separada do restante da cidade, como se fosse cercada. Elenir afirma que “é, era separado” do restante da cidade. Ivan lembra que:

Ivan: Quando eu cheguei aqui não tinha asfalto, não tinha nada. Nós viemos aqui ó, aqui era só uma cerquinha (apontando) de... Tinha uns tijolinhos aqui atrás. E daí assim, isso aqui era tudo estrada de chão, daqui pra cá era tudo trigo plantado e soja. Daqui pra baixo, essas casas aqui, não existia nada disso aqui ... Era que nem interiorzão. Aqui pra baixo também não tinha... Desse BNH pra baixo não tinha casas ali. Ali era mato, tudo mato. Mato da Sadia ali.

Ivan, sobre o formato do BNH, relata:

Ivan: É um quadradão. Ele pegava aqui da Rua 1 de Maio até a Rua dos Pioneiros. E aqui embaixo daí sai lá na Rua dos Pioneiros também. Aqui pra baixo daí agora fizeram casas, na rua que vai pra lá. Mas primeiro só tinha esse (espaço) daqui mesmo ... Parecia que era separado. Aqui embaixo aqui a gente passava por uma pinguela, nem ponte não tinha. Daí depois fizeram aquela ponte da Maripá.

Miguel, o sobrinho do dono da única mercearia existente nos arredores, diz que: “Só tinha acesso (à vila operária) pela Rua dos Pioneiros. Tinha outra rua, mas era uma rua bem precária. O acesso mesmo era pela Rua dos Pioneiros”. A fim de encurtar o caminho, os trabalhadores utilizavam uma “pinguela”, espécie de ponte feita geralmente de madeira ou troncos de árvore, construídas geralmente a partir do conhecimento popular, sem participação nem projetos de engenharia ou arquitetura.

Amélia e Augusta se lembram de outro caminho aberto pelos trabalhadores para ir para o centro. Amélia declara: “pra ir pro centro era um carreirinho né ... aí se sujava tudo, se molhava”, ao que Augusta complementa que “era um carreirinho por dentro do pasto ... Tinha que levar um paninho molhado pra quando chegava lá limpar os pés. Não tinha estrada igual tem hoje”. Podemos perceber a importância de não aparecer sujo no centro, considerado um lugar em que se necessitava apresentar certa aparência, estar limpo e “bem” vestido.

Sobre a relação com o restante da cidade, Miguel lembra que os trabalhadores iam apenas “pra fazer compras. O comércio aqui era... Não tinha né. Era só o mercado, nem loja tinha”. Isso é corroborado pelos outros entrevistados. Ivan diz que “todo mundo ia pro centro, as lojas maiores era tudo no centro”.

A percepção dos trabalhadores de que viviam separados da cidade é comum para a maior parte dos habitantes dos modelos de fábrica com vila operária que foram implantados no Brasil, o que implicava em uma relação segregada com o restante da cidade.

A cidade muitas vezes é confundida com o centro comercial, e os trabalhadores iam para lá apenas para fazer compras. A vida social praticamente girava em torno do trabalho e das relações estabelecidas na vila operária.

Michelle Perrot descobriu uma mudança de comportamento da classe trabalhadora francesa com relação ao centro de Paris. Enquanto na segunda metade do século XX os trabalhadores preferiam ficar em seus espaços, isto é, as casas e demais espaços dos bairros periféricos, no século XIX era diferente. Naquele tempo, os operários iam com frequência ao centro da cidade, para ocupar os espaços com as festividades. Preferiam, inclusive, gastar menos com a moradia e mais com trajes bonitos para passear na cidade. No século XX, o valor gasto com moradia na França é maior, enquanto o centro é menos visitado pelos trabalhadores (PERROT, 1988).

As casas disponíveis para compra a partir de financiamento na vila operária só se diferenciavam no tamanho. Havia dois tipos, um deles maior e outro menor. A quantidade de cômodos e a estrutura interna e externa das casas era a mesma. Eram casas de alvenaria. Augusta e Amélia, que estavam juntas durante uma das entrevistas, descrevem o que relembram sobre as casas.

Amélia começa comparando as suas moradias com as outras poucas existentes no antigo Pouso Frio: “As casas? Era tudo de madeira. Casa bonita assim de alvenaria não tinha nenhuma, era tudo de madeira”. Podemos perceber que ela dá ênfase ao material utilizado para a confecção das casas, consenso entre os trabalhadores que esse tipo de casas, de “alvenaria” ou de “material” era melhor do que as casinhas precárias de madeira utilizadas em grande escala para comportar as famílias dos trabalhadores pobres de Toledo. Apesar de “bonita”, Amélia também lembra que era “pequeninha” e que: “Eram dois tamanhos. A menor e a maior. Mas a gente pagava tranquilo, era por mês que pagava bem pouquinho. Todo mundo tinha condições de pagar. Eu não lembro se é nessa rua aqui ou é na outra. Mas tem uma que ainda está igual, é das pequenas”.

Fomos atrás da sugestão de Amélia e encontramos a dita casa. Como vamos ver nas fotos, a estrutura realmente parece ser a mesma:

Figura 05: Fotografia de uma das casas da vila (Frente, 2016)



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 06: Fotografia de uma das casas da vila (Lado direito, 2016)



Fonte: Acervo do pesquisador.

Figura 07: Fotografia de uma das casas da vila (Interior da casa, 2016)



Fonte: Acervo do pesquisador.

A primeira coisa que devemos observar refere-se ao desgaste da estrutura da casa. Supondo que não tenham sido feitas reformas, o tempo calculado para a duração da estrutura é relativamente curto. As casas foram construídas entre 1978 e 1979, portanto 39 anos atrás. Engels observara isso em sua pesquisa sobre as condições de moradia do operariado inglês em meados do século XIX. Já naquela época, a lógica que guiava as construções era de barateamento, então duravam poucas décadas (ENGELS, 2010[1845]).

O terreno - o lote - que era o importante. Conforme a cidade crescia, expandiam-se os negócios, especulavam-se valores maiores para os terrenos. É o que parece ter acontecido em Toledo, na Grande Vila Pioneira³¹. A frase escrita com tinta “vendo: só o lote, a casa não” é um sintoma de que o terreno vale mais do que a casa, perdendo assim sua função inicial, isto é, servir de moradia para os trabalhadores pobres.

Além da pouca habilidade do pesquisador com a máquina fotográfica, podemos observar detalhes importantes sobre as casas de tamanho menor, seguindo a lembrança dos trabalhadores sobre como eram as suas moradas antes das reformas que eles mesmos fizeram. Elenir: “Eram todas iguais. Tinha só essa casinha aqui ó, do meio (apontando) que tinha aqui. Então era pequenininha. Só que... Aqui nessa casa faz 38 anos que nós moramos aqui”. Olhando para sua própria casa, ela destaca a parte que fora construída antes das reformas.

³¹ A especulação imobiliária - que aumenta conforme se criam melhores condições infraestruturais que influem na qualidade de vida - foi percebida pelos trabalhadores em diversos momentos durante as entrevistas. Augusta, por exemplo, disse que “Quando a gente chegou aqui você comprava terreno com uma bolsa de feijão, uma bolsa de arroz ... Hoje você não compra mais. E a gente não apostava, porque era um lugar tão feio né dona Amélia? Nossa, quantos lotes meu esposo deixou de comprar. Quem comprou, hoje ta bem, porque apostou”. Amélia concorda sobre os preços dos terrenos do lugar onde mora: “Aqui ta cada vez aumentando mais”.

Enfatiza que eram todas iguais e que eram muito pequenas. São pontos também destacados pelos outros moradores. Ao final, ela reafirma a importância da casa, apesar de terem sido todas iguais e pequenas, valorizando as décadas vividas ali.

Sobre as casas, as mulheres são as que mais recordam, provavelmente por terem exercido por muito tempo uma dupla jornada de trabalho: além de trabalhar fora, também tomavam conta da maior parte das tarefas domésticas. Augusta conta que eram dois quartos, “uma sala, o banheiro e a “cozinhinha” (cozinha pequena) que cabia só a cozinheira”. Amélia acrescenta: Só tinha o fogão, só cabia o fogão, e a pia assim, e se fosse um armário de parede”. A cozinha, para elas também local de trabalho, parece ter sido a maior decepção ao conseguirem a casa.

Outra coisa que incomodava era o fato das casas serem todas iguais. Augusta lembra como as diferenciavam: “Era igual, tinha faixa né. A minha faixa era verde, a da senhora era que cor? A faixa que eles puseram?”, ao que Amélia responde: “Era... Era uma cor... bege”. Augusta continua contando uma história engraçada:

Augusta: Era tudo igual, nós conhecíamos a casa pela faixa, pelo portão... O meu esposo quando veio da Sadia um dia entrou na casa da mulher ali. Bateu na porta, tirou o tênis, na casa da Elza ali, ela disse: “entra vizinho”. Aí ele: “nossa vizinha, to na casa errada” (risos).

Sem dar tempo para questionar (nem no pensamento) a versão do que Fernando disse para Augusta na ocasião que aconteceu o episódio narrado, Amélia logo emendou a fim de evitar constrangimentos: “É porque era tudo igual, aí se confundia”. Deixando o humor de lado, percebemos que para esses trabalhadores era importante diferenciar-se uns dos outros com relação às casas. Mudaram a cor, construíram fachadas ou portões, plantaram grama ou fizeram umas “gambiarras” como diz Ivan. É certo que não queriam parecer todos iguais, então cada um deixou o lugar do seu próprio “jeitinho”, como afirma Amélia.

Augusta dá outra explicação para as reformas além da necessidade de se diferenciar: “A família vai aumentando. Eu tinha uma menina e um piá, aí vai crescendo e tem que fazer outro quarto, aí faz mais um quarto”.

Voltando para as fotos, vemos que as casas realmente eram muito pequenas, não chegando a ocupar nem metade do lote. Sobrava espaço no terreno antes das reformas das casas. O que sobrava de espaço parece ter sido utilizado pelos trabalhadores para o plantio de

pequenas hortas para complementar a alimentação. Augusta lembrou isso: “todo mundo tinha um montinho de adubo. Tinha adubo aqui, adubo lá, pra fazer a hortinha”.

Prática comum nas vilas operárias, as hortas ou pequenos roçados reafirmavam a identidade desses trabalhadores, recém-saídos do campo. Apesar de não aparecer nas entrevistas, podemos inferir que eles trocavam o resultado do plantio uns com os outros.

Nos próprios colégios, espaços de uso coletivo - um dentro da vila e outro uma rua para cima - as crianças eram ensinadas a plantar alimentos desde pequenas, como podemos perceber na foto a seguir, que constava em um livro de fotografias de momentos importantes na escola:

Figura 08: Horta da Escola Walter Fontana (1987)



Fonte: Arquivo do Colégio Walter Fontana (2015).

José Sérgio Leite Lopes (1988), em “A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés”, mostrou a importância dos roçados para a produção de alimentos que serviam como uma renda extra aos operários da Fábrica de Tecidos Paulista e que viviam na vila

operária da empresa em Pernambuco. O perfil dos trabalhadores que eram incorporados ao “sistema paulista” é semelhante com as pessoas que entrevistei: pequenos agricultores expropriados do campo que tentavam a sorte em outros ares.

Os trabalhadores da Sadia destacam nas entrevistas alguns espaços de uso coletivo na vila ou nas proximidades, além dos colégios Walter e Attilio Fontana e da mercearia em que trabalhou Miguel. A igreja católica São José Operário é um desses espaços. Padre André lembra com orgulho:

André: Os operários também tiveram a sua é... Presença na própria comunidade. Assim é que a igreja da Vila Pioneira, São José Operário, quem nos ajudou a construí-la foi a Sadia. A Sadia foi uma boa ajuda como empresa, fornecendo mesmo os próprios funcionários na área de construção. E claro, a comunidade também se envolveu. Na edificação, em tudo. No projeto e na realização.

Como dito no capítulo anterior, Padre André é lembrado pelos trabalhadores com carinho, pelo auxílio no esforço de organização que levou a criação das associações de moradores e de um sindicato combativo dentro da fábrica. Os operários deviam lutar pelos seus direitos, e a igreja servia como espaço coletivo importante de reunião para que assuntos que faziam parte do cotidiano fossem discutidos. Agora vemos que foram os próprios trabalhadores da Sadia que a construíram³².

Os espaços de uso coletivo que existiam na vila operária ou nos arredores eram: os dois colégios onde estudavam os filhos dos operários; um salão de festas; o Centro Social; uma mercearia; uma praça; uma igreja. Além deles, os trabalhadores compartilhavam também, antes da construção da vila e da instalação de água encanada e luz elétrica, um riacho onde as mulheres lavavam roupa e as serrarias para pegar lenha a fim de acender o fogo.

Curiosamente, o mais destacado dos espaços de uso coletivo que existiam na vila e nos arredores é a própria Sadia. A empresa não era vista apenas como local de trabalho, mas também de realização de algumas necessidades básicas e como espaço de lazer e descontração nos finais de semana e feriados: nos dias sem trabalho.

Amélia lembra que: “Era tudo na Sadia. Era tudo lá na Sadia, tinha o... Tinha, era o... O ginásio de esportes. Festa, tudo que se fazia era lá, era tudo para os funcionários, só para os

³² Miguel conta a mesma história: “Foi feita a igreja toda pelo pessoal que trabalhava na Sadia, com relação à mão de obra”.

funcionários”. Em outra entrevista, ela também afirmou que: “Tinha dentista, tinha açougue, tudo para os funcionários”. Com alegria, Amélia e Augusta se lembram dos churrascos que faziam com suas famílias, vizinhos e colegas de trabalho.

Quando perguntamos sobre o que os operários faziam para se divertir, recebemos respostas que indicam um tipo de relação entre capital e trabalho diferente do que é hoje, segundo os trabalhadores atuantes no frigorífico nas décadas de 1970 e 1980 e os moradores da vila.

3.3 CONTRADIÇÕES ENTRE VIVER E TRABALHAR

Os trabalhadores que conseguiram comprar uma casa na vila operária da Sadia, construída em 1978 perto da planta industrial da empresa em Toledo, estiveram desde já pressionados a permanecer no frigorífico por um longo período, de duas formas. Primeiro, era consenso que aquele espaço era destinado aos funcionários da Sadia, ainda que não formalmente. Em segundo lugar, eram obrigados a pagar a casa parcelada, e essas parcelas duravam vários anos³³. Mesmo assim, era mais barato que pagar aluguel e a casa, no final, pertenceria a eles. Os dois fatores mencionados acima exerceram certa pressão para que os trabalhadores permanecessem no emprego.

Os critérios para a compra das casas foram estabelecidos na empresa. De fato, todo o processo para que saísse a vila foi lá. Amélia lembra que os trabalhadores do frigorífico no início da década de 1970 se organizaram e fizeram o “pedido das casas” para a administração da época. Demorou um tempo para que fossem atendidos, já que as casas só foram construídas em 1978.

Migrantes e pobres, quando chegaram a Toledo, essas pessoas encontraram poucas possibilidades para morar e trabalhar. Os trabalhos eram quase todos braçais e sem direitos trabalhistas garantidos. As casas eram precárias, muitas vezes confundidas com barracões ou “casinhas de cachorro”, discriminadas como “casas de favela”. Ninguém queria morar “de favor” ou pagar aluguel.

Vindos do campo e acostumados a morar sempre perto do trabalho, ou ainda no mesmo local de trabalho, os trabalhadores entrevistados mostram em suas lembranças um incômodo muito grande com relação à moradia. Não só a qualidade, mas a distância da

³³ A Duração média para quitação das casas, entre os entrevistados, foi de 25 anos.

moradia e do trabalho. Fazem cara feia ao lembrar as dificuldades em passar por um terreno irregular, caminhar em meio ao barro nos dias de chuva. Queriam, pois, morar em casas decentes e perto do trabalho. Era uma exigência daquelas pessoas que saíram do campo em busca de trabalho e melhores condições de vida.

Trabalhar na Sadia garantiu a casa na vila. Uma estabilidade que estavam procurando, para poderem constituir uma família. Mas como era esse trabalho?

O trabalho nas indústrias alimentícias do Oeste do Paraná foi objeto de investigação de inúmeros pesquisadores da área das Ciências Humanas durante a história recente da região. Desde a década de 1960 até hoje, esse setor industrial já empregou milhares e milhares de pessoas, fazendo parte indiretamente na vida de outras tantas a partir da venda dos produtos e da participação na economia das cidades que abrem espaço para esses frigoríficos.

Em Toledo, a Sadia emprega atualmente impressionantes nove mil pessoas em sua planta industrial. É um trabalho precário e degradante, principalmente para aqueles que ocupam funções na linha de produção, acompanhando a velocidade das máquinas na esteira. Tanto que a média de permanência dos trabalhadores varia em torno de dois a três anos. O trabalhador, desse modo, dificilmente cria algum vínculo ou identidade com seu trabalho. É um daqueles empregos que as pessoas buscam de modo temporário, para continuarem os estudos, por exemplo. Ficam até encontrar algo melhor.

Há três ou quatro décadas, as coisas eram diferentes, pelo menos é o que dizem as pessoas que entrevistamos. Fernando e Joaquim, por exemplo, ficaram quase trinta anos trabalhando na Sadia. Amélia e Ivan ficaram dez anos. Elenir também. Eles começaram a trabalhar na fábrica durante a década de 1970. Joaquim começou até mais cedo, em finais de 1960.

Esses trabalhadores em sua maioria foram acostumados a exercer diversas atividades, ou diversos trabalhos, durante suas vidas. Seu Fernando disse logo de início, por iniciativa própria: “a única coisa que eu sei fazer profissionalmente é fabricar presunto, mas se for pra rezar missa eu rezo também”. Ele começou se definindo a partir do trabalho, levando em conta a experiência diversificada que teve durante sua vida: já trabalhou na lavoura de café, na colheita de algodão, já fabricou fumo artesanal, já foi pedreiro, office boy, segurança. Dona Augusta, esposa de Fernando, afirmou:

Augusta: O que jogar pra eu fazer, eu faço. Eu trabalhei numa fábrica de cadeira por um ano, depois trabalhei num lugar ou em outro assim. O que dava, lavando roupa, limpando calha. Mas nunca registrada.

Além disso, ela também trabalhou até os dezessete anos na roça, ajudando a família. Todos os outros entrevistados também trabalharam em diversas ocupações durante a vida. O que significou para essas pessoas o trabalho na Sadia e a moradia na vila operária? Uma coisa é certa: implicações no modo de vida.

A maior parte sem um contrato formal, as funções exercidas antes da entrada na Sadia eram atividades em que o tempo de trabalho não era tão controlado como posteriormente experimentaram na indústria, como afirma Fernando ao comentar sobre o trabalho no frigorífico: “eu tinha todo meu tempo comprometido”.

O trabalho na Sadia, à época, era requisito para conseguir uma casa na vila operária, construída perto da fábrica. Como as pessoas que chegavam geralmente não tinham nem trabalho nem moradia garantidos, iniciar na Sadia aparecia como um modo de resolver os dois problemas “em uma pegada só”.

Em um período extremamente difícil na economia, de alta dos preços dos produtos, dos aluguéis e poucas possibilidades de emprego para os trabalhadores pobres que vinham do campo, o tempo empregado no frigorífico em Toledo garantia comida e casa. Na condição em que estavam, migrando em busca de certa estabilidade, ser empregado da Sadia parecia oferecer uma garantia mínima para a sobrevivência da família na cidade.

Além disso, como comentou Ivan, era uma das poucas possibilidades de emprego para gente considerada formalmente sem qualificação na cidade, mas o trabalho era exaustivo, era exigida uma produção imensa por dia: “nosso trabalho era todo manual. Tinha dias que nós abatia até duzentos, duzentos e cinquenta animais ali dentro”. Apesar da pouca experiência dentro do frigorífico, Ivan trazia consigo sua experiência de trabalho no campo: “entrei ali, não sabia nada. Mas eu já tinha cortado de motosserra, porque eu sempre morei em sítio”. A motosserra era usada para cortar os animais depois do abate.

Ivan lembra que o trabalho na Sadia “era simples, mas pesado”. Saiu de lá por não acreditar que conseguiria ser promovido, depois de dez anos como funcionário na empresa. Uma das únicas lembranças boas que tem é das pessoas que conheceu no trabalho, como seu Joaquim: “a gente conversa bastante, por tudo que a gente trabalhou na Sadia”. De fato, entre os poucos ex-trabalhadores da Sadia que permaneceram na vila operária, dois deles que se aposentaram na empresa assumiram cargos de supervisão: é o caso de Fernando e Joaquim.

Hoje com 73 anos, baiano, natural de Caculé, Joaquim veio para Toledo “em 66, é... 19 de junho de 66”. O fato de ele enaltecer um dia específico para sua chegada mostra a importância do episódio para sua vida.

Da Bahia, Joaquim fugia da seca e da miséria. Lá trabalhava com seu avô na construção de açudes para armazenar água quando chovia. Após passar um tempo no Mato Grosso, Minas Gerais e depois pelo norte do Paraná, trabalhando nas lavouras de algodão por empreitada, chegou a Toledo. Veio junto com alguns companheiros de trabalho. Um deles tinha residência na cidade, onde Joaquim ficou por um tempo, até começar a trabalhar.

Essa narrativa exemplifica uma trajetória comum aos trabalhadores da Sadia que foram entrevistados. Vieram para Toledo entre finais de 1960 e início de 1980. Dedicaram grande parte de suas vidas ao trabalho na fábrica. No lugar onde estavam, foi a melhor opção que encontraram para seguir em frente. Como Joaquim, muitos trabalhadores vieram para Toledo sem destino certo, mas com a expectativa de melhorar um pouco de vida. Esse parece ser um sentimento comum que movimentava e impulsionava os trabalhadores que migravam em busca de trabalho. Foi com esse sentimento que eles, assim como Joaquim, se inscreviam para trabalhar no frigorífico.

Esse processo; porém, foi marcado por inúmeras dificuldades. Todo trabalho tem suas especificidades. Cada trabalhador, suas características particulares. Não é fácil apreender a realizar uma nova tarefa, ou adaptar-se a uma disciplina de trabalho até então nunca vivenciada. Ainda mais se tratando da rotina de trabalho na linha de produção de um frigorífico. Acostumados com a rotina do campo, com o trabalho nas lavouras e na criação de animais, esses trabalhadores viram a necessidade de mudar seus hábitos de vida repentinamente quando foram trabalhar no frigorífico e morar perto dele, na vila operária.

Afinal, até que ponto suas vidas se alteraram com sua integração à produção na Sadia? Em que medida os trabalhadores conservaram costumes antigos? Quais os limites que impuseram às formas de exploração da empresa? Para responder às indagações, tivemos que analisar as histórias de vida de operários e familiares de operários da Sadia que se entrecruzam no tempo.

Dona Elenir, 76 anos de idade, conheceu Joaquim durante os anos em que trabalhou no frigorífico da Sadia. Foram companheiros de trabalho antes de serem companheiros na vida. Conversei com Joaquim e Elenir na companhia de outros dois colegas nossos. Juntos, Joaquim e sua esposa contaram histórias de perdas e ganhos, no mais amplo sentido que essas palavras possam assumir. Nascida em Guaraniáçu, ela veio para Toledo com seus irmãos no

início da década de 1970. Elenir explica que nunca tinha trabalhado tão arduamente antes da experiência na linha de produção do frigorífico. Filha de um pequeno proprietário, o motivo dela e seus seis irmãos terem saído do campo para morar na cidade não é mencionada. Em grande medida, a história de Elenir faz parte de uma trajetória comum de filhos de pequenos proprietários que não conseguiram sobreviver no campo com a pequena fatia de terra herdada dos pais. Quando vieram para Toledo, os seis irmãos foram trabalhar na Sadia: “meus pais ficaram lá e nós viemos trabalhar na Sadia”.

Assim, ela descreve o trabalho na linha de produção de suínos do modo como se lembra:

Elenir: aquele tempo nós trabalhava muito na Sadia, nós pegava... teve uma época, pra nós tira os vareio que ficava... nós trabalhava em cinco guria em uma sessão, daí pra tirar os vareio, nós pegava duas horas da madrugada ... ia até meia noite, não dormia ... Nós trabalhamos bastante aquele tempo, aquele tempo trabalhava bastante na Sadia.

Elenir trabalhava na sessão de evisceração com suas colegas retirando as tripas dos porcos, salgando-as e embalando para que fossem enviadas a São Paulo, onde ficava uma distribuidora da empresa. A rotina de trabalho descrita por ela no trecho destacado deveria ocorrer em períodos excepcionais, de grande aumento do abate para atender às expectativas de lucro dos patrões. O “vareio” citado por ela é o acúmulo de trabalho, que geralmente é compensado com horas extras feitas pelos trabalhadores. Mesmo se quisermos duvidar que uma jornada de trabalho de quase 24 horas é humanamente possível, é fato que em quase todas as entrevistas com operários daquela época as horas extras são muito mencionadas como um dos males do trabalho no frigorífico.

Ainda sobre o trabalho nesta sessão, dona Elenir conta que trabalhou “dois meses só, daí não aguentei mais”. Ela passou um tempo também trabalhando em outras sessões, como na matança:

Elenir: um tempo nós trabalhava de tamanco lá, tudo mundo era tamanco, era homem, era mulher. Então era muito liso, que tinha gordura né? E era um mês, era um par de tamanco que gastava tudo aquela tá... aquela madeira de baixo, daí agente tinha que pegar outro. E daí então a água escorria e nós vivia com os pé molhado, direto. Daí quando veio as bota, eu trabalhei só seis meses e tive que sair, e agora só trabalha de bota, toca.

Percebemos no relato que as condições de trabalho eram precárias, e acidentes eram comuns. Na breve comparação feita sobre o trabalho no frigorífico hoje, Elenir parece indicar uma ligeira melhora em termos de segurança do trabalho. No mais, as lembranças dela sobre o trabalho na Sadia não são nada positivas. Ao contrário, dona Elenir parece ter sofrido muito no tempo que trabalhou no frigorífico. Em poucos meses já chegava ao limite do que era aceitável para ela. Primeiro, ficou dois meses e *não aguentou*. Depois, passou seis meses e *teve que sair*.

Na lembrança de seu Fernando, que começou a trabalhar na Sadia quase no mesmo período que Joaquim e Elenir, o trabalho no frigorífico também apresenta contornos desumanos e sacrificantes. A trajetória de trabalho dele em Toledo, por exemplo, nos ajuda a refletir sobre isso. Ao chegar na cidade, Fernando logo preencheu ficha de emprego na Sadia. Ele ouvira falar ainda antes de chegar em Toledo que a empresa estava contratando e que tinha gente há bastante tempo trabalhando lá. Contudo, no momento em que chegou não tinha vaga. Sem saber o que fazer, ouviu a dica de um vizinho sobre uma construtora que estava precisando de gente para trabalhar, mas era trabalho informal, sem carteira assinada. Não encontrando alternativa, Fernando começou a trabalhar como ajudante de pedreiro. No período de dois meses em que trabalhou lá, conseguiu juntar dinheiro para pagar o aluguel do barracão e se alimentar um pouco melhor.

Quando já estava se adaptando ao trabalho pesado de pedreiro, um vizinho veio avisar que tinha aberto vaga para ele na Sadia. Depois de refletir e conversar com seus colegas de trabalho da construtora, resolveu que era mais vantagem ser empregado da Sadia, por conta do salário que era melhor e do registro na carteira. Todavia, ao conhecer o trabalho no frigorífico, ele que tinha trabalhado como pedreiro, se apercebeu de imediato das duras condições de trabalho na linha. Vejamos como ela narra os primeiros momentos dele no frigorífico:

Fernando: Cheguei lá na Sadia, meu deus do céu. Era diferente. Você tinha que ta todo no esquema lá, tudo certinho. Chegar com o cabelo e a barba cortada, unha cortada, bater cartão. Ruído, frio, a dona Amélia conhece lá dentro. Eu entrei num lugar, que quando você saía da câmara e entrava no túnel... 28 graus negativos dentro dos túnel. Tinha que quebrar o gelo pra tirar as carcaças, as carnes pra fora. E um ruído. Úmido, pisava assim pura água, o gelo caindo. Pensei: eu vou morrer aqui, não aguento. Mas me atraquei ali. Comecei ensacando produto congelado. Ia buscar lá, trazia, ensacava. Quando chegou no fim do mês, quando chegou meu salário, deu pra esquecer (o sofrimento do trabalho). Era o triplo (do que ganhava informalmente como pedreiro). Nossa, eu fiquei feliz. Só faltava passar na

experiência. Era 90 dias pra passar. Quando foi 60 dias já me deram o crachazinho.

Percebemos, na narrativa de Fernando, que suas lembranças do trabalho revelam uma relação de sofrimento e sacrifício.

A natureza precária e desumana do trabalho e do ambiente de trabalho no frigorífico não foi o único elemento que marcou as narrativas da vida desses trabalhadores entrevistados. Nela encontramos elementos para entender outros aspectos da dinâmica das relações entre operários e empresa. Ocorre que, de modo geral, escolhemos entrevistar operários que ainda residem nas casas da antiga vila operária da Sadia. Entre eles encontramos diversas narrativas saudosas em relação à Sadia, pois prevalecia em suas falas um sentimento de gratidão e orgulho da empresa.

3.4. EMPREGADOS E PATRÕES: PATERNALISMO, CONTROLE E RESISTÊNCIA NO ESPAÇO DE TRABALHO

Attilio Fontana destaca em uma parte de seu livro autobiográfico, *História da minha vida*, seus empreendimentos em Toledo. Sobre a vila operária, há esta pequena passagem:

Quanto a Toledo, existe lá um Grupo Escolar – hoje Centro Educacional – que tem o nome do meu filho Walter. Haviam-nos pedido um terreno para edificação de uma vila operária, nós o cedemos e esse Grupo foi construído com dez salas de aulas, nesta mesma vila operária. Devo esclarecer que nunca agi assim porque pretendesse projetar-me socialmente, captando simpatia para a minha pessoa e para a minha empresa. [...] O certo é que, hoje mais do que nunca, o jovem precisa ser bem preparado profissionalmente para poder realizar-se na vida, ajudando-se a si mesmo e à comunidade do seu país. Não basta, porém, o ensinamento recebido nos bancos escolares; é preciso que os nossos filhos aprendam a se dedicar ao trabalho, que é a escola fundamental onde o homem aprimora os dons do seu espírito e da sua natureza moral. Portanto, ao lado da instrução, é necessário que nas escolas se faça também a pregação do trabalho com um dever patriótico, humano e social. (FONTANA, 1980, p. 269).

Na fotografia a seguir, vemos que o colégio cumpriu por vezes a função esperada por Fontana:

Figura 09 – Desfile de Sete de Setembro na Escola da Vila (1980)



Fonte: Arquivo do Colégio Walter Fontana (2015).

Nas fotografias que aparecem na imagem, das poucas que existem sa época e, portanto, importantes para a escola, conseguimos observar os alunos vestidos de operários no desfile de 7 de setembro de 1980, dois anos depois do início da construção da vila. No cartaz que as crianças seguram na primeira foto, acima, está escrito: “A escola Walter Fontana agradece à Frigobrás pelo carinho e apoio que tem sempre recebido”.

Fica claro nas fotografias, portanto, a que trabalho o pai, Attilio Fontana, queria que fosse “pregado” e difundido no colégio: o trabalho de operário. Mas como era esse trabalho?

Joaquim, mais conhecido como Pelé entre os colegas, faz parte da primeira geração de operários do frigorífico: “quando eu entrei na Sadia só tinha alemão e italiano, um pessoal bom ... o primeiro preto que entrou na Sadia fui eu”. Na época, ainda não havia mais de 40 funcionários trabalhando no frigorífico. Ele se orgulha muito dos feitos de seu trabalho: “aposentei lá, tenho minha casinha aqui, isso foi tudo de lá ... não posso falar da Sadia, a Sadia me ajudou”.

Ele se apresenta como um funcionário exemplar. Lembra-se de quando foi escolhido o melhor operário do Paraná no concurso “operário padrão”, em 1990. Como prêmio, Joaquim ganhou uma viagem para Curitiba. Essa campanha organizada pela empresa teve sua história registrada num livro, cujo exemplar foi dado a Joaquim. Nesse livro são descritos todos os momentos da campanha, o que nos permitiu perceber, por exemplo, a partir de sua abordagem sobre a trajetória de Joaquim na empresa, o modelo de operário aspirado pela Sadia. Vejamos no trecho transcrito abaixo em que a empresa descreve a história de Joaquim na Sadia:

Funcionário há 24 anos na Sadia. Iniciou suas atividades como sangrador, e foi percorrendo gradativamente toda a linha da matança, sendo um funcionário que com esforço e dedicação conseguiu tal façanha. Apto para exercer qualquer função, trabalhou na embalagem de produtos, e ainda, no cozimento de banha. Devido ao grande conhecimento na sala de abate foi escolhido para fazer o abate de emergência, função esta, que desempenhou a contento, e que lhe deu a oportunidade de ser LÍDER no Matadouro. Nunca teve falta, nem advertência ou punição, teve apenas duas dispensas, por motivo de óbito de familiares. JOAQUIM, ou PELÉ, carinhosamente como é conhecido e chamado por todos, é o exemplo de funcionário que veio para trabalhar e devido ao seu esforço, galgou degrau a degrau e conseguiu chegar a uma posição que lhe dá o privilégio de ser um líder na empresa³⁴.

A empresa conta a história de Joaquim no frigorífico a partir de uma visão de cima pra baixo, porque tenta decalcar nele uma imagem ideal de trabalhador. Os atributos existem antes da pessoa real e concreta. Quando lemos este texto, o que se identifica nas entrelinhas são as aspirações da empresa com relação aos operários, o que se vê é sua versão do modelo de trabalhador, que precisa reunir algumas características fundamentais. Esse operário precisa ser deferente e subordinado: aceitar seu lugar no processo de produção e exercer bem sua função sem reclamações. Ele precisa ter tenacidade e persistência para realizar todo o tempo, todos os dias, suas tarefas, sem falta ou ausência. Por último, ele deve ter versatilidade e flexibilidade para ser capaz de realizar qualquer tarefa que lhe seja imposta de maneira rigorosa e responsável.

Ao contrário do que parece, como sugere o livro, Joaquim não é o modelo vivo, ele representa a oportunidade real da empresa de afirmar a possibilidade desse ideal de trabalhador, sobretudo porque tratava-se de um operário com muitos anos de casa. Em 1990, ele completava 24 anos trabalhando na Sadia. Ele começou a trabalhar no frigorífico, naquela que é a função primeira da linha de produção de abate do suíno e ao longo dos anos ocupara diversas funções em diferentes sessões da linha de produção. Ele é, desse ponto de vista, um operário que pode validar o modelo de funcionário que a empresa quer projetar. Certamente, um operário recém-ingresso e com pouca experiência não teria legitimidade entre os funcionários, até porque o concurso não é para os diretores da empresa reconhecerem seus melhores funcionários. O concurso existe para cultivar entre os trabalhadores o sentimento de identificação e deferência com a Empresa. Para que isso seja efetivo, o operário padrão precisa reunir qualidades importantes para os próprios operários.

³⁴ LIVRO Operário Padrão. Curitiba: Serviço Social da Indústria DR-PR, 1990.

O “operário padrão” era aquele que estava pronto para tudo, em síntese. Podia desempenhar qualquer função dentro do frigorífico, nunca ficava doente, não participava do sindicato, não reclamava de fazer horas extras. Joaquim era, portanto, um exemplo a ser seguido por todos.

De fato, Joaquim se orgulha muito do seu trabalho, como já mencionamos anteriormente. Enquanto sua esposa lembra com pesar o tempo que passou como funcionária da Sadia, Joaquim ressalta os frutos que conseguiram, como a casa e a aposentadoria. Atentando-se um pouco mais às percepções dos dois, conseguimos explicar essa aparente contradição.

Ao ser questionado sobre o trabalho na Sadia, Joaquim não nega que “naquele tempo trabalhava bastante”. Acontece que durante a produção desta memória, Joaquim faz muitas associações. Ele não se restringe ao processo de trabalho em si. Quando se lembra do emprego na Sadia, Joaquim ressalta a estabilidade que conseguiu: o salário, a casa, a aposentadoria. Mais do que isso, os amigos que fez no trabalho e na vizinhança, o filho que conseguiu criar. Lembra-se até mesmo de sua esposa, que conheceu também no trabalho: “trabalhei vinte oito anos na Sadia, é... trabalhei bastante na Sadia, aposentei lá. E tem a minha esposa, ela entro lá também, e nós se achamos lá. Eu conheci ela lá, depois nos casamos”.

Ele também guarda lamentações nas suas lembranças: “o problema meu sabe o que era? É que eu nasci no estado da Bahia, e sempre queria ir embora para lá. E daí parece que era para ficar aqui mesmo, não deu (para ir embora). Aí casei, comprei essa casa aqui, e... tô morando aqui”. Além de nunca conseguir voltar para morar na Bahia, por inúmeros motivos, Joaquim também lamenta a distância que o separa do único filho, que mora em Brasília. Não só distância espacial, já que seu filho não quer que o pai vá visitá-lo. Percebemos, portanto, que para Joaquim o trabalho na Sadia afetou muito sua trajetória de vida.

A relação da empresa com os funcionários tinha contornos “mais humanos”, dizia dona Augusta, esposa de Fernando, ao tentar explicar como era a relação com a empresa. Tanto que ele permaneceu 25 anos trabalhando na Sadia, antes de se aposentar. No entanto, seu Fernando foi passando de função, até trabalhar como supervisor. Não enfrentou os 25 anos na linha de produção.

Enfim, após certo tempo trabalhando na Sadia, ele foi um dos contemplados com uma casa na vila operária criada pela empresa em conjunto com o Estado. Sobre isso, dona Augusta interpreta o seguinte: “foi a oportunidade que deu pra gente pegar uma casa, porque

era difícil”. Levando em conta a trajetória de vida dos três, dona Amélia, dona Augusta e seu Fernando, não é simples discordar dessa afirmação.

Além do mais, não foi só a casa. Quando se lembram da época em que trabalhavam na Sadia, enfatizam uma relação entre os trabalhadores e a empresa que hoje, segundo eles, não existe mais. Alguns pontos foram citados durante a entrevista para ilustrar isso, como serviços médicos pagos pela empresa, festas promovidas pela empresa para os funcionários, dois colégios construídos com a ajuda da empresa e que levam os nomes dos antigos proprietários: Atilio Fontana e Walter Fontana. Ressaltam também a boa convivência entre os vizinhos, que também eram colegas de trabalho. Hoje em dia muitos já não moram mais ali.

Como podemos perceber, a empresa interferia mais na vida dos trabalhadores do que interfere hoje, procurando harmonizar possíveis conflitos de classe. No entanto, essa harmonização não ocorre exclusivamente em razão dos trabalhadores viverem na vila operária, mas principalmente por conta de uma relação estabelecida entre capital e trabalho entre as décadas de 1970 e 1990, que é diferente da relação estabelecida no tempo presente. Hoje o trabalho é mais precário e degradante, a rotatividade é maior, a relação da empresa com os empregados é mais formal e “menos humana”, como diria dona Amélia.

Nos estudos sobre as vilas operárias no Brasil, uma discussão muito presente refere-se a determinadas práticas sociais como sendo de cunho “paternalista”. Em um dos sentidos mais utilizados para o termo, genericamente, o industrial ou empresário sentia-se no dever de educar seus operários. Não só se tratando de comportamento no trabalho, digamos, mas em todas as dimensões da vida social. O pobre era ignorante, seus costumes considerados impróprios, e por isso era dever dos ricos educá-los de acordo com o que achavam certo. Práticas paternalistas seriam, portanto, modos ou formas de submeter os trabalhadores ao controle da classe dominante.

Nos modelos de fábrica com vila operária, essas práticas são facilmente encontradas pela historiografia. Há muitas afirmações exageradas, em que se confunde frequentemente a intenção com o resultado efetivo da ideia de controle. Olha-se para o paternalismo como uma relação de poder apenas de cima para baixo, ignorando a relação inversa.

Toda prática na relação de classes é negociada, mesmo que em condições desiguais. Ações que busquem impor uma determinada disciplina de trabalho, por exemplo, frequentemente são planejadas pelos industriais levando em conta as condições e a experiência dos trabalhadores. Muitas vezes podem encontrar resistência, necessitando mudar a estratégia, ou mesmo ceder em alguns pontos.

Ainda observando o livro comemorativo da Sadia, foi possível perceber algumas das tensões e disputas características do ambiente de trabalho na fábrica como podemos notar no trecho transcrito abaixo:

A campanha Operário Padrão/90, realizada para eleger o representante da Frigobrás/Sadia, foi muito movimentada, contando com a participação de 29 bons candidatos, o que fez com que *a disputa* ficasse ainda melhor. Houve a participação de todos os colegas de trabalho, pois cada área queria eleger o seu candidato. Os murais da empresa ficaram lotados, faltando até espaço para os cartazes de propaganda dos candidatos, onde a criatividade esteve muito presente. Os candidatos tiveram apenas uma semana para fazer sua campanha e aproveitaram cada minuto de seu tempo, *semelhante à campanha política, porém sem nenhuma agressividade*, havendo, inclusive brincadeiras entre eles. *Houve distribuição de “santinhos”, cabo eleitoral, comícios relâmpagos, divulgação no jornal da cidade, boca de urna, utilização de megafone, mini-curriculum, caricaturas para os cartazes e até adesivos nos capacetes.* A eleição se deu com muita tranquilidade e a participação foi notável. Dos 3.960 funcionários, 2.977 votaram, perfazendo 75,2% do total, sendo eleito o Sr. Joaquim (de tal) com 439 votos. Quanto à apuração dos votos, a mesma também transcorreu dentro de um clima de tranquilidade, contando com a presença dos candidatos até sua conclusão³⁵ (destaques nossos).

A partir desse longo trecho reproduzido aqui, é possível propor alguns pontos interessantes acerca da relação entre empresa e trabalhadores. Primeiro, destaca-se que a iniciativa do concurso foi da empresa, sem que houvesse aí qualquer participação dos trabalhadores. Além disso, o concurso procurava incitar um clima de competição entre os operários, já entre os operários e a empresa não. Se prestarmos atenção nos termos e frases destacadas em itálico, percebemos que o redator do texto, contratado pela administração do frigorífico, faz uma forçosa comparação da “campanha” supostamente promovida pelos candidatos a “operário padrão” com uma campanha política. Isso tem uma explicação plausível.

Durante toda a década de 1980, foram intensas as disputas entre os trabalhadores da Sadia com a administração do mesmo frigorífico. Foram naqueles anos que os operários se organizaram para exigir a criação e atuação consistente do sindicato, nos anos finais da última ditadura imposta pelos militares no Brasil. O processo foi turbulento, com diversos conflitos e perseguição das lideranças (PEREIRA, 2013).

³⁵ LIVRO Operário Padrão. Curitiba: Serviço Social da Indústria DR-PR,1990.

Seu Miguel, que trabalhava no armazém de seu tio, o único que existia na vila operária até finais da década de 1980 se lembra bem deste conflito. A grande maioria dos fregueses eram trabalhadores da Sadia: “aqui o principal era os que trabalhavam na Sadia ali. De começo foi frigorífico Pioneiro. Não tinha muita coisa. Quem não trabalhava na Sadia trabalhava braçal, mas eram poucos. Não tinha muita gente na época”. Nas conversas diárias com os fregueses, Miguel ficava sabendo dos acontecimentos. Sobre as disputas pela criação do sindicato, diz ele: “Ah... houve muita discussão na época por causa do sindicato. Era coisa que não existia. Os líderes, os que lideraram o sindicato acabaram saindo da Sadia. Muita gente teve que sair, foi mandado embora né”.

É nesse contexto que o concurso “operário padrão” e a forçosa comparação deste com as disputas sindicais ganha sentido. Para a Sadia, obviamente, era muito melhor que os trabalhadores ocupassem seu tempo competindo individualmente entre si para ver quem era o melhor, quem trabalhava mais, em vez de organizarem-se em um coletivo e confrontarem a empresa. Ao contrário das disputas sindicais recentes, o concurso aconteceu “sem agressividade”.

As estratégias por parte da empresa para persuadir os trabalhadores a produzirem mais (operário padrão) e a permanecerem no emprego (casa na vila) devem ser vistas também a partir de outro lado. Apesar das lembranças duras e das implicações que o trabalho exerceu na vida de muitos trabalhadores como Elenir, Joaquim, Fernando, devemos lembrar também que isso permitiu a continuidade de alguns costumes, que essas pessoas trouxeram junto com suas experiências de vida. Na condição de ex-trabalhadores do campo, por ofício, trabalhar e morar no mesmo local sempre vieram junto no mesmo pacote. Não eram acostumados a pagar aluguel e achavam isso um absurdo.

Se prestarmos atenção, as estratégias da empresa ocorreram levando em conta os costumes dos trabalhadores. Migrantes, eles escolheram justamente Toledo, no espaço da vila operária para ficar, pois aquilo oferecia algo que eles perderam quando saíram do campo: o trabalho e a casa no mesmo espaço, a solidariedade dos companheiros de trabalho, até mesmo as hortas existentes na vila e a carne que conseguiam comprar mais barato do que no mercado, faziam parte de seu repertório cultural acumulado até então.

Na pesquisa de Brandão Lopes (1971), citada no primeiro capítulo, acontece algo interessante: os operários por ele entrevistados não se reconheciam como tais, salvo talvez aqueles que ocupavam cargos de supervisão. Temos a impressão que ocorre algo parecido com as pessoas que entrevistamos quando falamos sobre si mesmas e suas trajetórias de vida.

Podemos elencar pelo menos dois motivos principais: 1) eles não reconhecem o lugar onde moram como uma “vila operária”, apesar de consentirem que sempre fora um espaço destinado aos funcionários da Sadia; 2) durante as falas, esses senhores e senhoras comentam muito mais sobre sua trajetória de vida como um todo, enaltecendo as diversas atividades que já desenvolveram, e falam pouco sobre o trabalho na Sadia.

Mesmo tendo passado diversos anos dentro da fábrica, suas experiências anteriores e posteriores ao trabalho como operário é que definem sua identidade. Não se veem como operários, ou então se veem parcialmente, como seu Fernando, que disse saber profissionalmente apenas fazer presunto, mas não profissionalmente sabe exercer diversas atividades, das quais passou a maior parte do tempo falando, como na época em que rezava missa quando vivia no campo. Essas são as lembranças alegres que ele tem, que ele valoriza e que definem sua identidade, muito mais do que o trabalho como operário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vila operária estudada em Toledo apresenta características gerais - que permitem definir àquele espaço utilizando esse conceito - similares com algumas experiências desse tipo de empreendimento na história. As cinco características apresentadas no terceiro capítulo estão presentes no lugar pesquisado.

Vimos que, apesar da Sadia ter formalmente se desvinculado da área em questão, na prática e desde o início do processo ela exerceu influência naquele espaço. O trabalho era o que estabelecia o elo da relação entre os moradores e a empresa. Com certeza, se saíssem do frigorífico teriam dificuldades em continuar pagando as prestações da casa. Era a partir do trabalho, e não da moradia, que eles se viam obrigados a continuarem como empregados da Sadia.

As vilas operárias surgem durante um estágio específico do desenvolvimento capitalista, em que a relação entre capital e trabalho assume uma forma “paternalista”. Para os industriais, elas servem como tentativas de fixação e de disciplinarização da mão de obra ainda não acostumada ao trabalho na fábrica. Para os trabalhadores, expropriados de seus lugares e ofícios de origem, elas servem como possibilidade de estabilizar-se em um lugar para poderem produzir sua vida. Eles aproveitam o que pensa o industrial (com relação ao seu dever de educar os operários) para levar vantagem em contextos de difícil acesso a uma moradia decente perto do trabalho.

Há duas correntes historiográficas que divergem teórica e metodologicamente na abordagem desses espaços de moradia dos trabalhadores. Uma delas os concebe como espaços extremamente disciplinadores e favoráveis apenas aos industriais. Outra, vinculada à História Social do Trabalho, percebe também o modo de agir dos sujeitos que ocupavam as vilas operárias.

Em sua saga pela compreensão do universo operário inglês, a vida cotidiana e os espaços que ocupavam as pessoas - que eram em sua maioria pequenos camponeses e artesãos expropriados pela burguesia industrial - Engels registrou o aparecimento das primeiras vilas operárias, apesar de não utilizar este conceito. Percebemos isso no seguinte trecho do capítulo “As grandes cidades”:

O operário é constringido a viver nessas casas já arruinadas porque não pode pagar o aluguel de outras em melhor estado, porque não existem moradias

menos ruins na vizinhança das fábricas ou porque, ainda, elas pertencem ao industrial e este só emprega os que aceitem habitá-las (ENGELS, 2010[1845], p. 101).

Entre as “moradias menos ruins” mencionadas por Engels dentre as possibilidades encontradas pelos operários ingleses no final da primeira metade do século XIX, estão, portanto, as que “pertencem ao industrial e este só emprega os que aceitem habitá-las”. Essas habitações ficaram famosamente conhecidas como *vilas operárias*. O que as diferenciava de outros espaços de moradia, como característica geral, era o fato da propriedade das casas pertencer ao industrial. Nessa abordagem, as vilas operárias se revelam como um mecanismo de controle, exploração e disciplinarização dos trabalhadores.

A importância desse estudo feito por Engels reside no fato desse demonstrar que as vilas operárias inglesas, do século XIX, tiveram como seus primeiros moradores, camponeses e artesãos expropriados, um perfil muito parecido com os trabalhadores estudados em Toledo. Desse ponto de vista, essa comparação nos permite afirmar que não houve grandes mudanças históricas na constituição das vilas operárias até pelo menos os anos 70 do século XX.

Uma das preocupações que nortearam as pesquisas acadêmicas sobre a constituição das vilas operárias no Brasil foi o estudo do processo de “transformação” dos pequenos agricultores, de práticas tradicionais de subsistência, em operários. Expropriados de suas terras, com poucas opções para morar e trabalhar e acostumados a viverem perto do trabalho, essas pessoas encontraram no emprego dentro das usinas e a casa nas vilas operárias possibilidades estáveis para seguirem com suas vidas e garantir a reprodução de sua família. Para os industriais, o modelo fábrica com vila operária servia como estratégia para imobilizar sua força de trabalho em potencial.

Embora com abordagens teórico-metodológicas diferentes, as pesquisas de Eva Blay (1985) e Margareth Rago (1985) evidenciam um mesmo perfil de trabalhadores nas vilas operárias da cidade de São Paulo ao longo do século passado. Inclusive, uma relação entre capital e trabalho que se repete em diversos processos de industrialização pelo mundo. Essa relação é chamada de “paternalista” por alguns autores.

Durante as décadas de 1970 a 1990, se desenvolveu uma relação entre trabalho e capital de cunho paternalista na região Oeste do Paraná, fazendo parte dessa relação as vilas operárias. Do ponto de vista do industrial, obviamente isso foi vantajoso no sentido de fixar a mão de obra perto da fábrica, explorando o operário o máximo que conseguia, e de se

aproveitar de sua posição de influência – mascarada com o manto da civilidade burguesa - para harmonizar possíveis conflitos entre trabalhadores e empresa.

As vilas operárias surgem como produtos de um processo específico de acumulação capitalista, que se dá na relação entre trabalhadores expropriados do campo ainda não acostumados ou identificados com a condição operária e o industrial que necessita fixar essas pessoas – sua força de trabalho em potencial - perto da empresa, em contextos de difícil acesso à moradia.

Por outro lado, tomando como referência os estudos na área de História Social do Trabalho, em particular a abordagem construída por Lopes (1988), é possível indicar que a constituição das vilas operárias não responde apenas aos imperativos do capital.

As lembranças dos trabalhadores que viveram na vila operária em Toledo indicam uma forte relação de pertencimento com o lugar onde moram. Não é para menos, sendo que passaram a maior parte da vida ali. São décadas morando em um só lugar, e muitas relações construídas.

Vendo a moradia na vila operária do ponto de vista dos personagens principais da pesquisa, entendemos que foi uma reivindicação morar perto do trabalho. O aluguel, a distância longa percorrida até o frigorífico, a falta de infraestrutura básica no bairro e de serviços públicos antes da construção da vila foram lembrados como fatores que incomodavam muito os trabalhadores.

Recém-saídos do campo estavam acostumados a encontrarem trabalho e moradia geralmente no mesmo espaço. Além disso, sempre dispuseram de hortas ou roçados para o plantio de subsistência, o que se repetiu nos lotes da vila operária.

Invertendo a relação paternalista, olhando-a de baixo para cima, conseguimos nos despir de uma leitura que trata os trabalhadores como vítimas do processo histórico ou sujeitos manipulados pela classe dominante. Sob outra perspectiva, as narrativas mostram uma trajetória de mudança na vida desses trabalhadores. De migrantes, expropriados do campo, em busca de trabalho e melhores condições de vida, a trabalhadores que resistiram, trabalharam e conquistaram sua casa. No início viram frustradas suas tentativas de conquistar uma vida melhor em solo urbano, avaliação que mudou depois de muito tempo. Agora aposentados, terminadas as parcelas da casa e com os filhos já adultos, é que fazem uma avaliação positiva da opção por mudar-se para Toledo, sem esquecer claro as decepções pelas quais passaram em suas trajetórias de vida.

Esses trabalhadores são a exceção que confirma a regra. De fato, eles foram alguns dos poucos de sua época que permaneceram morando na vila. Das 300 famílias iniciais restaram apenas 10. O trabalho na Sadia era difícil e extenuante, como eles mesmos lembram. Muitos desistiram. Eles não. Sua permanência foi fundamental para escrever esta história

REFERÊNCIAS

1 – BIBLIOGRAFIA:

BENCLOWICZ, C. M. **Prelúdio Modernista: construindo a habitação operária em São Paulo**. 1989. Dissertação (mestrado) - FAU-USP, São Paulo, 1989.

BLAY, E. A. **Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Nobel, 1985.

BOSI, A.P. “Um ensaio sobre industrialização, desenvolvimento econômico e trabalho degradado no Oeste do Paraná” In: _____. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente**. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 79-120.

_____. “História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2010)”. **Revista de História Regional**. Vol. 16. Número 02. Ano15. Departamento de História. Universidade Estadual de Ponta Grossa: Ponta Grossa 2011b, p. 400-430.

_____. “História das relações de trabalho na cadeia produtiva avícola no Brasil (1970-2010). In: _____. **Precarização e intensificação do trabalho no Brasil recente**. Cascavel: Edunioeste, 2011, p. 11-30.

_____. “Significados da globalização: percursos e percalços de trabalhadores da Krupp no Brasil” **Revista História e Perspectivas**. Vol. 25. Número 46. Ano 21. Departamento de História. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 2012, p. 135-180.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

FANO, Lucas. B. **Uma vila, um frigorífico e algumas histórias: trabalho, moradia e experiências de trabalhadores em Marechal Cândido Rondon (1969-1992)**. 86f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

FINKLER, A. L. **Os problemas de saúde dos trabalhadores e a relação com o processo de trabalho em frigoríficos**. Trabalho de Conclusão de Curso. Graduação em Enfermagem. Cascavel. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007.

FONTANA, A. **História da minha vida**. Rio de Janeiro: Vozes, 1980.

GRANDO, G. D. **Luta de classes, trabalhadores e frigoríficos em Cascavel-PR (1980-2015)** Dissertação (Mestrado – História). Marechal Candido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2017.

HOBBSAWM, E. “A história de baixo para cima” In: _____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LOPES, J. S. L. **O vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés.** São Paulo: Marco Zero, 1988.

NERI, C. **Entre “irregularidades” e sociabilidades: histórias de crianças e adolescentes pobres em Toledo-PR (1980-1990).** Dissertação (Mestrado – História). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012.

PAOLI, M. C.; SADER, E.; TELLES, V. da S. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico (notas de uma pesquisa). **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH, n. 6, p. 129-149, set. 1983.

PEREIRA, Fagner Guglielmi. **Entre a propaganda do progresso econômico e a experiência dos trabalhadores: um estudo sobre o trabalho agroindustrial em Marechal Cândido Rondon (2000-2010).** TCC (Graduação) - Curso de História, Departamento de Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2011.

_____. **Trabalhadores de frigorífico: trabalho, lazer e moradia (1960-1980).** Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Marechal Cândido Rondon, 2014.

PEREIRA, M. C. **Trabalho, moradia e cidade: lutas de trabalhadores no Pouso Frio de Toledo (1950-1990).** Dissertação (Mestrado – História). Marechal Cândido Rondon: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2016.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, Educ, São Paulo, n. 14, 1997, pp. 25-39.

RAGO, M. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980).** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

TEIXEIRA, P. P. **A fábrica do sonho: trajetória do industrial Jorge Street.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** 3 volumes. Coleção Oficinas da História. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

_____. “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial” In: **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (p. 267-304)

_____. “La sociedad inglesa del siglo XVIII: ¿lucha de clases sin clases?” In: **Tradicción, revuelta, y consciencia de classe.** Editorial Crítica: Barcelona: 1979.

VARUSSA, R. “Daí, eu agarrei o mundo”: experiências e trajetórias de trabalhadores “sem profissão definida” a partir do Oeste do Paraná (décadas de 1970 a 2000). **História e Perspectivas**, Uberlândia, n. 43, p. 71-102, jul. dez. 2010.

VIANNA, M. P. **Habitação e modos de vida em vilas operárias**. São Carlos: Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, 2004.

2 - REPORTAGENS CITADAS DA INTERNET:

“Crescimento atrai e gera novos investimentos”. **Revista Toledo**, disponível: <http://en.calameo.com/read/000466484df211885e231?editLinks=1>
Consultado em 06 de setembro de 2016.

“História de Toledo”. **Portal da cidade**, disponível:<http://toledo.portaldacidade.com/historia> Consultado em 06 de setembro de 2016.

“Pudell: ‘Fui eu quem trouxe a Sadia para Toledo’”. Reportagem, **Jornal do Oeste**, disponível:<http://www.jornaldooeste.com.br/cidade/2013/10/pudell-fui-eu-quem-trouxe-a-sadia-para-toledo/913151/> Consultado em 10 de Novembro de 2015.

“EgonPudell: um fã de JK, desbravando o Oeste”. Reportagem do **Jornal Gazeta Toledo**, disponível:
http://www.gazetatoledo.com.br/NOTICIA/11349/EGON_PUDELL_UM_FA_DE_JK_DES_BRAVANDO_O_OESTE
Consultado em 06 de setembro de 2016.

“Trajetória de Toledo tem a marca do crescimento”. Reportagem da **Revista Toledo**, disponível: <http://en.calameo.com/read/000466484df211885e231?editLinks=1>
Consultado em 06 de setembro de 2016.

3 – JORNAIS IMPRESSOS:

JORNAL DE MARINGÁ. “Pioneiro inaugura frigorífico em Toledo”. 13 de outubro de 1967.

4 - FONTES ORAIS:

A. de M. S., Vila Pioneira, Toledo (PR). 12. Out. 2015. Entrevista realizada por Lucas Blank Fano. Duração: 40m.

F. e A. M., Vila Pioneira, Toledo (PR). 07. Dez. 2015. Entrevista realizada por Lucas Blank Fano. Duração: 2h31m.

I. O. N., Vila Pioneira, Toledo (PR). 20. Nov. 2016. Entrevista realizada por Lucas Blank Fano e Gustavo Schneider. Duração: 39m.

J. M. dos S., Vila Pioneira, Toledo (PR). 20. Jun. 2016. Entrevista realizada por Lucas Blank Fano, Antonio Bosi e Gustavo Schneider. Duração: 26m.

J. e E. dos S., Vila Pioneira, Toledo (PR). 15.Jun.2016. Entrevista realizada por Lucas Blank Fano e Antonio Bosi. Duração: 54m.

Padre André, Vila Pioneira, Toledo (PR). 25. Jun. 2016. Entrevista realizada por Antonio Bosi e Gustavo Schneider. Duração: 55m.

Walmor Lodi, Centro, Toledo (PR). 05. Dez. 2016. Entrevista realizada por Lucas Blank Fano. Duração: 46m.